



Daniel Pinho Senos de Jesus

**A Transmissão Psíquica do Ódio entre Gerações:
Impactos no Campo Psicanalítico**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Silvia Maria Abu-Jamra Zornig

Rio de Janeiro,
Janeiro de 2022



Daniel Pinho Senos de Jesus

**A Transmissão Psíquica do Ódio entre Gerações:
Impactos no Campo Psicanalítico**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Profa. Silvia Maria Abu-Jamra Zornig
Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Andrea Seixas Magalhães
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Carlos Augusto Peixoto Junior
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Fernanda Pacheco Ferreira
Instituto de Psicologia - UFRJ

Profa. Issa Leal Damous
Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental - UFF/RJ

Rio de Janeiro, 07 de janeiro de 2022.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização do autor, do orientadora e da universidade.

Daniel Pinho Senos de Jesus

Graduou-se em Psicologia no ano de 2013 pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Especialista em Psicologia Clínica com Crianças pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professor do Curso de Psicologia Clínica com Crianças da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Membro Provisório da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – SBPRJ. Dedicar-se atualmente à área clínica e pesquisas acadêmicas no campo da psicologia/psicanálise.

Ficha Catalográfica

Jesus, Daniel Pinho Senos de

A transmissão psíquica do ódio entre gerações : impactos no campo psicanalítico / Daniel Pinho Senos de Jesus ; orientadora: Silvia Maria Abu-Jamra Zornig. – 2022.
161 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2022.
Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Ódio. 3. Identificação projetiva. 4. Transmissão psíquica. 5. Claustro transgeracional. 6. Contratransferência. I. Zornig, Silvia Maria Abu-Jamra. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Para Jacqueline Loeser e Valentina Loeser Senos,
minhas maiores conquistas

Agradecimentos

À minha família pelo apoio incondicional e acolhimento em momentos difíceis. Jac, minha esposa, Valentina, minha filha, Salete (*in memoriam*), minha mãe, Arthur, meu pai, Vera, minha tia e segunda mãe. Sem vocês não seria possível.

À Silvia Zornig pela dedicação, afeto e aposta em meu trabalho, uma das minhas maiores referências profissionais. Não tenho palavras para agradecer pelo aprendizado.

Ao Daniel Nery de Carvalho, irmão que a vida me deu.

À Suzy, pela parceria, empolgação e auxílio em pesquisar no acervo da biblioteca da SBPRJ.

Ao Bernard Miodownik, pela escuta implicada.

Aos meus alunos, pela motivadora aventura pedagógica de ser um eterno aprendiz.

À PUC-Rio, pelo apoio e compreensão em tempos de exceção.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

Resumo

Senos de Jesus, Daniel Pinho; Zornig, Silvia Maria Abu-Jamra. **A Transmissão Psíquica do Ódio entre Gerações: Impactos no Campo Psicanalítico**. Rio de Janeiro, 2021. 161pp. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente tese tem como objetivo investigar os desdobramentos do ódio na constituição subjetiva em sua dimensão transgeracional em função de falhas ambientais ocorridas nos primórdios da vida psíquica na relação com o objeto primário. A reflexão sobre o ódio no pensamento psicanalítico começa atrelada à neurose obsessiva e, posteriormente, é expandida para contemplar os primeiros movimentos psíquicos do ego em relação ao objeto. A radicalidade que tal sentimento pode assumir no psiquismo devido a severas falhas na *rêverie* materna ocasionam a interrupção da função comunicativa da identificação projetiva. Dessa maneira, o ódio revela sua face destrutiva, uma vez que o psiquismo se encontra colonizado por objetos bizarros impossíveis de serem metabolizados pelo continente materno. As derivações desses traumatismos precoces na formação do *self* afetam profundamente a modalidade identificatória em ação, prevalecendo o seu uso adesivo que impede a construção de espaços psíquicos. A manifestação do claustro como derivativo do ódio traumático possui profundos impactos na existência do indivíduo, que experimenta uma relação de encarceramento com o objeto primário. Investigamos de que maneira o ódio é passível de se perpetuar entre gerações ao assumir um caráter transgeracional, no qual prevalece a lógica do segredo e da identificação alienante, que impede a atuação da identificação projetiva como via de comunicação intergeracional. Defendemos que essa forma de perpetuação críptica e condensada do ódio se manifesta em uma configuração psicopatológica que nomeamos como claustro transgeracional, que provoca impasses no campo psicanalítico e convoca o psicanalista ao trabalho implicado e empático através da contratransferência enquanto instrumento clínico.

Palavras-chave

Ódio; Identificação Projetiva; Transmissão Psíquica; Claustro Transgeracional; Contratransferência.

Résumé

Senos de Jesus, Daniel Pinho; Zornig, Silvia Maria Abu-Jamra (Directrice de thèse). **La Transmission Psychique de la Haine entre les Générations: Impacts sur le Champ Psychanalytique**. Rio de Janeiro, 2021. 161pp. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

La présente thèse vise à étudier le déploiement de la haine dans la constitution subjective dans sa dimension transgénérationnelle en fonction des échecs environnementaux survenus aux premiers stades de la vie psychique dans la relation avec l'objet primaire. La réflexion sur la haine dans la pensée psychanalytique commence liée à la névrose obsessionnelle et s'élargit ensuite pour envisager les premiers mouvements psychiques du moi par rapport à l'objet. La radicalité qu'un tel sentiment peut assumer dans le psychisme en raison de graves failles dans la rêverie maternelle provoque l'interruption de la fonction communicative de l'identification projective. La haine révèle ainsi son visage destructeur, puisque le psychisme est colonisé par des objets bizarres, impossibles à métaboliser par le continent maternel. Les dérivations de ces traumatismes précoces dans la formation du moi affectent profondément la modalité identificatoire en action, prévalant son utilisation adhésive qui empêche la construction d'espaces psychiques. La manifestation du claustum comme dérivé de la haine traumatique a des impacts profonds sur l'existence de l'individu, qui vit une relation d'emprisonnement avec l'objet primaire. Nous étudions comment la haine est susceptible de se perpétuer entre les générations en assumant un caractère transgénérationnel, dans lequel la logique du secret et de l'identification aliénante prévaut, empêchant l'action de l'identification projective comme moyen de communication intergénérationnelle. Nous soutenons que cette forme de perpétuation cryptique et condensée de la haine se manifeste dans une configuration psychopathologique que nous nommons claustum transgénérationnel, qui provoque des impasses dans le champ psychanalytique et convoque le psychanalyste au travail implicite et empathique par le contre-transfert comme instrument clinique.

Mots-clés

Haine; Identification Projective; Transmission Psychique; Clastrum
Transgénérationnel; Contre-transfert.

Sumário

1	Introdução	12
2	Primeiras incursões sobre o ódio	19
2.1	A neurose obsessiva: uma compreensão inicial do ódio	21
2.2	A ambivalência de sentimentos.....	26
2.3	Uma teoria do ódio.....	32
2.4	Ódio e o mundo interno	38
2.4.1	A agressividade e sua manifestação precoce na subjetividade	39
2.4.2	O superego arcaico.....	45
2.4.3	A inveja primária e a radicalidade do ódio.....	48
3	O ódio e seus impactos nos primórdios da vida psíquica	54
3.1	O conceito de identificação projetiva.....	55
3.2	A forma rudimentar de comunicação e a <i>rêverie</i> materna	63
3.3	Adesividade e espacialidade.....	67
3.4	A formação do claustro	70
3.5	A parte bebê do <i>self</i> e a dimensão sensorial primitiva	84
4	A transmissão psíquica e o ódio transgeracional.....	90
4.1	A transmissão psíquica entre gerações	91
4.2	Fantasma de transmissão e invasão imagoica.....	101
4.3	A cripta e o claustro transgeracional.....	110
5	Os destinos do ódio no campo transferencial-contratransferencial	117
5.1	A ideal neutralidade da relação psicanalítica	119
5.2	A contratransferência como ferramenta clínica	123
5.3	O campo psicanalítico.....	132
5.4	Fragmentos Clínicos.....	136
5.4.1	Caso Heitor.....	137
5.4.2	Caso Aquiles	138
5.5	As transformações no campo e a continência possível do claustro transgeracional.....	141
6	Considerações finais	147

7 Referências Bibliográficas 153

Ando muito completo de vazios.
Meu órgão de morrer me predomina.
Estou sem eternidades.
Não posso mais saber quando amanheço ontem.
Está rengo de mim o amanhecer.
Ouço o tamanho oblíquo de uma folha.
Atrás do ocaso fervem os insetos.
Enfiei o que pude dentro de um grilo o meu
destino.
Essas coisas me mudam para cisco.
A minha independência tem algemas.

Manoel de Barros, *Deslimites da palavra*

Introdução

A discussão a respeito das configurações clínicas prevalentes na contemporaneidade é extensa e atravessa décadas do pensamento psicanalítico. Longe de ser uma discussão inovadora, é possível localizá-la desde o próprio desenvolvimento do pensamento psicanalítico com o debate trazido por Sándor Férenczi sobre a técnica psicanalítica e as clivagens presentes em casos de traumatismos precoces. Atravessando diversos autores da história da psicanálise de variedades correntes teóricas, ressaltamos um importante deslocamento ocorrido; a qualidade da relação com o objeto primário e o ambiente começam a despertar o interesse dos psicanalistas, trazendo para o cerne das reflexões a intersubjetividade e sua importância para a constituição subjetiva e os processos de integração que permeiam os primeiros momentos de vida do indivíduo. Logo, acompanhamos tal interesse pelos aspectos arcaicos da vida psíquica e das primeiras formas de assimilação do mundo externo e de si mesmo, assim como sua importância clínica em suas modalidades traumáticas, quando falhas ambientais severas ocorrem nessa etapa da formação do *self*, desencadeando uma série de desdobramentos para a dinâmica relacional estabelecida, assim como as formas de identificação que assumirão protagonismo nesses casos.

Paralelo à discussão sobre a problemática das configurações clínicas contemporâneas e suas bases nos primórdios da vida psíquica, também achamos de grande relevância as contribuições de teóricos que buscaram compreender para além do eixo intrapsíquico e intersubjetivo, propondo reflexões importantes a respeito da intergeracionalidade para a constituição subjetiva. A temática da transmissão psíquica e seus percalços durante os processos de filiação e assimilação da herança entre gerações nos interessou para auxiliar a pensar de que forma elementos psíquicos que não encontram integração possível dentro de uma geração em particular pode ser transmitido de forma encriptada, silenciosa e

caótica entre gerações, perpetuando uma espécie de legado maldito que permanece secreto, clivado do restante do *self*, embora constitua um núcleo de profundo sofrimento e dor sem voz.

Levando em consideração esses dois grandes temas de debate, a presente investigação surge da nossa prática clínica de orientação psicanalítica a partir da inquietação perante os impasses vivenciados no campo transferencial-contratransferencial, em especial com pacientes que apresentavam uma forma particular de funcionamento psíquico que nos convocava a um trabalho mais empático e ativo. Notamos que tais pacientes, embora fossem assíduos e relativamente investidos no trabalho de análise, na relação transferencial-contratransferencial permeavam o campo de elementos estranhos, que ressoavam na pessoa do analista. A comunicação tornava-se esvaziada de afetos, embora as palavras continuassem a circular durante as sessões; a atmosfera das sessões era tomada por um forte pesar, no qual narrativas trágicas tornavam-se cômicas, ou mesmo sentimentos impossíveis de serem expressados não encontravam palavras para serem ditos, mas causavam impacto na contratransferência e na função continente do analista. Tratava-se de pessoas cuja história de vida fora permeada por violências diversas no ambiente familiar que se desdobraram em falhas no estabelecimento das primeiras relações do indivíduo com o objeto primário, evocando graus maiores de cisão no cerne do *self*. As experiências de intrusão e de abandono eram corriqueiras na vida psíquica de tais pacientes e se manifestavam em rompantes de agressividade, direcionados tanto ao objeto externo como a si mesmo, assim como a impossibilidade de se envolver profundamente com os outros que o cercam.

Tendo como ponto de partida tais fenômenos contratransferenciais, começamos a nos indagar a respeito da gama afetiva que envolveria o funcionamento desse grupo de pacientes e consideramos que o ódio possuía um lugar determinante, uma vez que, de forma inconsciente, determinava um movimento de repulsa e afastamento do objeto, ao mesmo tempo que cerceava a existência do próprio indivíduo em si mesmo. No entanto, começamos a pensar nas narrativas trazidas, assim como a brutalidade que tais manifestações apresentavam no campo psicanalítico. Suspeitamos que tais pacientes, em função de carência severa do ambiente familiar, portavam elementos impossíveis de

serem integrados provenientes não somente da dimensão intersubjetiva, mas de conteúdos encriptados que se perpetuaram secretamente entre gerações, mas não encontravam formas possíveis de narrativa. Se notamos o ódio inconsciente atuando enquanto sentimento prevalente na dinâmica intersubjetiva das sessões, nos indagamos se seria possível pensarmos em uma dimensão transgeracional do ódio, assim como seus impactos na constituição subjetiva e, conseqüentemente, no campo psicanalítico. Também pensamos que seria importante pensarmos de que forma o psicanalista, diante de fantasmas geracionais encriptados que despertam, poderia atuar como continente psíquico possível para essa dimensão desorganizadora do ódio que atravessa gerações.

No primeiro capítulo de nosso trabalho, percorremos alguns desdobramentos iniciais a respeito do ódio no pensamento psicanalítico para caracterizar a compreensão que se desenvolveu inicialmente sobre tal sentimento dentro do nosso campo de pesquisa. Inicialmente, abordamos os estudos freudianos sobre a neurose obsessiva e sua vinculação com o ódio. Embora presente em estudos prévios, é nas elaborações sobre a organização psíquica da neurose obsessiva que o ódio encontrará uma reflexão amadurecida no que tange seu papel na constituição, em especial ao compor a díade conflituosa com o amor. A partir deste quadro clínico, Freud propõe que o ódio poderia ser compreendido em outras patologias, resguardadas as suas particularidades, assim como opera um deslocamento importante ao compreender que tal sentimento desempenharia importante papel na própria constituição psíquica, antecipando suas teses a respeito do narcisismo e das identificações.

Seguimos nossa argumentação discutindo as contribuições freudianas acerca da ambivalência psíquica em “Totem e Tabu”, uma vez que envolvem um aprofundamento do modelo da neurose obsessiva em uma intersecção interessante entre o plano individual e social a partir do mito da horda. Procuramos nos aprofundar na tentativa de Freud em articular o ódio a uma descarga impulsiva através das tendências hostis dirigidas ao pai e a apropriação deste como objeto, conforme já havia apresentado em 1909 a respeito do Homem dos Ratos. Explicamos que o ódio figurava como um promotor de atos violentos ao eleger um objeto como destino de sua descarga, assim como poderia ser transmutado em medo, como os tabus demonstram. Também explicamos de que forma o ódio

passaria a ser compreendido de forma ampliada ao se articular com o narcisismo e a constituição subjetiva, fruto das primeiras identificações que formam o ego e responsável pelos primeiros movimentos, ao lado do amor, em relação ao objeto. Destacamos o papel do ódio em sua dimensão estruturante, como forma de preservar o aparelho psíquico ao afastar elementos desprazerosos.

Discorreremos sobre a forma pela qual a obra de Melanie Klein adentrou com bastante ênfase na questão do ódio enquanto presente desde o início da vida psíquica, relacionado à existência precoce de um ego rudimentar em atividade contra as ameaças constantes de aniquilamento advindas do mundo interno e externo. O ódio é protagonista no pensamento da autora para justificar suas teses a respeito dos processos psíquicos arcaicos operantes desde os primórdios, tais como os impulsos sádicos e a agressividade, assim como defesas frente às ameaças oriundas do encontro com o objeto, este gerador de intensas angústias. Abordamos de que forma a autora compreendia a importância da relação primária com o objeto para a formação da constelação de objetos internos do ego do bebê, assim como os mecanismos envolvidos desde cedo na vida psíquica, tais como a introjeção, projeção e a cisão, atravessadas pela constante ameaça de destruição que permeia a existência do *self*.

A partir do rico sistema conceitual construído por Melanie Klein e suas descrições a respeito das fantasias inconscientes que acompanham a constituição psíquica desde seu início, é notável que o par amor e ódio se presentifica nas figuras da integração e destrutividade em seu caráter primitivo. Como forma de aprofundar a compreensão da autora sobre a natureza primordial do ódio vinculado à destrutividade na relação objetal elegemos dois conceitos importantes de sua obra, o superego arcaico e a inveja, que refletem bem a importância do sentimento em questão para a sua teoria. Nosso intuito foi de averiguar a importância que a autora, por vezes de forma controversa, atribuía ao papel do ódio e seus precoces impactos no *self* do bebê e nas relações de objeto.

No segundo capítulo aprofundaremos o nosso estudo acerca dos impactos do ódio na constituição subjetiva quando este se torna prevalente na relação com o objeto primário. Levamos em consideração as contribuições de Klein sobre o funcionamento da identificação projetiva como defesa frente à angústia paranoide, assim como a expansão promovida por Bion a respeito do conceito, uma vez que

propõe que essa modalidade identificatória precisa ser entendida como uma forma rudimentar de comunicação, englobando não só a esfera intrapsíquica e os objetos internos, mas também a intersubjetividade e a qualidade da relação com o objeto primário. Nesse sentido, será possível discutir tanto os impactos do ódio na esfera intrapsíquica como também na dimensão intersubjetiva e seus destinos em relação ao objeto externo.

Abordaremos os processos de comunicação arcaica entre mãe-bebê para investigar a relevância de tais interações no início da vida para a constituição da subjetividade. O processo de *rêverie* materna, que inclui a relação continente-conteúdo, são fundamentais para a integração do *self* e da assimilação das primeiras sensações que compõem as matrizes básicas da subjetividade e, conseqüentemente, das primeiras formas de simbolização. Nesse contexto, estudaremos qual seria o impacto do ódio, advindo da severa intolerância à frustração, poderia desencadear falhas no processo de *rêverie* materna, gerando formas de intenso sofrimento ao arremessar o bebê em um mundo habitado por objetos bizarros e aterrorizantes, impossíveis de serem assimilados. Por fim, exploraremos de que forma o ódio afeta a delimitação dos compartimentos geográficos do *self* em função do abalo na relação com objeto primário, no qual prevalecerão os processos intrusivos e a adesividade, aprisionando o *self* no corpo materno, determinado pela configuração do claustro como formação limitadora dos espaços psíquicos do indivíduo.

No terceiro capítulo, examinaremos o papel do ódio, em sua dimensão desagregadora, através das gerações, em especial no que concerne à transmissão psíquica de elementos bizarros que acarretam danos nos eixos intrapsíquico, intersubjetivos e intergeracional. Nossa argumentação terá como objetivo mapear os possíveis desdobramentos psicopatológicos provenientes de traumatismos gerados durante o processo de transmissão psíquica, em especial quando o ódio prevalece como o afeto central na trama familiar. Discutiremos os impactos da transmissão de elementos bizarros, perpetuados entre gerações e impossíveis de serem metabolizados em função de falhas da incapacidade de pensar/sonhar. Estudaremos também as formas de transmissão psíquica e sua relação com a identificação projetiva, que opera como importante modalidade entre gerações,

assim como assume um caráter danoso ao *self* quando permeada de elementos brutos.

Percorreremos as contribuições de diversos autores que se dedicaram à compreensão da transmissão psíquica entre gerações no intuito de, em um primeiro momento, caracterizar o tema, para, posteriormente, averiguarmos sua dimensão psicopatológica. Nesse sentido, abordaremos as formas de identificação alienante que poderia prevalecer quando o ódio assume a tônica da relação com o objeto primário, assim como fenômenos decorrentes dessa falha identificatória, como a telescopagem entre gerações. Também analisaremos de que forma os percalços identificatórios gerariam impactos na capacidade de comunicação da identificação projetiva, que desempenha um papel fundamental na transmissão de elementos psíquicos entre gerações, mas pode ser prejudicada pela desagregação protagonizada pelo ódio e o ataque aos vínculos. Dessa forma, traumatismos se instauram na constituição psíquica do sujeito e se perpetuam entre diversas gerações de forma encriptada, silenciosa e impossível de ser assimilado, um núcleo de ódio proveniente de uma herança maldita de outras gerações. Levando em consideração tais fatos, proporemos a noção de claustro transgeracional para pensar de que forma tais elementos traumáticos assombram o sujeito e o aprisionam em uma existência de espaços psíquicos limitados e em uma relação de intrusão com o objeto primário.

No quarto capítulo discutiremos as repercussões do ódio transgeracional no campo transferencial-contratransferencial e as possibilidades de trabalho psicanalítico diante da manifestação silenciosa do claustro transgeracional e das limitações impostas ao funcionamento psíquico do paciente, que passam a ser predominantes na relação analítica e sobrepujam a própria mente do analista. Investigaremos de que forma os elementos bizarros encarcerados na cripta psíquica do *self* do paciente surgem durante o processo psicanalítico. Nossa reflexão nos levará ao estudo da importância da contratransferência na situação analítica, desde o desinteresse freudiano pelo tema até as primeiras contribuições a respeito de sua relevância clínica. Tal deslocamento é paradigmático para compreendermos de que forma o ódio, antes isolado como um sentimento do analisando e projetado no analista, figura neutra que apenas espelhava os processos psíquicos daquele, gradualmente ganha outro entendimento à medida

que começam a surgir trabalhos dedicados ao funcionamento da mente do analista durante a sessão de análise, os sentimentos e sensações que ocorrem nele e qual seria a pertinência de tal fato na análise.

A noção de campo psicanalítico será explorada de forma pormenorizada no intuito de examinar as repercussões do claustro transgeracional, condensador do ódio perpetuado entre gerações de forma alienante, a partir de uma perspectiva que compreende o encontro psicanalítico como um fato intersubjetivo, uma via recíproca de comunicação cujo acontecimento só é possível através do entrecruzamento das identificações projetivas dos componentes da situação analítica. Dessa maneira, faremos um percurso a partir das primeiras contribuições a respeito dessa forma de entendimento da psicanálise e, a partir da apresentação de fragmentos clínicos, ensaiaremos algumas formas possíveis de trabalho da mente do analista diante da instauração do claustro transgeracional no campo psicanalítico, fato que impõe barreiras à comunicação através da identificação projetiva e convoca o analista a uma posição mais ativa e empática em relação ao sofrimento do analisando.

2

Primeiras incursões sobre o ódio

No presente capítulo investigaremos alguns aspectos concernentes à compreensão psicanalítica inicial do ódio, assim como sua importância para a dinâmica relacional que rege a constituição da subjetividade. Nosso objetivo será esclarecer de que forma o ódio comparece no pensamento psicanalítico de forma precoce, vinculado à teoria da sexualidade infantil e à fase anal (Freud, 1905/2010e) e, posteriormente, aos quadros clínicos, em especial a neurose obsessiva (Freud, 1909/2013; 1913/2010j) e, finalmente, descrito como relevante aspecto da vida psíquica e da relação de objeto (Freud, 1915/2010m). Julgamos necessário essa primeira incursão metapsicológica para caracterizar uma forma de compreender tal sentimento através da psicanálise, assim como assinalar a sua abrangência nos processos de constituição subjetiva e no estabelecimento da relação com o objeto primário.

Primeiramente, percorreremos os textos freudianos sobre a neurose obsessiva e sua vinculação com o ódio (Freud, 1909/2013; 1913/2010j). Apesar de sua presença em escritos prévios, é possível perceber que é a partir do aprofundamento acerca da organização psíquica da neurose obsessiva que o ódio será compreendido de forma mais madura, assim como seu papel na constituição subjetiva, especialmente quando proposto ao lado do amor, compondo uma díade conflituosa fundamental para desenvolvimentos posteriores (Mezan, 2014). Apoiado na investigação de tal configuração clínica, Freud sugere que o ódio estaria presente de forma distinta em outras patologias, assim como sugere que esse sentimento seria crucial para entender detalhadamente os processos de constituição psíquica, assinalando em confluência com suas futuras teses a respeito do narcisismo e das identificações.

A díade amor e ódio nos conduzirá diretamente à questão da ambivalência psíquica apresentada em “Totem e Tabu” (Freud, 1913/2012), já que tal discussão é proveniente da expansão do modelo da neurose obsessiva articulação entre o plano individual e o social, operado pela apresentação freudiana do mito da horda. Abordaremos a tentativa de Freud de vincular o ódio a uma descarga impulsiva,

atrelada a tendências hostis que seriam destinadas ao pai e a apropriação violenta do mesmo enquanto objeto, em convergência com sua argumentação prévia sobre o Homem dos Ratos. Nesse contexto, veremos que o ódio assume o lugar de fonte de atos violentos, uma vez que é destinado pelo sujeito ao objeto eleito como alvo de sua descarga, assim como também poderia oscilar para a vertente do medo, conforme o estudo sobre os tabus enunciam de forma mais precisa. Em seguida, explicaremos de que maneira o ódio começa a ocupar um lugar privilegiado no entendimento da constituição subjetiva, compondo em conjunto com a teoria do narcisismo e das identificações primárias uma abordagem acerca da formação do ego e dos primeiros movimentos de aproximação e distanciamento na relação de objeto (Freud, 1915/2010m)

Encontramos na obra de Melanie Klein uma convergência importante sobre a importância do ódio na vida psíquica, assim como prolongamentos feitos pela autora para descrever fenômenos vinculados aos primórdios da constituição do psiquismo (Klein, 1926/1996c; 1932/1997b; 1957/1991d; 1959b/1991). Nessa direção, adentraremos no estudo de como a autora entendia o ódio na vida psíquica, uma vez que sua proposta englobava a descrição da existência de um ego rudimentar em atividade desde o nascimento do bebê, pois precisaria se defender das ameaças de destruição constantes provenientes do mundo interno e externo. Veremos o protagonismo que o ódio assume para Klein ao ser vinculado aos impulsos sádicos e à agressividade, ao lado de defesas relacionadas ao encontro com o objeto que poderia gerar intensas angústias (Klein, 1926/1996c). Destacamos a compreensão de Klein a respeito da importância da relação de objeto primária para a formação da constelação de objetos internos que acompanharão o ego do sujeito, baseada em seu interesse pioneiro na aplicabilidade da psicanálise para tratar crianças (Klein, 1926/1996c; 1927/1996d; 1932/1997a).

Por fim, no intuito de demonstrar a aposta da autora em sua tese acerca da natureza primordial do ódio vinculado à destrutividade na relação objetal, exploraremos dois conceitos importantes de sua obra, o superego arcaico (Klein, 1926/1996c) e a inveja (Klein, 1957/1991d). Ambos refletem a importância do sentimento supracitado para a sua teoria a respeito das relações primárias e as

formações precoces do *self* e o mundo interno, assim como os impactos provenientes da face destrutiva do ódio.

2.1

A neurose obsessiva: uma compreensão inicial do ódio

A questão a respeito da precedência e de qual seria a tendência originária mais fundamental do psiquismo, o ódio ou o amor, está presente dentro do pensamento freudiano desde os primeiros desenvolvimentos da teoria psicanalítica. Trata-se de uma problemática que transcende o escopo da psicanálise; é possível encontrar tal discussão em disciplinas preocupadas em refletir sobre suas origens na natureza humana, como a filosofia. Para Simanke (2019, p.126), é possível encontrar em Platão uma indagação primordial sobre a existência humana, que permeia as reflexões antropológicas; seria o homem inclinado ao bem ou seria intrínseco à nossa natureza a tendência ao mal? A esse respeito, De Vleminck (2018, p.367) ainda complementa que o ódio não é um conceito genuinamente psicanalítico, presente em escritos mitológicos gregos e que, após o surgimento do elogio ao deus Eros, feito por Platão, houve uma importante mudança a respeito de sua compreensão. O ódio passaria a ser sinônimo da ausência de Eros, como negativo do mesmo para a tradição platônica, fato que influenciaria Freud em seu entendimento acerca do ódio em um primeiro momento, uma vez que foi atravessado pelos desdobramentos do Iluminismo e do Romantismo (De Vleminck, 2018, p.367). No entanto, é importante ressaltar que a visão freudiana a respeito do ódio sofre uma importante mudança, em especial após a publicação do texto sobre as pulsões (Freud, 1915/2010m), no qual o ódio assume um lugar determinante na teoria psicanalítica e se reafirma como paixão fundamental para o desenvolvimento da subjetividade, conforme veremos adiante.

Nesse sentido, acompanhamos a reflexão de Simanke (2019, p.126), que compreende a questão do amor e ódio como mais complexa, uma vez que traçar uma equivalência direta entre o ódio e o mal e o amor com o bem seria simplificar a discussão. Dessa forma, julgamos relevante o questionamento trazido pelo autor a respeito de quais seriam as raízes do amor e do ódio. “O ódio é o resultado de uma frustração ou distorção de uma tendência inicial para o bem, ou é o amor que

só pode resultar do apaziguamento e da neutralização de uma destrutividade primordial?” (Simanke, 2019, p.126). É importante destacar a importância da complexidade envolvida na construção de um raciocínio que separa o ódio de uma valoração necessariamente negativa e associada ao mal, uma vez que permite a adoção de uma visão amoral e polissêmica, diferentemente de uma simplificação maniqueísta.

Embora Simanke (2019, p.126) afirme que Freud teria uma visão pessimista, uma vez que considera o ódio como uma paixão mais fundamental e originária do que o amor, é importante sublinhar que o ódio para Freud não se limita à destrutividade ou mesmo ao mal em si; veremos adiante de que forma o ódio é encarado por Freud como uma paixão que implica em movimentos essenciais para a constituição do psiquismo, uma vez que desempenha um papel importante na diferenciação entre o eu e o outro (Freud, 1915/2010m). Apesar de afirmar a primazia do ódio em relação ao amor (Freud, 1915/2010m), o ódio é associado a um ímpeto em direção à instauração das primeiras diferenças entre o ego e o objeto. Nessa direção, Simanke (2019) faz uma aproximação entre Nietzsche e Freud, uma vez que ambos propõem uma visão positiva do ódio, diferente de uma perspectiva que o associe apenas à uma dimensão destrutiva ou ligada ao mal. Como o presente trabalho não se propõe a um estudo pormenorizado das relações entre os autores, nos restringiremos a comentar que este também localiza o amor e o ódio junto aos processos sensoriais mais simples e basais da existência humana (Nietzsche, 1886/1992, p. 92).

De Vleminck (2018, p.367) demonstra que Freud faz menção ao ódio em textos iniciais da psicanálise, tais como “A interpretação dos sonhos” (1900/2019) e “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/2010e). De acordo com o autor, Freud se remete ao ódio através de expressões como raiva e hostilidade, até que, a partir de 1905, o conceito de sadismo é estruturado como uma tentativa de descrição da agressividade, embora de forma imprecisa com relação à sua vinculação com o ódio (De Vleminck, 2018, p. 367). Embora ainda seja possível perceber uma tentativa de diferenciação entre ódio e sadismo em estudos sobre o chiste, no qual encontramos termos como agressividade hostil e agressividade sexual, ainda não há uma delimitação precisa entre os conceitos em questão (De Vleminck, 2018, p. 367).

A esse respeito, De Vleminck (2019, 367) destaca que a questão da agressividade não foi uma preocupação teórica inicial de Freud, quando propõe seus primeiros estudos sobre a histeria (Freud, 1895/2010b) e da sexualidade infantil (1905/2010e). O caso do pequeno Hans (Freud, 1909/2010f) é emblemático para assinalar a ênfase de perspectiva adotada por Freud a respeito de sua compreensão das neuroses através, principalmente, da histeria. Sobre o pequeno Hans, Mezan (2014, p.140) afirma que o ódio aparece de forma secundária na constelação edipiana do mesmo, relacionado ao desejo incestuoso, o qual Hans reage ao transformar o ódio ao pai transformando-o em medo de cavalos.

Mezan (2014) destaca que já havia uma preocupação de Freud em relação à neurose obsessiva em seus estudos iniciais (Freud, 1894/2010a), no qual apresenta uma primeira descrição da sintomatologia obsessiva, assim como seus mecanismos, mesmo que ainda tributário da teoria da sedução vigente na época. A princípio, embora Freud descreva manifestações clássicas da configuração clínica em questão, como a ruminação obsessiva e a crença em superstições (Freud, 1901/2010d), ainda há uma compreensão que a coloca no mesmo eixo que a histeria, através do entendimento de que seu fundo seria sexual e que seus sintomas seriam estruturados a partir do recalque e do deslocamento (Mezan, 2014).

Somente com o estudo de Freud a respeito da neurose obsessiva a partir do Homem dos Ratos (1909/2013) é que o autor dará uma atenção maior à questão da agressividade e, conseqüentemente, à temática do amor e ódio. Menezes (1991) comenta que a obra freudiana é pautada na tentativa de construção de um sistema teórico que dê conta do sofrimento neurótico desde o seu início. A noção de conflito defensivo, situado no dualismo pulsional e na oposição entre o eu como instância recalcante e o recalcado e sua dimensão fantasmática (Menezes, 1991) fundam uma compreensão distinta acerca do sintoma neurótico, encontrando na teoria dos sonhos sua pedra angular, sobre a qual Freud ensaia as suas primeiras contribuições a respeito do recalque e da tópica psíquica. No entanto, ao se deparar com a neurose obsessiva, Menezes (1991) afirma que tal teoria construída até o momento por Freud encontra dificuldades para contemplar a profundidade clínica trazida pela configuração clínica em questão, especialmente porque o ódio

inconsciente e a problemática a respeito da ambivalência afetiva ocupam um lugar nuclear na neurose obsessiva.

Desse modo, Menezes (1991) ainda assinala que há uma indagação feita por Freud a respeito do lugar que o ódio ocuparia na teoria libidinal (Freud, 1905/2010e) e um deslocamento da oposição entre as funções egóicas e a pulsão sexual para o par amor e ódio. A esse respeito, Mezan (2014, p.140) enfatiza que, no caso do Homem dos Ratos, o que é recalcado não seria uma fantasia de desejo sexual, mas sim o ódio inconsciente dirigido ao pai, fato que implica em uma mudança de perspectiva, uma vez que, até então, o recalque incidia na sexualidade. “Na repressão do ódio infantil ao pai enxergamos o evento que impeliu tudo o que sucedeu depois para o âmbito da neurose” (Freud, 1909/2013, p.100).

Freud afirma que o amor inibe o ódio e é responsável por mantê-lo inconsciente, o que provoca uma torção em relação à teoria do recalque, conforme mencionado anteriormente. “O amor não pôde extinguir o ódio, apenas empurrá-lo para o inconsciente, e ali este pode conservar-se e até crescer, protegido da ação eliminadora da consciência” (Freud, 1909/2013, p.101). Menezes (1991, p.18) ressalta que Freud concebe o neurótico obsessivo como alguém que padece da cronicidade da coexistência do amor e ódio à mesma pessoa, o que caracteriza a ambivalência, termo de Eugène Bleuler utilizado por Freud para contemplar essa constelação afetiva descrita (Freud, 1909/2013, p.101). Encontramos ainda o interesse de Freud a respeito das raízes do amor e do ódio: “Uma separação desses opostos, [...], nos anos pré-históricos da infância, com repressão de uma das partes, geralmente o ódio, parece ser a condição para esta surpreendente constelação da vida amorosa” (Freud, 1909/2013, p.101).

Freud vai adiante a respeito de sua arguição sobre o papel do ódio na etiologia de psicopatologias além da neurose obsessiva, como a histeria e a paranoia, na qual também seria possível verificar o papel do amor como a paixão que retém o ódio e o suprime rumo ao inconsciente (Freud, 1909/2013, p.102). Para Mezan (2014, p. 142), tal declaração de Freud causa surpresa ao leitor, uma vez que a explicação mencionada a respeito da centralidade do ódio não encontra correlato em sua teorização até o presente momento da obra freudiana. Implica também em uma importante ruptura de paradigma, uma vez que o ódio é

localizado como aquele que é recalcado, embora a dimensão sexual estivesse contemplada até o presente momento pela lógica do mecanismo em questão. Para Mezan (2014, p. 143), para apreender essa mudança de paradigma é preciso inferir que o ódio está ligado ao sexual de alguma forma, conforme Freud (1909/2013) assinala quando propõe entender a paixão em questão em confluência com um fator sádico da libido (Freud, 1909/2013, p.102).

Portanto, tem apenas o valor de uma explicação provisória se afirmarmos o componente sádico do amor desenvolveu-se constitucionalmente de forma bastante acentuada, daí experimentando uma supressão prematura e demasiado radical, e os fenômenos neuróticos observados derivam, por um lado, da ternura consciente elevada ao máximo pela reação e, por outro lado, do sadismo que prossegue atuando como ódio no inconsciente (Freud, 1909/2013, p.102).

Dessa maneira, é possível constatar que a problemática do ódio a partir do Homem dos Ratos ocupa um lugar de destaque na teoria freudiana, assim como enaltece uma nova problemática, tanto a respeito de sua origem como também sobre sua dinâmica. Mezan (2014, p.143) enfatiza que o ódio apresenta uma dimensão cruel que escapa à própria teoria pulsional vigente, presentificada na descrição do suplício vivido pelo Homem dos Ratos. O conflito entre amor e ódio, assim como a função de supressão que aquele exerce neste é um dos aspectos centrais descrito por Freud para o entendimento da neurose obsessiva.

É relevante destacar que Freud retoma a neurose obsessiva para discutir a questão da escolha das neuroses a partir da discussão de suas predisposições em relação às funções sexual e do Eu (Freud, 1913/2010j, p.249). O interesse de Freud é de mapear qual seria o estágio do desenvolvimento libidinal que ocorreria a incidência de uma psicopatologia, uma vez que nosso autor toma como ponto de partida as parafrenias e a questão do narcisismo. Em especial, Freud se dedicará a compreender o que chamou de ordem pré-genital, que reuniria os impulsos sádico-anais que permeiam o psiquismo do neurótico obsessivo (Freud, 1913/2010j, p.252). Nesse sentido, o autor propõe que o neurótico obsessivo precisa desenvolver uma supermoral para se defender da hostilidade que ameaça o amor objetal; a esse respeito, Freud menciona que a gênese dessa construção moral seria baseada no papel precursor do ódio em relação ao amor (Freud, 1913/2010j, p.256).

Levando em conta que os neuróticos obsessivos têm que desenvolver uma supermoral para defender o seu amor objetual da hostilidade que por trás dele espreita, estaremos inclinados a ver certo grau dessa antecipação do desenvolvimento do Eu como típica da natureza humana, e achar que a aptidão para a gênese da moral baseia-se na circunstância de no desenvolvimento o ódio ser precursor do amor. Este seria talvez o significado de uma frase de Wilhelm Stekel, que na época pareceu-me incompreensível, segundo a qual o ódio, e não o amor, é a relação emocional primária entre os seres humanos (Freud, 1913/2010j, p.256).

Para De Vleminck (2018, p.368), é possível constatar que Freud faz alusão à uma teoria sobre o ódio desvinculada do sadismo no contexto da discussão das raízes precoces da formação do ego. Ao constatar que o ódio desempenha um papel basal na relação primária e postular um grau de precocidade na formação do eu, Freud antecipa suas contribuições a respeito da teoria do narcisismo (Freud, 1914/2010k) e sobre a dimensão arcaica do ódio na constituição psíquica (Freud, 1915/2010m). Tais contribuições serão exploradas adiante no presente capítulo.

Por fim, de assinalar a importância do estudo do ódio a partir da neurose obsessiva, uma vez que Freud abriu uma outra via de compreensão para os quadros clínicos em geral. Conforme relatado anteriormente, mesmo enquanto se dedicava à reflexão do Homem dos Ratos, Freud fazia alusão à possibilidade de entender que o ódio ocupa um lugar relevante nas diversas psicopatologias, não sendo restrito apenas à neurose obsessiva. Posteriormente, ao avançar na questão pré-genital e as reflexões sobre os impulsos sádico-anais, Freud também permite que outros autores elaborem ferramentas teóricas para a compreensão das psicoses (Abraham, 1911/1970a; 1924/1970b) e do aprofundamento das relações entre o ódio e o erotismo anal nas neuroses obsessivas (Jones, 1948/1918). Seguiremos nossa investigação a respeito do ódio a partir de sua articulação com o amor na ambivalência psíquica e seus futuros desdobramentos.

2.2

A ambivalência de sentimentos

Reconhecemos que “Totem e Tabu” (Freud, 1913/2012) possui inúmeras contribuições importantes para o pensamento psicanalítico, desde questões vinculadas à discussão entre o plano individual e o coletivo até a questão das identificações. No entanto, no presente trabalho, no intuito de melhor delimitar o nosso campo de trabalho, nos restringiremos a discorrer a respeito das contribuições concernentes ao ódio e à ambivalência desenvolvidas por Freud em articulação com as suas ideias sobre a neurose obsessiva e sobre o narcisismo.

Renato Mezan afirma que, dentre a riqueza das contribuições freudianas presentes em Totem e Tabu, é possível destacar que as reflexões a respeito do animismo são construídas por Freud a partir da compreensão da onipotência das ideias, dimensão narcísica oriunda da tese da introversão da libido (Mezan, 2014, p.146). Tal perspectiva é enunciada quando Freud discorre sobre o movimento libidinal presente na origem das neuroses, afirmando que seria característica do quadro neurótico a predominância das tendências sexuais em relação às sociais (Freud, 1913/2012, p.119). Para Freud, a necessidade sexual seria insuficiente para agregar o homem em uma coletividade, prevalecendo a necessidade do indivíduo, descolado das exigências da autoconservação. Nesse sentido, o autor afirma que o funcionamento neurótico voltado somente para o indivíduo remontaria a uma tendência do neurótico em fugir da realidade quando esta não o satisfaz, encontrando no mundo da fantasia uma fonte de prazer (Freud, 1913/2012, p.120). Para Mezan (2014), há uma afirmação da identidade da questão do desvio patológico realizado na neurose em direção ao mundo fantasmático, através da introversão da libido, e a dimensão narcísica da pulsão sexual, que busca satisfação em um movimento centrípeto (Mezan 2014, p.147). Como veremos adiante, Freud privilegia a neurose obsessiva como paradigma para a compreensão da ambivalência nos povos primitivo, assim como os elementos da natureza narcísica que estão no cerne dessa manifestação neurótica.

A partir do segundo ensaio de Totem e Tabu Freud se apoia na questão da ambivalência para explicar o fenômeno do tabu, que funcionaria como uma forma de proteção contra o ódio inconsciente dirigido às figuras paternas (Mezan, 2014, p.147). Seguindo a nossa linha de raciocínio, na qual vimos a importância que a neurose obsessiva ocupou para a construção de uma tese psicanalítica a respeito do ódio, é importante salientar que a referência clínica principal de Totem e Tabu

é a neurose supracitada, uma vez que ela seria encarada como uma forma de compreender as crenças e tabus dos povos primitivos. “Pois sabe de pessoas que individualmente criaram para si proibições de tabu [...] Se não estivesse habituado a designar tais pessoas como ‘doentes obsessivos’, acharia apropriado o nome de ‘doença de tabu’” (Freud, 1913/2012, p.53). Freud inclusive faz equivalência entre as proibições concernentes ao tabu do homem primitivo e àquelas concernentes ao quadro obsessivo. De acordo com o autor, a confluência entre ambos está no fato de não possuírem motivos aparentes para se manifestarem, pois residem em uma necessidade interior, no caráter deslocável e na periculosidade de contágio do que é proibido e na possibilidade de originarem ações cerimoniais (Freud, 1913/2012, p.57).

Freud (1913/2012, p.57) continua a discorrer sobre a neurose obsessiva através do que nomeia como delírio de toque, no qual descreve, a partir de uma vinheta clínica, um caso no qual o sujeito demonstra forte vontade de tocar os genitais. Tal desejo encontra um impedimento de fora, que converge com uma cobrança interna em não realizar tal ato. O impulso da criança é abolido, mas permanece inconsciente, enquanto a proibição determinaria uma fixação psíquica relacionada ao conflito entre proibição e pulsão (Freud, 1913/2012, p.57). A temática central que nos interessa para a presente tese é quando Freud explana a respeito dessa constelação psicológica outrora fixada e “[...] a atitude *ambivalente* do indivíduo quanto a um objeto, ou melhor, quanto à ação sobre ele” (Freud, 1913/2012, p.58). Nesses termos, Freud esclarece o caráter irreconciliável entre a corrente pulsional e a proibição, uma vez que, no exemplo abordado, a vontade de tocar é inconsciente, enquanto a proibição é consciente (Freud, 1913/2012, p.58). Há um conflito intenso entre ambas, uma vez que o polo pulsional busca objetos e ações substitutas para burlar a atividade da proibição, provocando o que Freud chamará de uma mútua inibição (Freud, 1913/2012, p.59). Para o autor, essa inibição provoca uma necessidade de descarga como forma de aliviar a tensão através das ações obsessivas, que buscam uma aproximação com a ação proibida originalmente (Freud, 1913/2012, p.59). A discussão da ambivalência se estende para a investigação freudiana a respeito do tabu, compreendido como um elemento geracional dos homens primitivos, proibições impostas por gerações antigas e que envolvem uma atitude ambivalente; ao mesmo tempo em que há

grande temor, Freud também descreve que há um grande desejo de infringi-lo (Freud, 1913/2012, p.61). Retornaremos à questão dos segredos geracionais no terceiro capítulo da presente tese.

Para Mezan (2014, p.147), a ambivalência constitui uma das mais inovadoras contribuições de Freud no ensaio em questão. Freud (1913/2012, p.102) constata ainda que a ambivalência permeia a subjetividade humana, mas que se apresenta em maior grau nos povos primitivos e na neurose obsessiva. No funcionamento deste quadro clínico, Freud descreve que há uma expressão de um carinho excessivo que abafaria uma hostilidade presente na dimensão inconsciente. “A hostilidade é então abafada por uma intensificação excessiva do carinho, que se manifesta como angustiosa solicitude e que se torna obsessiva [...]” (Freud, 1913/2012, p.85).

A respeito da ambivalência, é possível constatar que Freud retoma as suas considerações sobre o ódio dirigido ao pai descrito em O Homem dos Ratos para apresentar a ambivalência presente no mito da horda primitiva e o ódio inconsciente cujo alvo é o pai primevo. “Eles [filhos] odiavam o pai, que constituía forte obstáculo a sua necessidade de poder e suas reivindicações sexuais, mas também o amavam e o admiravam” (Freud, 1913/2012, p.218). Mezan (2014) ainda ressalta que no mito freudiano é possível perceber a confluência do narcisismo e da ambivalência, uma vez que o pai da horda é descrito como a encarnação da onipotência, “[...] mas esta se encontra dissociada do autoerotismo, que é o regime de desejo a que estão condenados os filhos (não podem tocar nas fêmeas, reservadas à libido paterna)” (Mezan, 2014, p.148). O ódio seria predominante na atitude dos filhos diante do pai, que detém o ódio através de sua pujança, mas está fadado a sucumbir diante da união dos filhos, que tentam assassiná-lo. Renato Mezan destaca que o amor surge a partir dessa união fraterna, sob a forma de libido homossexual, mas também através da admiração nutrida pelo pai onipotente (Mezan, 2014, p.149). “Certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva. Unidos, ousaram fazer o que não seria possível individualmente [...]” (Freud, 1913/2012, p.216). Mezan ressalta que o ódio, ao ser saciado no ato parricida, sofre uma imposição do amor, dando origem a um ideal “[...] ‘cujo conteúdo era a onipotência e a falta de limitação do pai primitivo combatido um

dia, e a disposição de submeter-se a ele’: assim surge a figura do totem, e depois a dos deuses, seus herdeiros” (Mezan, 2014, p.150).

Conforme explica Mezan (2014), na narrativa mítica de Freud não há lugar para a fantasia e para o pensamento, mas o que seria predominante é a ação, que busca satisfazer imediatamente os impulsos sexuais do pai através da dominação e dos filhos. “Um pai violento e ciumento, que reserva todas as fêmeas para si e expulsa os filhos quando crescem, eis o que ali se acha” (Freud, 1913/2012, p.216). Mezan (2014) explica que somente após o assassinato do pai é que há a tentativa de controle das tendências hostis pelo pacto travado pelos filhos e pelo surgimento da consciência moral. O ódio ao pai primevo encontra satisfação através do assassinato e a identificação e os impulsos afetuosos se sobressaem, acompanhados de arrependimento e sentimento de culpa (Freud, 1913/2012, p.218-219). Dessa forma, o complexo de Édipo seria constituído intrapsiquicamente em sua dupla orientação “amor e ódio – *ao mesmo tempo* em que engendra, no plano social, as instituições da civilização (pela lei da exogamia e pela proibição do assassinato intraclã)” (Mezan, 2014, p.149). Logo, os dois tabus descritos por Freud, concernentes à preservação da vida do animal totêmico e à proibição do incesto permitiriam a organização conquistada através do assassinato do pai, presente agora na forma de precipitados identificatórios nos seus herdeiros (Freud, 1913/2012, p.219). Portanto, é possível perceber a relevância do ódio para a organização social proposta por Freud, uma vez que, a partir da satisfação dos impulsos hostis derivado do sentimento em questão seria possível o rearranjo do grupo em direção à civilização, marcada pelas regras ditadas a partir dos tabus descritos anteriormente. É notável também a discussão implícita a respeito da dimensão identificatória ligada à questão da herança psíquica a partir da morte do pai e da ascensão dos tabus como organizadores do grupo, preconizando a temática da transmissão psíquica entre gerações que abordaremos no terceiro capítulo de nossa pesquisa.

A partir do mito descrito por Freud é possível perceber a presença de dois modelos metapsicológicos, tributários de duas categorias psicopatológicas. O primeiro seria o modelo da própria neurose obsessiva, como viemos acompanhando, descrito a partir da pressão intolerável que o ódio faz no psiquismo, combinado com a impossibilidade de satisfação sexual imposta pelo

pai e que leva ao parricídio. Dessa maneira, Mezan (2014, p.149) demonstra que no assassinato primordial há a convergência de dois elementos dissociados anteriormente no Homem dos Ratos (Freud, 1909/2013), que seria a questão do ódio inassimilável com a sexualidade, assim como a tendência à descarga impulsiva como conteúdo do princípio do prazer. A liberação do ódio através desse movimento de descarga necessita de um objeto e permite ensaiar a primeira articulação entre o ódio e o objeto, vinculação a ser retomada por Freud em seu artigo sobre as pulsões (Freud, 1915/2010m), as quais exploraremos adiante.

Embora de forma prematura, o outro modelo metapsicológico que estaria em questão no mito descrito por Freud seria aquele ligado ao quadro clínico da melancolia. Embora ainda não haja o aprofundamento necessário a respeito da teoria das identificações, Mezan (2014, p.149), ressalta que seria a partir dessa matriz clínica melancólica que seria possível entender os desdobramentos do parricídio, quando a coligação de irmãos devora o cadáver do pai e incorpora uma parte do mesmo. Há uma importante articulação entre o processo de identificação e o ódio inconsciente, que desencadeia o assassinato do pai, embora ainda não haja um desenvolvimento consistente do primeiro conceito nesse momento da obra freudiana (Mezan, 2014, p.150).

Assim, enfatizamos que as reflexões de Freud a respeito do ódio em Totem e Tabu envolvem a discussão sobre a ambivalência, retomada a partir de uma perspectiva inicialmente individual, com a retomada do modelo da neurose obsessiva, e levada ao plano social, com o mito da horda. Nosso interesse foi de explorar alguns desdobramentos acerca do desenvolvimento de uma tese freudiana a respeito do ódio, na qual é possível constatar que há a tentativa de articulação do ódio com a sua descarga impulsiva, através das tendências hostis dirigidas ao pai, e a tomada do mesmo como objeto, corroborando a indicação feita na discussão sobre o Homem dos Ratos (Freud, 1909/2013). Nesse sentido, é possível destacar que o ódio figura como promotor de possíveis atos violentos, assim como pode eleger um objeto de destino, ou mesmo ser transmutado em medo, conforme vimos a partir dos tabus (Freud, 1913/2012). No entanto, ainda há uma questão que permanece estranha às reflexões freudianas sobre as relações entre amor e ódio, uma vez que não há uma explicação aprofundada a respeito dos

mecanismos que envolvem tal processo. Veremos adiante como o ódio ganha um corpus teórico mais complexo a partir dos desenvolvimentos freudianos sobre a metapsicologia, em especial no retorno da reflexão a respeito do amor e do ódio no texto sobre as pulsões e sua importância para o entendimento dos primórdios da constituição da subjetividade e os primeiros movimentos psíquicos envolvidos em tal processo (Freud, 1915/2010m).

2.3

Uma teoria do ódio

De Vleminck (2018, p.366) destaca que o artigo de Freud sobre as pulsões precisa ser compreendido como uma extensão da teoria do narcisismo, uma vez que insere a discussão sobre o ódio, ausente na conceituação do autor em 1914. Autores como Michael Balint (1952/1994) e Heinz Kohut (1971/2009) expandiram de forma crítica as contribuições freudianas, assim como a escola das relações de objeto precoce teve seu alicerce fundamental nessa relação estabelecida entre o eu, instância passível de ser tomada como objeto, e as dinâmicas relacionais estabelecidas com a partir da economia libidinal (Freud, 1914/2010k). Dessa forma, De Vleminck (2018, p.366) enaltece a importância de ler as contribuições freudianas de 1915 em articulação com o narcisismo, uma vez que este funciona como um antecessor teórico necessário para os desenvolvimentos a respeito do amor e ódio presente no texto sobre as pulsões, em especial no que concerne à tese da anterioridade do segundo em relação ao primeiro.

Em relação à importância da vinculação entre o ódio e o narcisismo, Simanke (2019, p.131) destaca que seria possível deslocar a discussão do plano pulsional para o contexto da intersubjetividade e das relações objetais. Inicialmente, Freud postulou uma abordagem a respeito do narcisismo que se aproximava de uma visão solipsista da constituição da subjetividade. É possível constatar tal fato a partir da compreensão acerca do ego em relação consigo mesmo, como reservatório da libido, que, posteriormente, seria investida em objetos. Há a suspensão do antigo dualismo pulsional e a prevalência de um dinamismo calcado apenas na energia de ordem sexual, que permeia as relações entre o eu e o outro e determina desde estados de apaixonamento até

configurações psicopatológicas (Freud, 1914/2010k). Porém, é importante salientar que o narcisismo sofre mudanças a partir das contribuições de Freud a respeito da identificação narcísica e seu funcionamento nos processos de luto e na melancolia (Freud, 1917/2010n) e a forma primordial de relação entre o eu e o outro, explorada de forma pormenorizada a partir da consolidação das identificações na metapsicologia freudiana (Freud, 1921/2011a; 1923/2011b). Dessa forma, conforme assinalado anteriormente, compreendemos que a teorização a respeito do ódio na obra freudiana se arvora necessariamente como uma expansão da tese acerca do narcisismo, uma vez que a discussão sobre o papel do sentimento em questão no psiquismo gira em torno da constituição do eu (Freud, 1915/2010m).

Primeiramente, a compreensão freudiana a respeito do ódio tem como ponto de partida o pensamento de que este seria originado a partir do amor e, necessariamente, da sexualidade, conforme vimos anteriormente nas primeiras contribuições do autor acerca da neurose obsessiva do Homem dos Ratos. “Não se pode duvidar da íntima relação entre esses dois afetos contrários e a vida sexual [...]” (Freud, 1915/2010i, p.52). De Vleminck (2018, p.369) sublinha que a reversão que ocorre entre amor e ódio é distinta daquela descrita em relação ao par atividade-passividade, uma vez que se trata de uma inversão do conteúdo.

Olhando mais atentamente, a reversão no contrário se divide em dois processos distintos, a conversão da atividade em passividade e a inversão de conteúdo. Por serem essencialmente distintos, os dois processos serão tratados separadamente. Exemplos do primeiro processo se acham nos pares de opostos, sadismo-masiquismo e voyeurismo-exibicionismo. A reversão diz respeito apenas às metas do instinto; substitui-se a meta ativa: atormentar, olhar, pela passiva: ser atormentado, ser olhado. A inversão de conteúdo se encontra apenas no caso da transformação de amor em ódio. (Freud, 1915/2010m, p.47).

Dessa forma, para Freud (1915/2010m, p.52), apenas no caso do amor e ódio seria possível discorrer sobre a transformação de uma pulsão em seu contrário; assinala também que ambos exemplificam a ambivalência afetiva, uma vez que é frequente estarem destinados ao mesmo objeto. Nesse sentido, ainda há um entendimento convergente com as contribuições a respeito do Homem dos Ratos, no qual o ódio é fruto de uma transformação do amor enquanto derivativo do mesmo. No entanto, De Vleminck sublinha a tentativa freudiana de explicar o

amor através da teoria pulsional, em especial à dimensão sexual, a partir da qual o sentimento em questão precisaria ser compreendido como expressão integral da sexualidade, submetida à primazia genital da vida adulta. Seguindo essa linha de raciocínio, De Vleminck (2018, p.370) discute que isso implicaria em pensar o amor como fruto de um desenvolvimento, no qual o objeto de amor se estabelece de forma processual, tributária de um movimento narcísico, o que implicaria em compreender o amor como um dos destinos do narcisismo, diferentemente da correlação estabelecida com a dimensão pulsional. Sob essa ótica, o ódio não poderia estar presente desde o início, uma vez, assim como amor, necessitaria de um grau de desenvolvimento do ego a partir da existência de um movimento narcísico em relação ao próprio sujeito (De Vleminck, 2018, p.370).

Para Simanke (2019, p.129), enquanto Freud pensava as relações entre amor e ódio em termos puramente pulsionais, o amor aparecia como uma paixão primordial, a expressão das pulsões sexuais. O ódio, derivado do sadismo, seria um dos destinos da pulsão sexual, logo, secundário ao amor e condicionado a ele. No entanto, quando Freud começa a discorrer sobre a formação do ego a partir da formulação das primeiras ideias a respeito do narcisismo há uma inversão, presente no texto de 1915, sobre a dimensão pulsional. Simanke (2019, p.130) discorre que a transformação de amor em ódio à primeira vista poderia demonstrar um exemplo de um par de opostos, mas tal modelo ganhará maior complexidade quando se leva em consideração a problemática da formação do ego e das suas relações com os objetos. De acordo com Simanke (2019, p.130), Freud reconhece que não faria sentido afirmar que uma pulsão ama ou odeia o objeto, mas sim o ego que o ama ou odeia, o que impele o autor a levar em consideração a formação do ego para a compreensão do amor e ódio.

É possível dizer de um instinto, se necessário, que ele “ama” o objeto que procura para a sua satisfação. Que um instinto “odeie” um objeto, porém, é algo que nos soa estranho, de modo que atentaremos para o fato de que as designações* amor e ódio não se aplicam às relações dos instintos com seus objetos, sendo reservadas para a relação do Eu total com os objetos (Freud, 1915/2010m, p.55).

A respeito da formação do ego, Freud localiza a antítese amor e ódio como antagonica à indiferença, descrita pelo autor como um estado narcísico primitivo, que se desdobrará na oposição entre o eu e o objeto. “A antítese Eu-Não Eu

(Fora), (Sujeito-Objeto), é imposta bem cedo ao indivíduo, pela experiência de que pode silenciar estímulos externos pela ação muscular, mas é indefeso contra estímulos instintuais” (Freud, 1915/2010m, p. 53). De Vleminck (2018, p.372) assinala que, desse modo, ainda não seria possível inferir uma lógica baseada no conflito entre mundo interno e externo, uma vez que o ego trata com indiferença o mundo externo.

Se provisoriamente definimos o amar como a relação do Eu com suas fontes de prazer, então a situação na qual o Eu ama apenas a si mesmo e é indiferente para com o mundo ilustra a primeira das oposições em que encontramos o “amar” (Freud, 1915/2010m, p.54).

Nessa direção, De Vleminck (2018, p.372) aponta que as experiências de prazer nesse momento da constituição subjetiva convergem com as satisfações egoicas, corroborando o estado narcísico primário no qual se encontra. Para Freud (1915/2010m, p.54), nesse primeiro momento da constituição psíquica haveria uma sobreposição entre o prazer e o Eu-sujeito, fruto do investimento amoroso em si mesmo e a satisfação autoerótica, enquanto o mundo externo é tratado com indiferença. A partir da indiferença em relação ao mundo externo, o ego é experimentado como o único mundo possível, mergulhado em experiências de prazer, percebidas então como a realidade nesse estado narcísico primitivo (De Vleminck, 2018, p.373). Este será maculado a partir da ação da pulsão de autoconservação, que, ao não serem satisfeitas, subvertem a realidade narcísica do ego e o apresenta ao desprazer, momento no qual se depara com o mundo externo como um objeto distinto do próprio ego. É importante ressaltar que Freud atribuía um papel de passividade ao ego em relação ao mundo externo, mas de atividade frente aos estímulos internos oriundos da dimensão pulsional (Freud, 1915/2010m, p.53). Nesse sentido, Freud descreve que, sob o domínio do princípio do prazer-desprazer, o ego acolherá os objetos que o oferecem prazer através da introjeção (Ferenczi, 1909/2011), enquanto expelle o que é sentido como desprazeroso dentro de si através da projeção (Freud, 1915/2010m, p.54).

Nesse sentido, Freud descreve que há um deslocamento necessário entre o eu-realidade inicial, no qual o prazer e o ego estavam sobrepostos como o único mundo apreendido, para um eu-prazer purificado, que tenta introjetar as fontes de prazer para dentro de si, ao mesmo tempo que expulsa as sensações desprazerosas

para fora (Freud, 1915/2010m, p.54). Dessa forma, através desse processo de purificação egoica, o mundo externo passa a ser delineado como um objeto opositor ao ego (De Vleminck, 2018, p.374). A partir da instauração do eu-prazer purificado já não seria possível falar em indiferença narcísica do eu, uma vez que há a instauração de uma oposição entre este e o mundo externo. Nesse sentido, Freud descreve que o exterior se divide entre uma parte prazerosa e outra estranha, ambas incorporadas ao eu, embora esta última seja alvo de segregação e, posteriormente, expelida para o mundo externo e percebida como inimiga da instância em questão (Freud, 1915/2010m, p.54). A esse respeito, De Vleminck (2018, p.375) afirma que essa teorização é necessária para que seja possível pensar no surgimento do ódio no psiquismo de forma ampliada e levando em consideração os movimentos do ego em relação ao objeto.

A partir desse primeiro momento de desprazer, que se apresenta com a imposição do mundo externo através das pulsões de autoconservação, Freud introduz o ódio em articulação com a frustração oriunda do conjunto de pulsões supracitado. Antes percebido como indiferente pelo ego, a experiência de desprazer sentida através da insatisfação das tendências de autoconservação torna o mundo externo, agora apreendido como um objeto em oposição ao ego, sendo assim, alvo de ódio. De Vleminck (2018, p.376) comenta que a indiferença seria uma antecessora desse sentimento e, de acordo com a descrição freudiana, inicialmente o mundo externo seria confundido com os objetos odiados pelo ego. Freud explica que o sentido original do ódio nessa dinâmica seria destiná-lo ao mundo externo, portador de estímulos, que teria como base a indiferença descrita anteriormente. “O exterior, o objeto, o odiado seriam sempre idênticos no início” (Freud, 1915/2010m, p.55). Quando revela uma fonte de prazer, conforme discorremos a respeito do princípio prazer-desprazer, o objeto será amado e incorporado ao eu, “[...] de modo que para o Eu-prazer purificado o objeto coincide novamente com o alheio e odiado” (Freud, 1915/2010m, p.55).

Para Freud (1915/1910m, p.55), a oposição entre amor e ódio reproduz a polaridade prazer-desprazer, ligada à questão entre o eu e o mundo externo que descrevemos anteriormente. Destacamos o comentário de Freud a respeito da movimentação descrita por ele a respeito do princípio do prazer ao descrever a relação entre o eu e o objeto. O amor surge a partir de uma fonte de prazer, que

induz uma tendência motora de se aproximar ao objeto. No caso do ódio, há um movimento de distanciamento em relação a ele, que promove desprazer, e poderia desencadear respostas como a fuga, mas também à propensão em agredi-lo ou mesmo aniquilá-lo (Freud, 1915/2010m, p.55). Desse modo, Freud aproxima o ato de amar à dimensão sexual, na qual o ego elege gradualmente os seus objetos sexuais que lhe promovem satisfação. Já o ódio não estaria relacionado ao prazer sexual, mas sim à manutenção da autoconservação; esse sentimento estaria ligado à perseguição dos objetos que causam desprazer ao ego e ameaçam a sua existência, com a intenção de destruí-los. “Pôde-se mesmo afirmar que os autênticos modelos da relação de ódio não provêm da vida sexual, mas da luta do Eu por sua preservação e afirmação” (Freud, 1915/2010m, p.56).

Freud explica que o amor deriva diretamente da capacidade do eu em se satisfazer de forma autoerótica, através da obtenção do prazer de órgão. Sua origem seria narcísica por excelência, e, posteriormente, engloba os objetos que trazem prazer ao eu, expressando a busca motora pela satisfação. “O primeiro desses estágios divisamos no incorporar ou devorar, um tipo de amor compatível com a abolição da existência separada do objeto, e que portanto pode ser designado como ambivalente” (Freud, 1915/2010m, p. 57). Freud também afirma que, em sua dimensão narcísica, o amor estaria intimamente relacionado ao incorporar e devorar, “[...] compatível com a abolição da existência do objeto, e que portanto pode ser designado como ambivalente” (Freud, 1915/2010m, p.57). O ódio é descrito por Freud como uma forma de relação objetal mais antiga que o amor, uma vez que surge a partir da rejeição primordial manifestada pelo eu narcísico em relação ao mundo externo. Desencadeado pelo desprazer provocado pelos objetos, o ódio permanece ligado às pulsões de autoconservação, fato pelo qual Freud fundamenta que a oposição entre pulsões sexuais e do ego repetiriam uma antítese entre amor e ódio.

Outro aspecto relevante abordado pelo autor é a questão do estágio sádico-anal, no qual Freud descreve que surge a procura pelo objeto a partir do impulso de apoderamento, no qual não importa se o objeto é danificado ou aniquilado. Para o autor, nessa fase preliminar não seria possível discorrer a respeito das diferenças entre amor e ódio no plano da relação objetal, distinção atingida apenas com a ascensão da organização genital (Freud, 1915/2010m, p.57). Ao comentar a

respeito da anterioridade do ódio em relação ao amor, De Vleminck (2018, p.379) destaca que, durante o narcisismo primário, o mundo externo é apreendido pelo ego como um objeto odiado. Enquanto o amor implica o eu prazer purificado, tomando a si mesmo como objeto, o ódio opera como uma expressão do eu em relação ao mundo externo (Vleminck, 2018, p.379). Nessa direção, continuaremos nossa argumentação a partir dos prolongamentos teóricos propostos por Melanie Klein a respeito da natureza do ódio na constituição psíquicas, seus derivados e repercussões para o estabelecimento da relação de objeto e suas consequências para o indivíduo.

2.4

Ódio e o mundo interno

Conhecida como uma das precursoras da conhecida corrente psicanalítica que inaugurou a escola das relações de objeto precoce, Melanie Klein ocupa um lugar de grande destaque no pensamento psicanalítico. A partir de inovações teórico-clínicas, expandiu as possibilidades do método psicanalítico para crianças, sua contribuição mais famosa, mas também permitiu a construção dos primeiros modelos de atendimento à pacientes psicóticos. Nosso interesse na obra da autora para o presente capítulo será de explorar o ódio a partir de sua malha conceitual, uma vez que foi uma das autoras que preconizou, seguindo a obra freudiana, o papel ativo do ódio na constituição psíquica desde o início da vida. No entanto, diferentemente do primeiro, Klein concebe uma instância egoica rudimentar que estaria em operação desde o nascimento, desempenhando um importante papel de manutenção da sobrevivência do bebê frente às ameaças de aniquilamento advindas tanto do mundo interno quanto do externo. O ódio na obra da autora adquire uma centralidade para o entendimento de processo psíquicos arcaicos que estariam em plena atividade desde os primórdios, tais como o sadismo e a agressividade, assim como defesas frente às ameaças oriundas do encontro com o objeto. Desde cedo é possível notar sua preocupação em descrever a forma com a qual o bebê lida com a hostilidade advinda da relação primária através de conceitos como o superego arcaico e a inveja.

É importante salientar que, a partir de Melanie Klein, há uma mudança de enfoque a respeito da compreensão da constituição do psiquismo.

Freud atribuía grande relevância para os destinos da pulsão e seus desvios para a compreender a dinâmica psíquica. O objeto primário ganhará uma nova roupagem teórica, uma vez que ocupará um papel determinante na formação da constelação de objetos internos do ego do bebê. A ameaça de destruição é constante na vida psíquica do bebê, fato que desencadeia os mecanismos de projeção e introjeção no cerne do ego, que tenta lidar com os aspectos destrutivos do mundo interno e externo, modelo através do qual Klein descreve a primeira relação do bebê com a mãe. Tendo como base as teorizações de Freud a respeito do ódio, Klein constrói um sistema conceitual rico em imagens e descrições a respeito da fantasia inconsciente que permeia a subjetividade arcaica do sujeito. Amor e ódio são sentimentos que ocupam um lugar privilegiado na obra da autora, uma vez que são utilizados para descrever aspectos ligados à integração e à destrutividade em seu caráter mais primitivo. Dessa forma, nossa intenção será de explorar qual seria o papel do ódio para a autora, visto que é descrito como arcaico e primordial na relação objetal. Nesse breve percurso, elegemos dois conceitos da autora que julgamos importante para investigar o caráter fundamental do ódio para ela. São eles o superego arcaico, que acompanha os primeiros desenvolvimentos da autora na psicanálise, e a inveja, que, embora presente desde cedo em seus textos, encontram sua teorização definitiva apenas no final da década de 50. Acreditamos que ambos condensam a complexidade que o ódio possui na construção teórico-clínica da autora.

2.4.1

A agressividade e sua manifestação precoce na subjetividade

É importante destacar que a tese de Melanie Klein radicaliza o posicionamento de Freud a respeito do ódio, expandindo a compreensão deste autor a respeito dos seus efeitos na constituição psíquica e reiterando o papel constitucional desse sentimento desde o início da vida psíquica. Klein parte da clínica com crianças para repensar a centralidade do ódio na constituição do psiquismo, que se apresenta nos textos da autora a partir da sua rica descrição dos impulsos hostis que permeiam o psiquismo desde o início da vida. As descrições de seus célebres casos clínicos, como Rita (Klein, 1926/1996c), Trude (Klein, 1926/1996c) e Dick (Klein, 1930/1996h) são atravessadas pela construção de

conceitos seminais da obra da autora, tais como o superego arcaico e o Édipo precoce, que, gradualmente, se desloca para os primeiros meses de vida, até se vincular ao desmame (Klein, 1926/1996c; 1927/1996d; 1928/1996f; 1945/1996k). Para a presente tese, nosso interesse repousará especialmente sobre a centralidade que ódio ocupa na dinâmica psíquica desde cedo, a partir das descrições da autora do sadismo infantil como propulsor de uma agressividade exacerbada, manifestada pelo bebê, primeiramente, através de seus impulsos pré-genitais. Posteriormente, exploraremos alguns recortes sobre suas contribuições acerca do superego arcaico e da inveja para demonstrar o caráter extremo que o ódio assume no funcionamento psíquico conforme proposto por Klein.

Klein (Klein, 1926/1996c) pensa que os impulsos libidinais de diversas fontes ocorrem de forma simultânea desde o início da vida do bebê, de forma parcializada, mas extremamente ativa no psiquismo. Assim como a dimensão libidinal, é importante salientar que a autora também postula a atividade do sadismo desde os primórdios da vida psíquica (Klein, 1927/1996d; 1927/1996e). De acordo com Hinshelwood (1989/1992), o termo sadismo é utilizado para Klein na descrição de qualquer forma de agressividade exacerbada na esfera psíquica. Ambos são encarnados em diversas figuras, inclusive na correlação feita entre amor e ódio, o primeiro ligado à libido e o segundo ao sadismo. Os impulsos sádicos oriundos de fontes pré-genitais ocupam um lugar privilegiado na reflexão da autora, uma vez que seriam capazes de inibir o desenvolvimento psíquico e desencadear defesas extremas.

É possível constatar a preocupação de Klein em relação ao papel dos impulsos hostis nos primórdios da vida psíquica desde o início de sua obra, em especial a partir de suas contribuições a respeito do sadismo infantil (Klein, 1926/1996c; 1927/1996e). Klein se interessa precocemente sobre o papel da agressividade na inibição intelectual e no brincar nas crianças pequenas (Klein, 1921/1996a, 1922/1996b), primeiramente observadas por Klein e, posteriormente, analisadas através da *play technique* (1926/1996c; 1927/1996d). Lembramos que a autora foi a principal responsável pelo desenvolvimento desta técnica, que possibilitou o atendimento psicanalítico de crianças e da interpretação de suas fantasias inconscientes. Sua descrição a respeito dos impulsos sádicos de Fritz (1921/1996a), manifestados na verbalização de seus desejos hostis em relação aos

pais, assim como o relato de sonhos demonstram a tese da autora de que o sadismo, através das fantasias agressivas, opera precocemente na mente da criança, provocando angústia e sentimento de culpa. Nesse momento inicial, Klein se preocupa com o lugar das tendências agressivas no desenvolvimento da neurose e no prejuízo advindo das inibições.

Cintra & Figueiredo (2004/2016, p.59) discorrem sobre a importância que Klein atribuía à precocidade da atuação de violentas forças antagônicas no psiquismo, que se manifestam através do excesso e da insaciabilidade do desejo, presente no pensamento da autora através da voracidade. Esta se manifesta nas diversas fases libidinais, tais como oral, anal e fálica através de diferentes matizes. A respeito da oralidade, há a presença de fantasias vampírescas de sucção e de incorporação do objeto de amor; sobre a sádico-anal, é possível inferir a respeito do desejo de controle esfinteriano e ostensivo sobre o objeto, através da fantasia de estrangular o mesmo; na sua dimensão fálica, há a apresentação de uma ambição desmesurada, vinculada à fantasia de penetração, posse e triunfo sobre o objeto (Cintra & Figueiredo, 2004/2016, p.60). Esse mundo permeado por sadismo e violência em sua dinâmica psíquica é postulado pela autora não somente como desencadeador de configurações psicopatológicas, mas também natural da constituição psíquica em geral.

Conforme sublinhamos anteriormente, Klein se preocupava primeiramente com a problemática da inibição intelectual como um distúrbio do desejo de conhecer (1921/1996a). Essa curiosidade da criança em desbravar o desconhecido já havia sido explorado por Freud, que teorizou a respeito da ligação da pulsão epistemofílica à sexualidade (Freud, 1905/2010e). De acordo com Cintra & Figueiredo (2004/2016, p.61), Freud já havia se preocupado com a questão da curiosidade ao discorrer sobre o destino da pulsão de domínio, que, ao se converter em sadismo oral e anal, encontraria uma forma de sublimação e de transformação em pulsão de saber. De acordo com os autores, na teoria freudiana, o ato de conhecer envolveria um grau de domínio sobre o objeto a ser conhecido, no qual o sadismo poderia operar como suporte dos movimentos pulsionais vinculados à penetração da matéria a ser conhecida e ao erotismo muscular (Cintra & Figueiredo, 2004/2016, p.61).

Cintra & Figueiredo (2004/2016, p.61) destacam as primeiras hipóteses de Klein a respeito de suas observações de crianças, em especial a respeito da inibição intelectual. Em conjunto com a falta de curiosidade, a inibição supracitada seria fruto do sadismo infantil que não pode ser suficientemente tolerado, logo, impossível de ser transformado em pulsão de saber. A pulsão de domínio não teria sido vivenciada com a liberdade necessária, promovendo a ação prematura de mecanismos de defesa, como a repressão, destacada por Klein. Cintra & Figueiredo (2004/2016, p.62) ainda sublinham que nesse período inicial da obra da autora o sadismo ainda está bastante relacionado à sexualidade, condição que se modificará futuramente na década de 20, à medida que Klein começa a enfatizar a autonomia da destrutividade em relação à dimensão sexual.

A respeito dessa separação da dinâmica pulsional executada por Klein, Cintra & Figueiredo (2004/2016, p.62) explicam que seria possível atribuir duas razões o fato citado. A primeira seria oriunda da adoção radical da autora à tese da pulsão de morte, fruto do desenvolvimento do segundo dualismo pulsional freudiano, pois precisaria, metodologicamente, de um par de forças que se opusessem para fundamentar a dinâmica psíquica que elaboraria. Nesse sentido, Klein se mantém fiel não somente ao conceito freudiano de pulsão de morte, mas também à antiga noção de conflito psíquico, embora se aproprie de forma particular de ambos, em especial do primeiro conceito (Cintra & Figueiredo, 2004/2016, p.62)

Outra razão para a adoção dessa divisão entre forças psíquicas seria a necessidade de separar de forma minuciosa o modo através do qual o indivíduo se relaciona com seus objetos de amor. Klein atribuía uma grande ênfase ao modo de relação vinculado às etapas pré-genitais, nas quais ainda não há a capacidade de cuidar e de preocupar-se com o outro, que, por sua vez, não é reconhecido em sua existência autônoma e separada do indivíduo (Cintra & Figueiredo, 2004/2016, p.62). O predomínio da pulsão de morte e da lei da selva, conforme assinalam Cintra & Figueiredo (2004/2016, p.62), se opõe ao advento posterior da instauração de um momento no qual o objeto passa ser reconhecido enquanto tal, diferente do próprio ego, promovido pelas pulsões sexuais e sublinhando pelos autores como uma lei da cultura e do social. Posteriormente, Melanie Klein nomeará tais modalidade de relação de objeto como parcial, referente ao primeiro

momento, e de total, para o segundo momento, dinâmicas relacionais associadas às posições esquizoparanóide e depressiva (Klein, 1935/1996i; 1940/1996; 1945/1996k).

Gostaríamos também de salientar outro aspecto que poderia ter influenciado a autora a adotar o modelo pulsional freudiano e a noção de forças psíquicas em conflito. Klein descreve um universo imagético próprio que caracterizaria os derivativos da esfera pulsional no psiquismo, estendendo o conceito para além das moções energéticas descritas por Freud. Nesse sentido, as tendências pulsionais assumiriam o encargo de se expressarem através de imagens corporais, em especial a partir do corpo materno e, posteriormente, de equações simbólicas próprias ao início da vida psíquica e à construção do mundo interno e seus objetos, o que permite uma descrição da experiência emocional precoce bastante rica, envolvendo os elementos conflitantes que cercam a vida psíquica do bebê. Desse modo, as forças pulsionais descritas por Klein, embora tributárias da segunda teoria pulsional freudiana, são utilizadas para descrever a complexidade do universo fantasmático que compõe a subjetividade do indivíduo, marcado desde o início por elementos libidinais gratificantes e aspectos hostis e destrutivos, oriundos tanto de uma agressividade constitutiva como também da interação com mundo externo e a forma como este é internalizado.

Cintra & Figueiredo (2004/2016, p.64) destacam que a inibição intelectual descrita por Klein é se articula com o papel do símbolo posteriormente descrito pela autora (1930/1996h) e ao interesse primordial da criança pelo próprio corpo e da origem da capacidade de fazer símbolos, que estaria ligada à necessidade de estabelecer relações entre o corpo e o ambiente. Através de um transbordamento libidinal em direção ao mundo, oriundo do erotismo do próprio corpo, desloca-se o interesse e investimento em direção aos objetos externos (Cintra & Figueiredo, 2004/2016, p.65). A partir da experiência de prazer corporal a criança elabora os primeiros símbolos, que serão equacionados simbolicamente às partes do corpo materno, permitindo assim a construção do mundo interno e da fantasia inconsciente. Dessa trama entre corpos acontecerá a constituição do objeto interno enquanto representante das experiências primordiais de prazer e desprazer, figurados como seio bom e seio mau (Cintra & Figueiredo, 2004/2016, p.65).

Ainda sobre esse momento inicial da obra de Klein, Cintra & Figueiredo, 2004/2016, p.66) enfatizam a importância que a autora atribuía à sexualidade para as atividades egóicas. A fala e o prazer de movimentar-se são tomados como exemplos de sublimações primárias provenientes da transformação da pulsão de domínio em combinações com as pulsões oral e anal. No entanto, a autora também destaca que a dimensão sexual intrínseca à força pulsional também atrairia a angústia de castração. Nesse contexto, Cintra & Figueiredo (2004/2016, p.66) trazem uma explicação elucidativa a respeito da inibição intelectual, que, por um lado, seria uma forma de evitar a angústia de castração e permitiria a manutenção da economia sintomática do neurótico. Para os autores supracitados, Klein tinha uma preocupação precoce em descrever mecanismos de defesa anteriores ao recalque, relativo às falhas nos processos de simbolização.

Dessa forma, seria possível inferir que, embora o sadismo infantil, conforme mencionado anteriormente, desempenhasse um papel constitutivo para a autora, também é necessário atentar para a face destrutiva do mesmo quando atinge um grau elevado, insuportável ao psiquismo. Tal agressividade bruta, primitiva e exacerbada impediria o exercício da curiosidade promovida pela pulsão epistemofílica, movimento próprio da transformação entre a pulsão de domínio em pulsão de saber. Portanto, é possível constatar a importância atribuída por Klein à hostilidade nos primórdios da vida psíquica, gradualmente deslocando-se ao polo oposto à dimensão sexual e que culminará, na obra da autora, na adoção irrestrita do segundo dualismo pulsional freudiano. Para a presente tese, o aspecto ligado à agressividade extrema fruto do sadismo infantil é norteador para pensar, em primeiro lugar, a precocidade do ódio no funcionamento psíquico, tal qual descrito por Freud anteriormente, mas também o papel radical que esse sentimento assume na constituição psíquica e nas relações de objeto, inclusive na ascensão dos primeiros processos de simbolização. Desse modo, seguiremos nosso breve percurso a respeito da radicalidade do ódio para Klein a partir de sua descrição a respeito do superego arcaico, uma vez que é uma teorização consequente de sua tese a respeito da hostilidade que permeia a vida psíquica do bebê desde seu início.

O superego arcaico

Conforme vimos anteriormente, a autora descreve um sadismo que se desloca da dimensão sexual para a curiosidade em relação ao corpo materno enquanto lugar que gera bebês e, eventualmente, efetua suas próprias equivalências corporais próprias à ascensão dos primeiros símbolos no psiquismo. Nesse sentido, a angústia da criança estaria ligada à manifestação do sadismo radical, uma vez que teme pela sua própria sobrevivência, ameaçada pela expectativa de retaliação advinda dos pais, fato que formará os alicerces do superego arcaico. Cintra & Figueiredo (2004/2016, p.60) nomeiam como moralidade de Talião a compreensão de Klein a respeito dessa instância, uma vez que há a formação de uma primeira interdição através da oposição entre moções pulsionais do isso. O superego arcaico seria então descrito como uma instância formada pela inflexão da violência pulsional sobre o próprio psiquismo do bebê. Logo, a presença de objetos persecutórios aterrorizantes, deformados pela fantasia inconsciente, seria um desdobramento dessa hostilidade no mundo interno, que promovem angústia na criança e que agem cruelmente em reação aos seus impulsos sádicos. Logo, esses objetos ameaçadores são frutos das introjeções das figuras edipianas que compõem o ambiente da criança e despertam ódio e destrutividade no mundo interno, através do conflito entre o ego e a moralidade do superego (Cintra & Figueiredo, 2004/2016, p.60).

Conforme assinalam Bott-Spillius *et al.* (2011), o superego para Melanie Klein é formado pela excisão de uma parte do ego na qual são projetados uma série de elementos bons e ruins para fora do ego, que podem ser ameaçadores ou protetores. Diferentemente da concepção freudiana a respeito da ligação entre o superego e a resolução do complexo de Édipo, Klein se afasta gradualmente da teorização deste autor, uma vez que postula uma origem precoce e marcante severidade, que tende a ser suavizado caso não haja um desenvolvimento patológico. Em casos de perturbação na estruturação do superego, Bott-Spillius *et al.* (2011) sublinham que esta instância não se modificaria e certos elementos aterrorizantes e idealizados são cindidos pelo ego e empurrados para as profundezas do inconsciente, permanecendo como objetos internos associados a graves distúrbios e à psicose.

Assim como as suas contribuições acerca do ódio e da agressividade nos primórdios da vida psíquica, o superego para Klein se desenvolve a através da violência que ela observa nas fantasias inconscientes das crianças e do remorso e culpa que se manifestam na clínica. Bott-Spillius *et al.* (2011) ressaltam que a culpa inclusive desempenharia um papel relevante na inibição da atividade fantasmática e dos pensamentos. A partir da análise de Rita e Trude Klein (1926/1996c) descreve o papel da culpa e da angústia em relação ao objeto interno, experimentado como uma possível fonte de retaliação. Bott-Spillius *et al.* (2011) discorrem que, inicialmente, é notável a confusão na conceituação da autora, uma vez que tenta articular suas ideias com as teorias dos estágios psicosssexuais de Freud (1905/2010e) e Abraham (1911/1970a; 1924/1970b). É possível constatar tal fato em sua insistência em afirmar que não estava alterando a teoria freudiana, apenas descrevendo aspectos precoces do superego e da atividade pré-edípica, embora sua ideia contemplasse um funcionamento da instância em questão que Freud descreveria apenas no adulto, como a internalização das figuras parentais no *self* da criança (Bott-Spillius *et al.*, 2011).

Outro aspecto relevante na conceituação do superego arcaico para a autora e que interessa diretamente a nossa temática é a fonte da severidade deste, atribuída primeiramente ao sadismo anal e, posteriormente, também englobaria o sadismo oral, em confluência com a teoria do sadismo pré-genital de Abraham (1911/1970a; 1924/1970b). A partir do brincar das crianças Klein (1923/1996; 1926/1996c; 1927/1996d) enfatiza o caráter extremo e contrastante de certas figuras, que, nesse contexto, seriam ligados às representações do id e de diferentes aspectos do superego. Bott-Spillius *et al.* (2011) sublinham que Klein se mantém fiel à teoria das etapas psicosssexuais, uma vez que destaca que os impulsos rumo à genitalidade possibilitariam sentimentos e figuras solícitas em mitigar a severidade do superego. Nesse âmbito, também é possível observar a tentativa da autora em desenvolver suas ideias a respeito da divisão entre os aspectos bons e maus do *self* e do objeto, o que poderia modular o grau integração superego frente aos objetos em suas versões mais realísticas. Em 1929 ela diferencia o superego ameaçador das imagos fantasticamente boas e más, descrevendo-o como desconectado da realidade (Klein, 1929/1996g). Embora essa concepção cindida do superego implique em dificuldades em relação ao ego, Klein também começará

a descrever um ímpeto dessa instância em fazer síntese desses objetos internos, o que, posteriormente, será retomado quando a autora descreve a posição depressiva (Klein, 1935/1996i; 1940/1996j).

Acompanhando a cronologia estabelecida por Bott-Spillius *et al.* (2011), Klein adotaria o segundo dualismo pulsional freudiano a partir da década de 30 e começa a ligar a pulsão de morte diretamente ao superego, mas ainda mantém os estágios psicosssexuais como chave de compreensão para a gênese da instância supracitada. Nesse contexto, Klein descreve que, em conjunto com a assistência do objeto internalizado na fase oral-canibal, o ego cinde e mobiliza uma parte dos impulsos destrutivos contra outra parte. O objeto incorporado é visto pela autora como um veículo de defesa frente aos impulsos destrutivos e conecta a forma primário do superego à uma repressão primária. (1932/1997b)

Posteriormente, Klein sugere que o ego seria o mobilizador de libido contra a pulsão de morte mas, em função de sua fusão com a pulsão de vida seria impossível para o ego dividi-los em dois, o que resultaria em uma divisão do próprio id. Bott-Spillius *et al.* (2011) explicam que o superego descrito por Klein é formado pela fusão entre as pulsões de morte e vida, assim como os objetos introjetados que sofrem modificações. Conforme afirma Klein (1932/1997b), é possível constatar em crianças pequenas a presença não só de relações com objetos reais, mas também relações estabelecidas com imagos irreais, que podem ser experimentadas como excessivamente boas ou ruins.

Embora não seja a temática na presente tese, é relevante destacar que a proposta de Melanie Klein sobre o sadismo e o superego arcaico possuem grande impacto na técnica psicanalítica, com a ênfase atribuída ao trabalho com a transferência negativa, o foco em amenizar as exigências do superego arcaico e o acesso às fantasias inconscientes e as angústias primordiais. A ênfase no trabalho a partir da transferência negativa coloca no centro do tratamento psicanalítico os aspectos destrutivos vinculados à dimensão arcaica do ódio no psiquismo através do trabalho voltado à hostilidade e aos impulsos sádicos. Melanie Klein descreve a gênese do superego arcaico a partir das identificações contraditórias que a criança faz com suas figuras parentais, na qual descreve que a convivência entre uma bondade excessiva e uma severidade desmedida. Tal fato ocorre a partir da introjeção das imagos parentais derivadas dos objetos edipianos reais, que são

entremeadas pelos aspectos fantasmáticos relativos às experiências pré-genitais vividas com tais objetos.

Embora Klein ainda tenha modificado alguns aspectos a respeito da dinâmica e da composição do superego até o fim da obra, para a presente tese nossa intenção era percorrer, de forma breve, a importância que tal instância desempenha na reflexão teórica da autora a respeito das manifestações agressivas do psiquismo. Acreditamos que sua descrição a respeito da severidade do superego arcaico, sua presença desde os primórdios e seu caráter punitivo estão estreitamente ligados às profundezas do ódio e sua centralidade na mente do bebê. Seguindo o mesmo objetivo, discorreremos adiante sobre a inveja no pensamento da autora, conceito no qual acreditamos que haja a radicalização do papel do ódio na dinâmica psíquica e nas primeiras relações objetais.

2.4.3

A inveja primária e a radicalidade do ódio

Bott-Spillius *et al.* (2011) definem a inveja como o sentimento agressivo através do qual alguém possui e desfruta de algo que desejava, acompanhado de um impulso em estragá-lo. Klein postulava que esses movimentos invejosos, ligados primordialmente ao sadismo oral e anal, estão em funcionamento desde o início da vida, e, inicialmente possuem o seio que alimenta como primeiro objeto e, posteriormente, o coito parental. A inveja para a autora seria uma manifestação da destrutividade primária, ligada a fatores constitucionais, mas também influenciada por adversidades do mundo externo. Para Bott-Spillius *et al.* (2011), o ataque ao objeto bom, quando excessivo, levaria a um estado de confusão entre objeto bom e mau, impossibilitando a integração própria à posição depressiva. Em sua obra seminal sobre o conceito, enquanto a inveja é descrita como ligada à destrutividade e ao sadismo em suas raízes mais primordiais, a gratidão é proposta como uma antítese à primeira, vinculada à pulsão de vida.

Uma das primeiras referências à inveja na obra de Melanie Klein é encontrada em seu texto dedicado ao Édipo precoce (1928/1996f), como um intenso desejo de esvaziar e estragar os conteúdos internos do corpo materno, em especial o pênis paterno, que, no plano fantasmático, estaria contido na mãe. A respeito de sua manifestação clínica, Klein (1932/1997b) discorre, a partir de uma

vinheta clínica, sobre os ataques invejosos de uma criança em relação à fantasia do coito parental. Para a autora, a inveja seria considerada um dos grandes motivadores da curiosidade e da fantasia da criança em explorar o universo desconhecido do corpo da mãe. Embora de forma ainda embrionária, é importante ressaltar que nesse artigo Klein descreve a relação entre as fantasias destrutivas e as pulsões epistemofílicas, o que permite uma compreensão paradoxal do papel daquelas para o psiquismo, uma vez que elas também seriam necessárias para o ímpeto exploratório da criança em relação ao corpo materno. No entanto, Bott-Spillius *et al.* (2011) mencionam que as mesmas fantasias também são fontes de intensos medos e culpa, vinculados aos objetos hostis que ameaçam o *self*.

Posteriormente, ainda encontramos referências à inveja em seu texto sobre a transferência (1952/1991b), no qual discute a associação entre a inveja e desejos orais frustrados, que estariam relacionados com a fantasia de que outra pessoa teria usurpado uma gratificação outrora cobiçada. Apenas no final de sua obra Klein dedicará um texto exclusivo para a conceituação sistemática da inveja (1957/1991d), um dos seus últimos textos seminais. Não temos a pretensão de esgotar a discussão a respeito das contribuições trazidas pela autora nessa obra; limitaremos a nossa exposição a coletar elementos que descrevam a inveja como o ápice da sua tese a respeito do papel da destrutividade primária, relacionado intimamente ao ódio em sua camada mais profunda, oscilando entre o inatismo e as relações objetais.

De acordo com Bott-Spillius *et al.* (2011), embora estivesse presente desde cedo na obra de Klein, a inveja só foi vinculada aos impulsos destrutivos inatos em 1957. “A inveja é uma expressão sádico-oral e sádico-anal de impulsos destrutivos, em atividade desde o começo da vida, e que tem base constitucional” (Klein, 1957/1991d, p.207). A inveja primária descrita por Klein é variável, assim como o amor, e sofre influência do ambiente, embora este não seja responsável pela sua existência no psiquismo.

Concomitantemente a experiências felizes, ressentimentos inevitáveis reforçam o conflito inato entre o amor e o ódio, isto é, basicamente entre as pulsões de vida e de morte, o que resulta no sentimento de que existem um seio bom e um seio mau. Conseqüentemente, a vida emocional arcaica caracteriza-se por uma de perda e recuperação do objeto bom. Ao falar de um conflito inato entre amor e ódio, deixo implícito que a capacidade tanto para amor quanto para impulsos

destrutivos é, até certo ponto, constitucional, embora varie individualmente em intensidade e interaja desde o início, com as condições externas Klein, 1957/1991d, p.211).

Klein também se preocupa em fazer uma distinção entre inveja, ciúme e voracidade. Embora possuam uma associação íntima entre si, conforme esclarecem Bott-Spillius *et al.* (2011), Klein (1957/1991d, p.212) realiza o esforço de tentar delimitar suas fronteiras conceituais. Para ela, a inveja seria um sentimento raivoso caracterizado por uma relação entre duas pessoas, na qual há o impulso de retirar e estragar a possessão do outro. Ela pressupõe uma relação do indivíduo com uma só pessoa e remonta a relação arcaica com a mãe na qual o bebê, ao ser frustrado pelo seio, encontraria dificuldade em construir um objeto bom dentro de si. Já o ciúme seria descrito como uma relação triádica que teria como base a inveja, mas estaria relacionado ao medo de perder para um rival o amor que é sentido pelo sujeito. Por fim, a voracidade é descrita como uma ânsia insaciável “... escavar completamente, sugar até deixar seco e devorar o seio; ou seja, seu objetivo é a introjeção destrutiva, ao passo que a inveja procura não apenas despojar dessa maneira, mas também depositar maldade” Klein, 1957/1991d, p.212). A voracidade teria como objetivo destruir a criatividade da mãe através do depósito de partes más do *self* dentro dela, no intuito de destruir o seio, mecanismo que Klein descreveu como um dos aspectos destrutivos da identificação projetiva Klein, 1957/1991d, p.212). “Uma diferença essencial entre voracidade e inveja [...] seria, então, que a voracidade está ligada principalmente à introjeção e a inveja à projeção Klein, 1957/1991d, p.213).

Petot (1982/2016, p.155) destaca que a inveja descrita por Klein tem como objetivo estragar o prazer oral primário, fato que impede o surgimento da gratidão e promove o ódio em relação ao bom objeto. Ela mina diretamente a relação primária com a mãe e impede o desenvolvimento da capacidade amar desde suas raízes e, conseqüentemente, prejudica o seu derivado, o sentimento de gratidão (Klein, 1957/1991d, p.219). Nesse contexto, Petot (1982/2016, p.155) ressalta que a autora elege três aspectos centrais para a sua teoria da inveja: “[...] a inveja é uma ‘expressão sádico-oral e sádico-anal das pulsões destrutivas’; ela opera desde o início da existência; tem uma base constitucional” (Petot, 1982/2016, p.155). O autor ainda sublinha que a compreensão de Klein a respeito da inveja é tributária

de sua concepção de que haveria um conhecimento inato do seio bom na base do psiquismo, e que o desajuste entre a expectativa de um seio inesgotável e a realidade apresentaria ao bebê um elevado grau de frustração (Petot, 1982/2016, p.155).

Petot (1982/2016, p.155) ressalta que a frustração descrita por Klein acontece em função da associação entre a experiência de privação e o entendimento de que os aspectos bons e maus do seio operam simultaneamente; “bom enquanto fonte inesgotável de tudo aquilo que é bom e desejado, e mau enquanto guarda egoisticamente tudo isto para uma própria satisfação, frustrando assim deliberadamente o sujeito” (Petot, 1982/2016, p.155). Para o autor, essa combinação será determinante para a descrição da inveja dentro de sua teorização a respeito da destrutividade, pois enquanto as pulsões destrutivas operavam em direção ao objeto mau, a inveja visaria o ataque ao seio bom, tornando-se não somente antagônico à gratidão, mas também ao processo de reparação. Petot (1982/2016, p.156) enfatiza que a teoria da inveja proposta por Klein diverge radicalmente de suas contribuições a respeito da destrutividade primária exatamente pelo papel central que o enredo invejoso assume, primordialmente, em relação ao objeto bom, configurando uma descrição de uma dimensão agressiva precoce em relação ao seio gratificante. Não há retaliação, uma vez que, diferentemente de sua descrição a respeito dos impulsos sádicos, não houve um ataque prévio que justificasse uma vingança; há o sentimento de que o bebê se sente frustrado e atacado sem ele mesmo ter adotado qualquer postura hostil (Petot, 1982/2016, p.156).

Julgamos pertinente a distinção feita por Petot a respeito dos dois empregos do termo inveja por Melanie Klein. O autor destaca que uma de suas definições seria referente à uma cena de frustração na qual, além do desprazer oriundo da privação, também seria somado à cólera advinda da contrariedade em relação ao objeto frustrador (Petot, 1982/2016, p.156). Nesse contexto, as fantasias de ataque e perseguição advindas desse evento teriam uma dupla ação: a primeira seria a tentativa de se apossar dos elementos bons do objeto, enquanto a segunda visaria à espoliação dessa bondade pertencente ao objeto alvo (Petot, 1982/2016, p.156). Petot enfatiza que o primeiro aspecto está intrinsecamente relacionado à avidez, enquanto o outro visa atacar e destruir a criatividade

materna, evocando a identificação projetiva como mecanismo fundamental. Para o autor, esses dois aspectos descritos pela autora determinariam a escolha do vocabulário para se referir à vertente introjetiva da inveja, ligada à voracidade, e a utilização do termo ataque invejoso para expressar a parte projetiva do sentimento em questão.

A inveja contribui para as dificuldades do bebê em construir seu objeto bom, pois ele sente que a gratificação de que foi privado foi guardada, para uso próprio, pelo seio que o frustrou. [...] A inveja é o sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta de algo desejável – sendo o impulso invejoso o de tirar este algo ou de estragá-lo [...] pressupõe a relação do indivíduo com uma só pessoa e remonta à mais arcaica e exclusiva relação com a mãe (Klein, 1957/1991d, p.212).

Petot também sublinha que esse movimento invejoso dirigido ao bom objeto suscita um sentimento de culpa, que não poderia ser vivenciado como tal em função de sua precocidade, fato que lança um enredo persecutório para o bebê nos primórdios da vida psíquica. A respeito dessa culpa preliminar, Petot a associa ao afeto invejoso e o sentimento de frustração que acompanha os ataques dirigidos ao bom objeto, “[...] fazendo surgir a ambivalência que a clivagem tem por função decompor em duas relações contrastadas” (Petot, 1982/2016, p.157). Nessa direção, é importante destacar que há o delineamento de duas acepções do sentimento de culpa na obra de Klein. A primeira, advinda da unificação do objeto e, conseqüentemente, pela integração do sujeito, e a segunda, provocada pela inveja, na qual prevalece a confusão entre o bom e o mau objeto, e que impediria a elaboração tanto das angústias persecutórias como das depressivas. “A culpa que procede da unificação do objeto, produzida pela integração do sujeito, é fecunda; aquela que resulta na *confusão* entre o bom e o mau provocada pela inveja é *prematura*” (Petot, 1982/2016, p.157). Os ataques invejosos também são descritos por Klein como uma forma de defesa frente ao afeto invejoso.

Contudo, pode ocorrer que Melanie Klein apresente os ataques invejosos como defesas contra a inveja [...] Visto que o seio inexaurível, correlato ideal da avidez, constitui o protótipo de todos os objetos idealizados posteriores, não será surpreendente o fato de que a desvalorização do objeto invejado conduza com frequência ao que se poderia nomear de desidealização dos objetos ideais. Pelo fato de ser representado como inesgotável e ideal, o seio é suspeito como conservando para si mesmo sua bondade, e as privações que ele inflige são

intoleráveis. A desvalorização do seio e ulteriormente a dos objetos invejados tornam, portanto, a frustração menos amarga (Petot, 1982/2016, p.158).

Portanto, no presente capítulo percorremos algumas contribuições freudianas e kleinianas acerca do desenvolvimento de uma compreensão psicanalítica do ódio e seu importante papel na constituição subjetiva e no estabelecimento das primeiras relações de objeto e construção do mundo interno. Nosso intuito foi de percorrer, primeiramente a partir de Freud, de que maneira o interesse pelo ódio se desloca da neurose obsessiva para a investigação de seu papel nos processos de formação do ego e das primeiras relações com o outro. Melanie Klein levou adiante a tese freudiana respeito da atuação primitiva desse sentimento no psiquismo e, de forma polêmica, descreveu seus derivativos, como os impulsos sádicos, a inveja e o exercício do superego arcaico, como operantes desde o início da vida psíquica. Nosso objetivo foi caracterizar o ódio e acompanhar algumas evoluções do conceito no pensamento psicanalítico a partir desses autores. Seguiremos nossa pesquisa com o estudo dos impactos que o ódio poderia causar ao se instaurar de forma extrema nos primórdios da vida psíquica.

3

O ódio e seus impactos nos primórdios da vida psíquica

No presente capítulo discorreremos sobre as vicissitudes do ódio na constituição subjetiva, em especial quando esse sentimento se torna prevalente na interação com o objeto primário. A identificação projetiva será o conceito central que guiará a nossa investigação, uma vez que, desde sua conceituação na obra de Melanie Klein (1946/1991a) ele adquiriu uma relevância determinante para a descrição dos primórdios da vida psíquica. Entendemos que tal conceito possui uma importância acentuada para a compreensão das repercussões do ódio na relação primária e seus destinos em termos de quadros psicopatológicos.

Primeiramente descrita como uma defesa no plano fantasmático frente à angústia paranoide que atormenta o bebê desde o início de sua vida (Klein, 1946/1991a), posteriormente a identificação projetiva adquire um caráter bastante ampliado, que englobaria não só a esfera intrapsíquica e os objetos internos, mas também a intersubjetividade e a qualidade da relação com o objeto primário (Bion, 1957/1991a). Tal deslocamento teórico possui grande relevância para a nossa pesquisa, uma vez que será possível entender o ódio vinculado ao ambiente e aos objetos externos. Seu papel enquanto via de comunicação rudimentar entre a mãe e seu bebê, destacado por Bion (1957/1991a), traz uma nova forma de entendimento sobre o processo psíquico supracitado, uma vez que permite uma descrição detalhada dos primeiros processos de constituição da subjetividade.

A centralidade da comunicação arcaica entre mãe-bebê será abordada no intuito de investigarmos os processos psíquicos implicados nessas primeiras interações no início da vida. Acreditamos que o processo de *rêverie* materna (Bion, 1957/1991a) e a relação continente-conteúdo (Bion, 1962/1988) são fundamentais para a ascensão dos processos de integração do *self* e da assimilação das primeiras sensações que compõe as primeiras matrizes da formação da subjetividade e, conseqüentemente, das primeiras formas de simbolização. Dessa

forma, julgamos relevante investigar de que forma essas primeiras experiências sensoriais são cruciais para a constituição do *self* e da ascensão dos processos de simbolização através das formulações de Frances Tustin (1980;1981;1984) a respeito das primeiras sensações corporais e de Albert Ciccone (2013) sobre a parte bebê do *self*.

Também abordaremos de que forma o ódio, ao prevalecer em função da incapacidade de tolerar a frustração, denuncia falhas severas no processo de *rêverie* que desencadeiam formas de intenso sofrimento. Nessa direção, julgamos determinante a conceituação de Donald Meltzer a respeito do claustro e dos fenômenos claustrofóbicos, assim como sua descrição sobre a geografia dos compartimentos que compõe o objeto primário. Desse modo, abordaremos as contribuições do autor no intuito de mapear os impactos possíveis dos processos intrusivos e de adesividade, no qual o ódio assume um caráter central, acarretando graves falhas na diferenciação entre o *self* e o objeto materno primário.

3.1

O conceito de identificação projetiva

Melanie Klein (1946/1991a) promove uma expansão da posição paranoide concebida por ela em contraste com a posição depressiva (Klein, 1935/1996i). Ao descrever a angústia psicótica de base que permeia o bebê desde o início de sua vida, a autora se detém na descrição dos mecanismos de defesa que o ego arcaico precisa recorrer para lidar com o elevado grau de angústia. Tal fato permite que a autora construa uma teoria a respeito do desenvolvimento de quadros psicopatológicos como a esquizofrenia e a esquizoidia, baseada na intensa prevalência de tais defesas em etapas precoces da vida subjetiva. Nessa direção, a obra referida da autora traz uma investigação aprofundada da natureza dos estados esquizoides e das defesas que os envolvem, como a idealização, a desintegração e a cisão, esta que será descrita não apenas em relação aos sentimentos, mas também relacionada às relações de objeto. Dentre as defesas descritas pela autora, a identificação projetiva é citada como a principal durante a posição esquizoparanoide, intimamente associado à cisão e aos mecanismos projetivos descritos anteriormente pela autora, como a expulsão (Klein, 1930/1996h). Devido a sua importância para a presente tese, acompanharemos brevemente o

desenvolvimento da autora a respeito da identificação projetiva e sua atuação precoce na vida do bebê.

A identificação projetiva é indissociável do conceito de cisão, que permeia a obra inteira da autora, embora sofra modificações ao longo dos anos. É possível mapear o interesse de Klein pela cisão precocemente, quando, a partir de seu relato sobre o caso Fritz (1921/1996a), postula que há uma tentativa do menino de cindir a imago materna para conservar a mãe amada fora de perigo. No contexto do relato trazido por Klein, Fritz relata que sente medo de um conto de fadas no qual uma bruxa oferece comida envenenada a um homem, que, por sua vez, oferta o alimento para um cavalo, que morre após o episódio. Fritz sente medo da possibilidade das bruxas realmente existirem, ao mesmo tempo que teme que as rainhas, muito bonitas, possam também pertencer à bruxaria (Klein, 1921/1996a, p.63). “A bruxa da última fantasia citada apenas introduz uma figura (bastante recorrente naquela época) que o menino criou, na minha opinião, a partir de uma divisão da imago da mãe” (Klein, 1921/1996a, p.64). Klein ressalta a atitude ambivalente que Fritz apresenta em relação ao sexo feminino em virtude da fantasia apresentada a partir de uma antipatia irracional frente às meninas, fruto da tentativa do jovem rapaz de lidar com a frustração relativa à sua mãe e que motivam a cisão. “Esta segunda imago feminina, que ele excindiu da mãe amada a fim de mantê-la inalterada, é a mulher com o pênis [...]” (Klein, 1921/1996a, p.64).

É possível encontrar uma referência à articulação da cisão com o mecanismo de projeção a partir do relato de outro caso de Melanie Klein, apelidado pela autora de Erna. Nesse trabalho, a autora busca explicar que a cisão e a projeção são formas de defesa contra a angústia. A partir da associação da personificação ocorrida no brincar das crianças com a projeção de partes do *self*, Klein descreve de que forma aspectos do id e do superego são atribuídos às figuras externas ou fantasmáticas, associados em graus diversos ao sadismo infantil. A respeito de Erna, a autora a descreve como um caso grave de neurose obsessiva e que, a partir da brincadeira, manifestava uma grande incapacidade de suportar seus próprios impulsos sádicos. Klein era colocada no lugar da criança durante as sessões, “Eu tinha, então, que passar pelas torturas e humilhações mais

fantásticas. Se alguém me tratava bem nesse jogo, geralmente logo se descobria que sua bondade era apenas simulada” (Klein, 1929/1996g, p.229).

Nessa direção, Klein descreve a presença de traços paranoicos vinculados ao fato da analista ser espionada e cercada por perseguidores, narrativa que mudava de tonalidade quando Erna desempenhava o papel de criança, nesse caso, a brincadeira terminava com a jovem menina obtendo sucesso na fuga de seus perseguidores e se tornando rica, “[...] transformando-se numa rainha e realizando uma vingança cruel contra aqueles que a atormentavam” (Klein, 1929/1996g, p.229-230). No entanto, quando o sadismo se dissipava nesse tipo de fantasia, Erna apresentava angústia, exaustão física e profunda depressão (Klein, 1929/1996g, p.230).

Quando Erna desempenhava o papel da mãe cruel, a criança malcomportada era o inimigo; quando ela própria era a criança perseguida, mas que logo se tornava poderosa, o inimigo era representado pelos pais malvados. Em cada caso havia um motivo, que o ego procurava tornar plausível ao superego, para se deixar levar por um sadismo irrefreado. De acordo com esse ‘contrato’, o superego deveria agir contra o inimigo como se estivesse lutando contra o id. No entanto, o id continuava a buscar em segredo sua gratificação predominantemente sádica, voltada para os objetos primários. A satisfação narcisista obtida pelo ego ao derrotar inimigos internos e externos também ajudava a apaziguar o superego e conseguia reduzir consideravelmente a ansiedade. Esse pacto entre as duas forças pode ser relativamente bem-sucedido em casos menos extremos: ele pode passar despercebido pelo mundo externo. Mas no caso de Erna, ele entrava em colapso por causa do sadismo excessivo do id e do superego. Como consequência, o ego se aliava ao superego e tentava punir o id para obter uma certa gratificação, mas isso também redundava em fracasso (Klein, 1929/1996g, p.230).

Ainda é possível sublinhar que Klein faz uma aproximação entre a cisão e projeção, ao discorrer sobre a cisão do superego entre as identificações primárias introjetadas durante o desenvolvimento. “Creio que esses mecanismos (cisão e projeção) são um fator básico da tendência de personificação no jogo” (Klein, 1929/1996g, p.235). Klein aproxima tal fenômeno aos processos projetivos, associados pela autora como base para a personificação durante o jogo. Logo, através dos mecanismos descritos por Klein, seria possível apaziguar as tensões concernentes à relação entre superego e o id, tornando o conflito intrapsíquico mais brando e possibilitando seu deslocamento para o mundo externo (Klein, 1929/1996g, p.235). Desse modo, o ego obtém prazer oriundo dessa dinâmica relativa à cisão e projeção, uma vez que “[...] seus investimentos de ansiedade e

culpa, podem ter uma solução favorável e a ansiedade pode sofrer uma grande redução” (Klein, 1929/1996g, p.235).

O desenvolvimento a respeito da tentativa de apaziguamento da angústia através da cisão e da projeção encontrará uma importante expansão a partir do texto sobre a formação de símbolos (Klein, 1930/1996h). Nessa obra, Klein descreve a expulsão de partes do *self* como o mecanismo mais arcaico do psiquismo, antecedendo o recalque, a partir do estudo do famoso caso Dick. De acordo com Klein (1930/1996h, p.251-252), o excesso de sadismo ativarão modos de defesa arcaicos do *self* proveniente de uma dupla fonte de perigo; o sadismo intrínseco ao sujeito e aquele relativo ao objeto que é alvo dos ataques do ego. “Essa defesa tem caráter violento, proporcional à quantidade de sadismo, e difere fundamentalmente do mecanismo posterior da repressão” (Klein, 1930/1996h, p.252). Nessa direção, a expulsão é descrita pela autora como uma forma do ego lidar com os impulsos sádicos voltados para si mesmo, ao mesmo tempo que a destruição é dirigida ao objeto na tentativa de extinguir a possibilidade de retaliação. “Assim, o ego em desenvolvimento se vê diante de uma tarefa que não está ao alcance de suas possibilidades nesse estágio: a de dominar a mais aguda ansiedade” (Klein, 1930/1996h, p.252).

Nesse contexto, é importante enfatizar que a proposta de Klein a respeito das fantasias sádicas, em especial aquelas dirigidas ao corpo materno, integram a relação primordial do bebê com o mundo externo e com a realidade. “O grau de sucesso com que o indivíduo consegue passar por essa fase vai determinar até que ponto ele poderá ter acesso a um mundo externo que corresponda à realidade” (Klein, 1930/1996h, p.253). Logo, inicialmente o bebê está cercado de objetos promotores de angústia, equiparados, no plano fantasmático, aos excrementos e aos órgãos do corpo e, à medida que o ego amadurece há a instauração de uma assimetria entre a realidade interna e externa que inaugura uma diferença entre o mundo fantástico do bebê e a realidade propriamente dita. “Assim, o desenvolvimento do ego e a relação com a realidade dependem da capacidade do indivíduo de tolerar a pressão das primeiras situações de ansiedade, já num período muito inicial” (Klein, 1930/1996h, p.253). Portanto, a formação dos símbolos será dependente da capacidade do ego em suportar um grau de angústia

e, posteriormente, elaborá-la, a fim de que haja a possibilidade do bebê de ter acesso às equações simbólicas próprias ao mundo fantasmático.

Posteriormente, a cisão é proposta por Klein como um processo vinculado ao declínio do sadismo na criança e, portanto, fruto da maturidade emocional, que permitiria a restauração do objeto bom e o afastamento do objeto mau (Klein, 1932a). Para Klein, o ego gradualmente se submete às imposições do superego e suas interdições, fato que gera incremento dos componentes libidinais e diminui as tendências sádicas primárias (Klein, 1932a, p.207). Logo, a aceitação da realidade externa depende da aceitação da realidade intrapsíquica e da convergência entre o objeto e o superego severo, que, para a autora, denotam um progresso da forma como o indivíduo se relaciona com a realidade, com o auxílio dos mecanismos de projeção e deslocamento (Klein, 1932a, p.208). “A este ponto, o método principal que o ego adota para superar a angústia é o de tentar satisfazer tanto aos objetos externos como aos internalizados” (Klein, 1932a, p.208).

Sobre a forma como o ego lidará com o objeto, Klein descreve duas formas de conduta possíveis. A primeira delas seria quando o indivíduo se afasta do mesmo, por temor, uma vez que o enxerga como fonte de perigo, assim como também necessita se preservar de seus próprios impulsos sádicos. A outra postura é descrita pela autora como uma interação mais próxima com o objeto, imbuída de sentimento positivo (Klein, 1932a, p.208). A cisão surge dirigida à imago materna, constituindo a ambivalência presentificada entre uma parte boa e outra má e possui grande importância para o ego superar seu temor em relação ao superego.

Esse tipo de relação objetal é produzido pela cisão da imago materna em boa e má. A ambivalência do indivíduo com relação ao seu objeto, além de representar um passo avante no desenvolvimento de suas relações objetais, constitui-se num mecanismo de importância fundamental para superar o medo ao superego. Nesse sentido, o superego, após haver sido dirigido para fora, é distribuído por numerosos objetos, sendo que alguns representam o objeto que foi atacado e que é, portanto, ameaçador, ao passo que outros, notadamente a mãe, significam a pessoa bondosa e protetora (Klein, 1932a, p.208).

A cisão também é descrita pela autora através do interjogo entre introjeção e projeção relativo ao desenvolvimento do *self* da criança e de suas relações de objeto, assim como a forma pela qual se adaptará à realidade (Klein, 1932b). Klein explica que a criança pequena, ao introjetar os objetos que o amedrontam,

desperta os mecanismos de ejeção e de projeção (Klein, 1932b, p.195). Klein também salienta que há uma ação recíproca entre projeção e introjeção, que possui grande importância para a formação do superego, mas também para a constituição das relações objetais e em relação à realidade.

A constante necessidade de projetar suas terríficas identificações sobre os objetos, parece incrementar o impulso de repetir incessantemente o processo de introjeção, e constitui, portanto, um fator decisivo na evolução de suas relações com os objetos (Klein, 1932b, p.196)

Bott Spillius *et al.* (2011) ressaltam que Klein acompanha a iniciativa freudiana (1915/2010m) de realocar a projeção como um mecanismo que mantém as experiências más distantes. No entanto, a autora também destaca que, além da dimensão de evacuação defensiva também é possível constatar a importância que Klein atribui ao interjogo entre projeção e introjeção para o desenvolvimento da mente, fato que, gradativamente, nos aproxima das definições de identificação projetiva que serão desenvolvidas futuramente.

Na construção do conceito de posição depressiva (Klein, 1935/1996i), a cisão primária possui grande relevância não somente para a compreensão desta e de seus desdobramentos psicopatológicos, mas também para o entendimento da cisão na vida psíquica de uma forma geral. Na mesma direção da linha de raciocínio construída pela autora previamente, a cisão aparece atrelada aos mecanismos de projeção e introjeção em momentos precoces, no momento no qual o bebê precisa lidar com seus impulsos sádicos e com a ameaça dos objetos perseguidores. “Quando – com a introjeção do objeto total e real – eles se aproximam, o ego recorre constantemente [...] à cisão das imagos entre as amadas e as odiadas, ou seja, entre boas e perigosas” (Klein, 1935/1996i, p.328). A dinâmica particular que envolve a introjeção e a projeção está presente de forma consistente desde o início da vida psíquica do bebê. “Desde o início, o ego introjeta objetos ‘bons’ e ‘maus’, sendo que o seio da mãe serve de protótipo para ambos – ele é um objeto bom quando a criança consegue obtê-lo e é mau quando ela o perde” (Klein, 1935/1996i, p.304). Assinala também que as imagos envolvidas sofrem distorção fantasmática em relação aos objetos reais nas quais se baseiam e se acomodam no seio ego através da incorporação, o que permite pensar em formas de angústias equiparáveis às psicoses manifestadas no adulto (Klein, 1935/1996i, p.304). Para Bott Spillius *et al* (2011), é possível constatar

que há uma preocupação da autora em descrever a projeção de uma forma ampliada, que envolveria, além dos impulsos, também os objetos internos e partes do *self*, o que nos remete diretamente à conceituação da identificação projetiva.

O conceito de identificação projetiva foi cunhado por Melanie Klein em 1946, em seu trabalho dedicado aos mecanismos esquizoides (Klein, 1946/1996a). Nesse seminal texto, a autora formaliza a identificação projetiva como uma das defesas próprias da posição esquizoparanoide, ativada contra a angústia paranoide, em conjunto com a cisão, negação e a idealização. Conforme demonstramos anteriormente, a identificação projetiva é um conceito que, embora tardio na obra da autora, seu desenvolvimento é facilmente encontrado em sua obra. A sua conceituação é importante pois permite que a autora relacione diretamente a cisão com os mecanismos projetivos, assim como as fantasias de intrusão e controle do corpo materno, próprios à sua descrição da posição esquizoparanoide e às relações parciais e narcísicas que se estabelecem nesse momento da vida psíquica. Donald Meltzer (2008/2017) afirma que o referido texto de Klein sobre os mecanismos esquizoides denota uma importante distinção do modelo freudiano de pensamento, que já vinha sendo delineada pela autora em suas contribuições sobre a concretude da realidade psíquica, os objetos internalizados e o papel das fantasias inconscientes na implementação das defesas do psiquismo. “Essa fase foi inaugurada pela descrição dos processos de clivagem, em que partes do *self* não somente incorporam aspectos do id, mas também aspectos do objeto interno.” (Meltzer, 2008/2017, p.13).

Conforme constata Donald Meltzer (2008/2017), nessa obra Klein busca descrever os mecanismos da posição esquizoparanoide, no intuito de descrever os pontos de fixação próprios às patologias, tais como a esquizofrenia, a paranoia e os estados maníacos-depressivos. Os impulsos sádico-orais do bebê em relação à mãe visam depósito dos próprios excrementos dentro dela, em uma tentativa de penetrar no corpo materno e controlá-lo, o que caracterizaria os movimentos fantasmáticos da identificação projetiva. James Grotstein (2007/2010, p.179) complementa ao destacar que a identificação projetiva comporta uma importante conexão entre impulsos sádico-orais e anais para lidar com a angústia paranoide, assim como a personificação dos aspectos cindidos do *self* na vida fantasmática

do sujeito. Outro fato importante para a compreensão da identificação projetiva tal qual proposta por Klein nesse período é a dinâmica da cisão, compreendida em primeira instância como um processo passivo; o ego teria uma tendência a se despedaçar frente à pressão exercida por uma ameaça. Posteriormente, a clivagem seria compreendida como um processo ativo e que, tanto *self* como os objetos internos e externos operam com a cisão de forma ativa e simultânea (Meltzer, 2008/2017, p.14-15).

Para Jean-Michel Petot (1982/2016, p.123), o conceito de identificação projetiva ocupou um lugar importante no sistema kleiniano, uma vez que inaugura um entendimento ampliado da identificação no estágio esquizoide, de caráter projetivo, assim como redefine a relação existente entre a posição paranoide e a depressiva (Klein, 1935/1996i). É importante salientar que na obra da autora não havia lugar para a identificação propriamente dita na etapa de prevalência dos objetos parciais até a proposição a respeito da identificação projetiva.

É notável que a autora enfatize a radicalidade dessa modalidade de identificação ao associá-la aos impulsos agressivos que envolvem, de forma concomitante, os movimentos de projeção e introjeção, descritas pela autora como os atos de expulsão de substâncias perigosas para dentro do corpo materno no primeiro; e o morder e sugar até exaurir para o segundo movimento (Klein, 1946/1991a, p.27). Há uma complexificação da relação entre introjeção e projeção, anteriormente compreendida no sistema kleiniano de forma tendenciosa como a primeira sendo “boa” e a segunda “má”. Os movimentos sádicos em relação ao corpo da mãe são passíveis de serem introjetivos, como o sugar, esvaziar e morder e projetivos, como a expulsão de substâncias perigosas e a penetração (Petot, 1982/2016, p.123-124). Conforme destacam Cintra & Ribeiro (2018, p.120), a identificação projetiva é uma forma particular de identificação que implica na expulsão de partes do *self* dentro do objeto, que leva a uma confusão entre sujeito e objeto e enfraquece o ego.

A identificação projetiva também teria como objetivo a tentativa de conservar tanto os elementos projetados como também o próprio objeto, em uma concepção próxima à pulsão de dominação descrita por Freud (1905/2010e). Nesse sentido, a fantasia descrita seria de controlar de forma onipotente uma parte do *self* que seria projetada no interior do objeto materno, com o qual o bebê

vivenciaria um estado confusional; a mãe, por portar tais elementos do *self* é experimentada como não-diferenciada do mesmo (Petot, 1982/2016, p.124).

Também é importante salientar a importância atribuída à identificação projetiva em relação às partes boas do *self* como fornecedora das condições necessárias para o estabelecimento de relações objetais de amor, assim como para os processos de integração do ego. Para Petot (1982/2016 p.125), a identificação projetiva “boa” permite o entendimento de que há uma interação recíproca entre o bebê e a mãe, na qual aquele pode introjetar o bom objeto na medida que projeta partes boas suas no objeto materno. Esta interação determina a qualidade da relação objetal estabelecida com a mãe, que servirá como modelo para as relações estabelecidas posteriormente. Em confluência com o autor, Cintra & Ribeiro (2018, p.120) ressaltam que a prevalência do movimento projetivo de aspectos bons favorece a introjeção do bom objeto e, conseqüentemente, a integração, enquanto o protagonismo da projeção das partes más do *self* geraria a intensificação da angústia persecutória em relação ao objeto.

3.2

A forma rudimentar de comunicação e a *rêverie* materna

Posteriormente, Wilfred Bion (1961/1991c;1962/1988) desenvolve o conceito ao sublinhar a vertente comunicacional da identificação projetiva. Klein já havia comentado a respeito da dimensão “normal” desse processo psíquico como vital e determinante para as relações objetais amorosas e para os processos de integração do ego (Klein, 1946/1991a, p.27-28); no entanto, coube a Bion (1961/1991c) enfatizar o caráter comunicativo da identificação projetiva e assinalar a sua importância para o interjogo emocional que ocorre na dupla mãe-bebê. Grotstein (2007/2010) explica que a identificação projetiva para Melanie Klein engloba o modelo de apenas uma pessoa, que tem como seu componente a fantasia intrapsíquica onipotente, de ordem inconsciente.

Na obra de Bion, o modelo de duas pessoas é central, pois leva em consideração as respostas do objeto à identificação projetiva e as modificações da função continente. Grotstein (2007/2010) comenta que, para, Melanie Klein, a prevalência da dimensão evacuatória, agressiva e possessiva era característica da identificação projetiva, enquanto Bion compreendia que o bebê estava

comunicando suas emoções ao objeto, na expectativa que esse contivesse e mediasse suas angústias. Grotstein (2007/2010) ainda ressalta que a versão de Bion a respeito da modalidade comunicativa bimodal da identificação projetiva inclui a dimensão intrapsíquica kleiniana e acrescenta o eixo intersubjetivo, evidenciando o papel do objeto na dinâmica da identificação projetiva, que modifica ativamente a experiência que o sujeito vivencia (Grotstein, 2007/2010).

Nesse sentido, para apreendermos a diferença essencial entre as concepções de Bion e de Klein a respeito da identificação projetiva, é necessário que compreendamos o modelo de aparelho psíquico que o primeiro propõe, em especial em seu texto “A teoria do pensar” (Bion, 1961/1991c). Conforme sublinha Chuster e col. (2014), o texto supracitado constitui um dos três principais momentos da obra de Bion, ao lado da teorização a respeito dos grupos e da proposta de um modelo espectral, composto de infinitas possibilidades entre partes psicóticas e não-psicóticas da personalidade. Nessa obra, Bion postula um modelo do psiquismo baseado na importância da tolerância frustração para o desenvolvimento da capacidade de pensar/sonhar no bebê, quando acolhida pelo processo de *rêverie* materna (1961/1991c).

Bion propõe uma importante descrição do desenvolvimento dos pensamentos, utilizando termos como preconcepções, concepções (pensamentos) e conceitos. Para o autor, a pressão exercida pelos pensamentos provoca o surgimento da capacidade pensar. Seguindo esse raciocínio, Bion expõe que a concepção é resultante da conjunção inicial entre uma preconcepção e uma realização. O modelo ao qual recorre o autor é o do bebê que possui uma expectativa de um seio; “quando o bebê é posto em contato com o próprio seio, associa-se com a consciência da realização e é sincrônica ao desenvolvimento de uma concepção”. (Bion, 1961/1991c, p.186). Chuster e col. definem a preconcepção como “[...] uma *expectativa vaga* de que, no *futuro*, exista um *objeto* onipotente e psiquicamente acolhedor capaz de preencher as necessidades e incompletudes humanas.” (2014, p.66). Também acrescentam que o pensamento em Bion surge a partir da introjeção de um objeto em que a realização precisa lidar simultaneamente com a frustração e a satisfação. Dessa forma, o pensamento pressupõe a existência de um processo de integração, que coincide com o conceito de posição depressiva (Chuster e col, 1999, p.97).

A capacidade do bebê de tolerar a frustração será crucial para que tal experiência se transforme em um pensamento e o aparelho de pensar pensamentos se desenvolva de forma satisfatória. “Se a frustração pode ser tolerada, a associação de concepção e realizações, sejam negativas ou positivas, dá início a procedimentos necessários para aprender com a experiência”. (Bion, 1961/1991c, p.188). Nesse sentido, destacamos a importância atribuída por Bion ao ajuste necessário entre a mãe e seu bebê, onde a identificação projetiva ocupa um lugar central. “[...] o bebê é capaz, através da operação de um senso de realidade rudimentar, de comportar-se de tal modo que a identificação projetiva – normalmente uma fantasia onipotente – funcione como um fenômeno realista”. (Bion, 1961/1991c, p.188). Diferentemente da dimensão *excessiva* descrita originalmente por Melanie Klein (1946/1991a), o autor descreve que tal atividade realista seria própria a essa forma rudimentar de comunicação e que “visa despertar na mãe sentimentos dos quais o bebê deseja livrar-se”. (Bion, 1961/1991c, p.189). Uma vez que o bebê não consegue dar conta por si só desses elementos em estado bruto, ela os evacua para dentro da mãe, na esperança de que esta os transforme em elementos alfa que o bebê possa sonhar. “A capacidade da mãe de *rêverie* é o órgão receptor da colheita de sensações que o bebê, através de seu consciente, obtém do *self*”. (Bion, 1961/1991c, p.190).

Quando a *rêverie* materna é incapaz de conter os elementos brutos projetados pelo bebê, a identificação projetiva assume uma dimensão patológica de pura descarga, que prescinde da dimensão de comunicação sublinhada anteriormente. O bebê é forçado a reintrojetar os sentimentos intoleráveis de volta para si, internalizado como um terror inominável. (Bion, 1961/1991c, p.190). O grau de frustração se torna intolerável para o psiquismo do bebê, que é invadido por objetos bizarros impossíveis de serem metabolizados, cujo único recurso para descarga seria a utilização da identificação projetiva como um mecanismo de evacuação. Em função do grau intolerável de frustração que assola o psiquismo, o ódio assume um papel protagonista na relação primordial mãe-bebê, uma vez que o bebê se sente assolado por objetos aterrorizantes, que adquirem tal conotação em função da falha da *rêverie* materna em acolhê-los de forma harmônica. Portanto, a prevalência do ódio busca mitigar a existência do próprio aparelho psíquico e de sua capacidade de pensar, assim como os vínculos entre objetos

internos e externos, uma vez que a função integrativa da *rêverie* encontra-se abalada, assim como a identificação projetiva é utilizada de forma evacuativa (Bion, 1957/1991a).

É importante salientar a ênfase que Bion atribui ao sonhar para a construção do modelo relacional mãe-bebê, assim como a importante dinâmica emocional que se estabelece entre a mente da mãe, que, conforme descrevemos anteriormente, funciona como uma espécie de aparelho digestivo para o psiquismo do bebê. Nesse sentido, conceitos como *rêverie* materna, função alfa e continente-contido assumem grande importância para a compreensão da constituição psíquica, uma vez que descrevem a forma pela qual a mãe acolhe elementos indigestos do seu bebê e os devolve qualitativamente transformados, passíveis de serem sonhados por ele. Descrevemos anteriormente a importância da capacidade de sonhar da mãe para a constituição psíquica do bebê, denominada por Bion como *rêverie* materna. Posteriormente, Bion amplia o modelo do sonhar quando propõe o conceito de função alfa, descrita pelo autor como a função responsável por prover material para os pensamentos oníricos através da conversão de dados sensoriais em elementos alfa, “[...] e, portanto, a capacidade para acordar ou dormir, para estar consciente ou inconsciente”. (Bion, 1961/1991c, p.189). Assim, a capacidade de *rêverie* materna é descrita como um dos componentes da função alfa, responsável pela metabolização dos elementos sensoriais em oníricos e que está presente na globalidade das relações interpessoais.

O conceito de função alfa é determinante para o modelo de aparelho psíquico elaborado por Bion, pois reafirma a importância do sonhar para a constituição do aparelho psíquico e a importância da dimensão intersubjetiva. Nessa direção, Bion refina sua teorização a respeito das propriedades da função alfa, descrevendo os elementos alfa e beta. O primeiro seriam elementos passíveis de serem sonhados pela mente do bebê, uma vez que são apreendidos de forma satisfatória pela mente materna. Por sua vez, os elementos beta constituem impressões sensoriais brutas, ainda não metabolizadas pela função alfa (Bion, 1962/1988). Assim como no modelo da *rêverie* materna, tais elementos brutos buscam a transformação em elementos sonháveis. Quando os elementos beta não encontram uma mente capaz de metabolizá-los tais elementos psíquicos adquirem

uma tonalidade bizarra própria à parte psicótica da personalidade, que adota a identificação projetiva como forma de evacuação ao invés de canal de comunicação, como forma desesperada de lidar com o grau excessivo de frustração.

A prevalência desses elementos bizarros no psiquismo compromete o processo de comunicação da identificação projetiva, que passa a funcionar de forma defensiva, como forma de evacuação. Em função do grau elevado de frustração, ocasionado pela impossibilidade do funcionamento da *rêverie* materna, a constituição do psiquismo encontra-se ameaçada por objetos internos aterrorizantes, que impedem a capacidade de fazer vínculos e de simbolização. Prosseguiremos nossa investigação a partir da descrição dos efeitos patológicos da identificação projetiva na constituição da subjetividade, em especial a dimensão adesiva e intrusiva que esta assume ao ser capitaneada pelo ódio.

3.3

Adesividade e espacialidade

Donald Meltzer (1974/2005b) inicia a sua descrição a respeito da identificação adesiva retomando alguns pontos a respeito do desenvolvimento da teoria da identificação na obra de Freud. O autor menciona que tal processo encontra-se presente desde os estudos freudianos acerca da histeria (1895/2010b) até o texto dedicado ao estudo da neurose obsessiva do caso do Homem dos Ratos (1909/2013). No entanto, Meltzer (1974/2005b, p. 337) enfatiza que é no estudo a respeito de Leonardo Da Vinci que Freud abordará a identificação ligada à dimensão narcísica, assim como no caso do Homem dos Lobos, no qual há uma problemática vinculada à distorção da identidade (1974/2005, p.337).

Adiante, Meltzer ressalta que, ao se interessar pela estruturação do superego, o conceito de identificação começa a ser empregada de uma forma distinta, ao falar da introjeção no ego e de uma diferenciação na qual uma parcela do ego é separada dele próprio, constituindo o superego (Meltzer, 1974/2005b, p. 338). Meltzer defende que a forma como Freud emprega a identificação para descrever a formação do superego seria divergente da maneira que a utiliza na descrição dos casos clínicos, na qual é associada com a imitação e com “[...] ser como outra pessoa” (Meltzer, 1974/2005b, p. 338). Para o autor, o superego

freudiano não aparenta ser uma parte do ego ou mesmo seria responsável por induzir manifestações vinculadas às vicissitudes libidinais, compreendidas na época como vinculadas à formação do caráter na concepção freudiana.

A partir da comparação entre a forma como Freud e Abraham abordavam um tipo de modelo de mente a partir da melancolia, Meltzer discorre que é possível perceber uma confusão na proposta freudiana. “Estaria o ego ideal abusando do ego? Estaria o ego abusando do objeto que foi colocado para dentro?” (Meltzer, 1974/2005b, p. 338). Para Meltzer, Abraham demonstra mais clareza ao abordar, em termos concretos, a forma através da qual o objeto teria sido atacado internamente e transformado em fezes. “[...] ele foi defecado e depois compulsivamente reintrojado por um processo que tem o sentido de comer fezes, e é assim que o objeto fecal se estabelece internamente” (Meltzer (1974/2005b, p. 338).

Freud nunca poderia se expressar dessa maneira por uma importante razão. Ele não conseguiria se livrar das concepções de ordem neurofisiológicas por um lado e por outro do assim chamado modelo hidrostático do instinto, a fim de conceituar a mente como um lugar, um espaço. Em nenhum de seus escritos há a conceitualização de espaços (Meltzer, 1974/2005b, p. 338-9).

Meltzer destaca que Freud se aproxima do assunto ao abordar, a partir do Caso Schreber (1911), a fantasia de destruição de mundo. “Ele fala sobre um mundo que seria destruído – interno ou externo – mas se esquivava do problema de maneira peculiar e fala que seria um mundo construído através de um precipitado de identificações” (Meltzer, 1974/2005b, p. 339). O autor ainda sublinha que, embora Freud adote a tese da retirada libido para explicar a destruição do mundo mencionada, é possível constatar que, após citar Heine em nota de rodapé, Freud faz alusão a um mundo que teria sido esfacelado, e não negligenciado pela retirada do interesse libidinal (Meltzer, 1974/2005b, p. 339). Para Meltzer (1974/2005, p. 339), Freud tinha dificuldade em conceber um modelo da mente que comportasse um lugar psíquico no qual os acontecimentos psíquicos ocorrem de forma mais concreta, e não apenas em sua dimensão imaginativa. “Esse termo – imaginado – não é suficientemente bom para descrever os eventos da mente” (Meltzer, 1974/2005b, p. 339).

Para o autor, tal ponto crítico da obra freudiana não permite pensar na inexorabilidade e inevitabilidade que permeia a consecução dos eventos na vida mental, assim como os ataques aos objetos no espaço interno, que implicam em

formações psicopatológicas e seus tratamentos; Melanie Klein levou a teoria psicanalítica adiante a esse respeito, estimulada diretamente por Karl Abraham, em especial à temática dos espaços psíquicos (Meltzer, 1974/2005b, p. 339). Meltzer destaca que, embora Freud tenha entrado em contato com esse aspecto no caso do pequeno Hans, em especial no material referente ao nascimento da irmã, coube a Klein a escuta dos relatos das crianças que visavam a concretude e o interior do corpo, em especial o da mãe (Meltzer, 1974/2005b, p. 340). Logo, as contribuições de Klein permitem pensar os espaços do *self*, do objeto e suas repercussões no campo transferencial, uma vez que são dotados da concretude advinda das fantasias que permeiam tais espaços. Meltzer enfatiza que a teoria da identificação projetiva possui seu alicerce fundamental nessa questão espacial vinculada ao psiquismo, uma vez que, conforme explicamos anteriormente, a mesma é descrita por Klein como uma fantasia onipotente na qual, a partir da cisão, uma parte do *self* é separada e projetada dentro do objeto, se apossando do corpo do mesmo.

Meltzer descreve uma modalidade distinta de identificação, ligada à dimensão narcísica e que surge a partir da insuficiência da teoria da identificação projetiva para descrever determinados fenômenos clínicos. O autor se inspira em Esther Bick e sua descrição acerca dos primeiros momentos de interação entre a mãe e o bebê, em especial nos estados de ansiedade catastrófica manifestados por bebês cujas mães não conseguiram contê-los (Meltzer, 1974/2005b, p. 342). “Quando essas crianças ficavam ansiosas as suas mães também ficavam ansiosas e aí a criança ficava mais ansiosa e a espiral de ansiedade aumentava, levando o bebê a um estado desintegrado [...]” (Meltzer, 1974/2005b, p. 342).

Meltzer sublinha a fineza da descrição clínica de Esther Bick, que relata a manifestação dessa experiência descrita na observação mãe-bebê em pacientes que experimentam estados temporários de desintegração, no qual ficam paralisados e confusos, inaptos a qualquer tipo de ação (Meltzer, 1974/2005b, p. 343). Para Bick, tais pacientes apresentam um distúrbio relacionado à pele, especificamente vinculado à impossibilidade de sustentação, e que, para suportar a angústia, erigem formações de pele secundárias. Associado a isso, Meltzer ressalta a observação de Bick a respeito dos pacientes com essa problemática, em especial a dificuldade de utilização da introjeção e da identificação projetiva, uma

vez que suas relações são voltadas para o mundo externo e não são fundadas em princípios internos. “[...] mas como se eles se espelhassem nos olhos dos outros o tempo todo, copiando dos outros o tempo todo, imitando-os, sensíveis à moda, preocupados com formalidades e status social e coisas desse tipo” (Meltzer, 1974/2005b, p. 344).

Associado à problemática da pele e dos impasses nos processos identificatórios descritos por Bick, Meltzer evoca sua experiência com crianças autistas para explanar acerca da importância da dimensionalidade do espaço vital. “Foi somente depois que estudamos em retrospecto, crianças que haviam estado em tratamento [...] que nós começamos a pensar em termos de dimensionalidade, e em termos de espaço [...]” (Meltzer, 1974/2005b, p. 346). Meltzer descreve que tais crianças se deparavam com a inexistência do espaço; os objetos não seriam dotados de solidez, apenas de superfícies, das quais a criança autista extrai alguma experiência sensorial (Meltzer, 1974/2005b, p. 346). Desse modo, Meltzer propõe que não seria possível pensar tais crianças a partir da teoria da identificação projetiva, uma vez que, em função da inexistência de espaços, não é possível penetrar, assim como a identificação introjetiva, pois tampouco é viável depositar algo dentro do objeto (Meltzer, 1974/2005b, p. 348). Para contemplar o fenômeno autístico, Meltzer propõe o termo identificação adesiva para descrever a superficialidade e a presença preponderante do mimetismo, assim como a relação sensorial com a bidimensionalidade, permeada de objetos ocultos. Portanto, a adesividade própria a essa modalidade identificatória descrita pelo autor ocorre pela impossibilidade de fechamento dos espaços internos, fato que impossibilita o funcionamento da identificação projetiva.

Embora descrito a partir da experiência do autor com crianças autistas, acreditamos que a adesividade e a problemática associada à dimensionalidade e aos espaços psíquicos são importantes para compreendermos a problemática da diferenciação entre o *self* e o objeto primário. Dessa forma, continuaremos a explorar as ideias de Meltzer, em especial a noção de claustro, com o objetivo de compreender a relação entre o ódio, a intrusividade e os distúrbios de diferenciação entre *self* e objeto primário nos primórdios da vida psíquica.

3.4

A formação do claustro

Donald Meltzer (1992/2018, p.81) propõe uma geografia do aparelho mental dividida em seis áreas distintas:

1. Mundo externo;
2. Útero;
3. Interior de objetos externos;
4. Interior de objetos internos
5. Mundo interno;
6. Sistema delirante (lugar nenhum)

Para o autor, as primeiras cinco subdivisões abrangem a realidade psíquica propriamente dita, enquanto a sexta área não possui sentido, uma vez que é permeada pela bizarrice em seus objetos, assim como suas significações respondem a um sistema delirante. A respeito do mundo externo, Meltzer (1992/2018, p.81) comenta que tal divisão também é permeada pela concretude da realidade e implica em processos adaptativos ligados ao mimetismo; para o autor, há a necessidade implantação do significado quando “[...] o impacto dos fatos e objetos colide em nós emocionalmente e estão sujeitos aos processos de imaginação, isto é, à formação de símbolo (função alfa) e ao pensamento” ((1992/2018, p.81-2). Também seria possível a ocorrência da implantação da emoção como forma de emersão de um significado sem que haja o impacto de forma substancial. Para Meltzer (1992/2018, p.82), tal fato estaria ligado à apreensão do belo, em especial à postura do indivíduo frente à beleza-do-mundo, que seria uma capacidade de resposta estética que englobaria os três vínculos positivos descritos por Bion (1959/1991b), mas que, em função da ambivalência, assim como a incerteza, tornam inviável que se mantenham juntos (Meltzer, (1992/2018, p.82). Nesse sentido, a clivagem ocorreria como uma forma de aliviar o aparelho mental ao implantar vínculos em objetos separados, clivando o *self* e suas emoções.

A preservação da significância diante das clivagens dos vínculos afetivos é determinante para que haja a predominância do pensamento em relação à ação própria ao domínio da posição esquizoparanóide. Meltzer (1992/2018, p.82) ressalta que o intercâmbio entre mundo interno e externo é tributário da observação, da contenção do entendimento prematuro e da produção de história.

“Os pensamentos oníricos inconscientes precisam de tempo para serem formados para que o pensamento e as transformações possam ocorrer. O contido deve ser autorizado a entrar no continente, no modelo de Bion” (Meltzer, 1992/2018, p.82-3). Meltzer enfatiza a importância da relação entre as experiências emocionais e a formação dos primeiros símbolos e do desempenho da capacidade de pensar, pois formarão a base através da qual o bebê experimenta o corpo e a mente da mãe. Nesse sentido, o autor descreve de que forma o *self* será impactado inicialmente em vários níveis pelos objetos internos, mas, diferentemente dos objetos externos, as emoções serão evocadas por eles. “É neste nível da realidade psíquica que a forma e a função são vivenciadas como unidas, de modo que a beleza é verdade, verdadeira beleza” (Meltzer, (1992/2018, p.84). Para Meltzer (1992/2018, p.84), cada parte do *self* terá diferentes objetos internos, que variam desde relações parciais até formas de relação onipotente e implicam no fato de que a reintegração do *self* será diretamente dependente da coesão entre tais objetos internos.

É importante salientar que Meltzer (1992/2018, p.88), ao descrever seu modelo sobre a geografia da mente, possui como norteador a intenção de propor uma teoria que contemple os processos maturacionais do *self* e as qualidades das relações com os objetos internos. A partir dessa proposta o autor ensaiará as implicações psicopatológicas da identificação projetiva, em sua dimensão intrusiva, em relação ao *self* e ao objeto interno. Nessa direção, o autor destaca que é importante compreender que as diferentes partes da mãe, enquanto objeto primário, carregam uma suposição da estrutura interna através de formas que a imaginação se apropria do mundo externo, o que terá consequências para a maneira através da qual o indivíduo atribuirá significado ao mundo externo. “[...] o interior da mãe como interpretada a partir do exterior, deve ser um produto da imaginação do paciente e do analista, respeitando a privacidade de seu interior” (Meltzer, 1992/2018, p.89). Seguiremos então para a exposição da ideia do claustro, que comporta a geografia do mundo interno e os espaços psíquicos e seus compartimentos conforme o autor propõe.

Para Willoughby, a ideia de claustro atravessa diversas tradições psicanalíticas que descreve de forma distinta uma noção geral ligada às delimitações de um espaço interno cujo protótipo encontra-se dentro ou fora do objeto primário (Willoughby, 2001, p.918); para o autor, a presença de hipóteses

que buscam descrever as experiências intrauterinas e do nascimento, ao lado da intenção em retornar a tais momentos, é fortemente presente nas narrativas das correntes teóricas psicanalíticas. O autor ressalta que é possível encontrar uma preocupação desde Freud, a partir de sua descrição da fantasia primária, em compreender qual é a ligação entre o desenvolvimento psíquico e a natureza da fantasia relacionada ao corpo e ao espaço psíquico (Willoughby, 2001, p.918). Freud, ao discorrer sobre as fantasias vinculadas à vida intrauterina, menciona que estariam ligadas ao pavor de ser enterrado vivo, assim como o nascimento seria a primeira experiência de angústia prototípica do próprio afeto em questão. Conforme menciona Willoughby (2001, p.918-919), Freud localizará a separação da mãe como uma das formas determinantes de angústia, posteriormente vinculando as fantasias intrauterinas à fantasias incestuosas, relacionando a claustrofobia como uma defesa contra o desejo de retornar ao útero.

Willoughby (2001, p.919) destaca que a construção interna de um espaço triangular livre é tributária da capacidade edípica, criada a partir da aceitação do terceiro paterno, um casal parental criativo e distinto da criança, e a forma diferenciada como ela se relaciona com cada um. Para o autor, há forte influência da obra de Freud na concepção do claustro, em especial quando há um aprofundamento nos aspectos simbólicos concernentes ao mundo interno (Willoughby (2001, p.919). Levando tal fato em consideração, o autor menciona a importância da psicanálise britânica e seu enfoque nas relações objetais precoce, que permitiram uma conceituação mais rigorosa a respeito do mundo interno. A esse respeito, Willoughby (2001, p.919) ressalta a importância de Ernest Jones para o tema, uma vez que descreveu precocemente a maneira pela qual a criança apreende a anatomia da mãe e o processo de reprodução. Para Willoughby (2001, p.919), Jones discute que a criança, a partir de sua falta de conhecimento e motivado pela curiosidade pelo interior do corpo da mãe, constrói uma série de fantasias a respeito dos conteúdos internos da mesma, o que leva a criança à ideia de que o abdômen da mãe é permeado de elementos indiferenciados, tais como fezes, comida e bebês. Será a partir desse claustro inicial que o bebê, ao aprender com a experiência, desenvolverá as primeiras noções entre estrutura e dimensão, a partir da diferenciação gradual entre os diversos compartimentos do corpo materno, assim como seus conteúdos (Willoughby, 2001, p. 919).

O misterioso claustro corporal da mãe externa correspondia aproximadamente à posição clássica, constituída como era através da operação de uma fantasia consciente articulável, que se remete gradualmente ao crescente conhecimento e adaptação do sujeito à realidade. Na Grã-Bretanha, contudo, o mundo interior da fantasia inconsciente, os seus objetos constituídos em parte através da internalização de imagens, passaram a ser vistos como qualitativamente diferentes; continuamente ativos, concretos, dinâmicos, primitivos e sem grave susceptibilidade de adaptação à realidade externa. Klein e Fairbairn contribuíram amplamente, de forma independente, para esta conceitualização distinta, um mundo interno que ambos viam como assolado por ansiedades e fantasias advindas do claustro (Willoughby, 2001, p. 919, tradução nossa).

Melanie Klein (1932/1997b) concebia que as angústias precoces de castração, ao serem permeadas por fantasias hostis dos pais combinados, despertam o terror não somente relativo à castração do pênis, mas também que este fique retido no corpo materno. Inibições que acompanham tal desenvolvimento estariam ligadas a formas de claustrofobia, relacionadas ao medo de ficar preso dentro do perigoso corpo materno. Willoughby (2001, p.920) menciona que Klein acompanha o pensamento freudiano a respeito das angústias precoces, assim como sua visão a respeito da relação entre fobia o nível fálico e as angústias que permeiam as castrações que lhe são próprias, desencadeadas pelo sadismo que faz com que o bebê dirija seu interesse para o interior do objeto primário, o corpo materno.

À medida que o objeto originário da pulsão epistemofílica torna-se saturado ao inibir a angústia persecutória, há uma progressiva transposição para os objetos e situações do mundo externo, conforme sublinha Willoughby (2001, p.920), através das equações simbólicas (Klein, 1930/1996h). “O mundo externo torna-se uma fonte substituta atenuante para a conquista epistemofílica e gratificação, motivado por graus da ansiedade claustrofóbica primária (frustração)” (Willoughby, 2001, p. 920, tradução nossa). No entanto, tendências claustrofóbicas também podem se opor ao desenvolvimento emocional ao serem combinadas com angústias relacionadas à destrutividade. De acordo com Klein (1930/1996h) tais angústias no caso Dick motivam a busca de um refúgio no corpo vazio da mãe, uma vez que depositou seus conteúdos destrutivos no mundo externo (Klein, 1930/1996, p.227).

Conforme abordamos anteriormente, a identificação projetiva foi concebida por Klein inicialmente como uma fantasia inconsciente na qual excrementos são expelidos de forma intrusiva dentro do objeto junto com partes

cindidas do próprio *self*. Seria uma tentativa de machucar o objeto e controlá-lo através da posse violenta, capitaneada prioritariamente pelo ódio. Dessa forma, destacamos também que há uma perda importante referente às fronteiras entre o *self* e o objeto, o que provoca grande confusão identitária. Willoughbly (2001, p. 920) lembra que Klein relaciona diretamente a identificação projetiva com a claustrofobia, uma vez que tais fantasias de possessão e controle em relação ao objeto também despertam angústias persecutórias em função do medo de retaliação, incluindo assim a claustrofobia. “[...] identificação projetiva pode resultar em um medo de que a parte perdida do self nunca será recuperada, pois está enterrada no objeto” (Klein, 1955/1991c, p.166). Para a autora, além do medo de estar aprisionado no corpo materno, outro fato relevante para compreender a claustrofobia seria relacionado ao medo dos perigos advindos do próprio corpo, experimentados como ameaçadores. Posteriormente, Klein escreverá que o desenvolvimento da claustrofobia possui duas fontes, a identificação projetiva em direção à mãe, que gera a angústia de aprisionamento descrita anteriormente; e a reintrojeção, que resultaria em um sentimento que o *self* estaria habitado por objetos internos ressentidos.

Willoughbly (2001, p. 921) explica que a obra de Bion influenciou profundamente o trabalho dos psicanalistas pós-kleinianos, em especial com a noção de continente, assim como a diferença entre a identificação projetiva patológica (intrusiva) e a normal, forma rudimentar de comunicação. Bion liga a claustrofobia à agorafobia e elucida que o espaço ou a ausência do mesmo é experimentada como idêntica ao objeto mau, a presentificação do não-seio (Bion, 1965/2004, p.124). Willoughbly (2001, p. 921) destaca que o claustrofóbico produz os sintomas fóbicos através da identificação projetiva no ambiente, que, devido à impossibilidade de tolerância à frustração não é passível de ser utilizada para a produção de pensamentos (Bion, 1962/1988).

Willoughbly (2001, p. 921) ainda enfatiza a importância da obra de Ronald Fairbairn para a compreensão do fenômeno do claustro, uma vez que o autor localizava a claustrofobia em um estágio transicional entre o infantil e a dependência madura, no qual há a oposição entre o movimento de separação do objeto primário e a identificação regressiva ao mesmo. Para Fairbairn, o *self* oscila entre os medos de engolfamento ou confinamento e isolamento, ou entre

claustrofobia e agorafobia. “Enquanto a incorporação oral eclipsa a identificação característica à dependência infantil, o mundo interno torna-se habitado por objetos do claustro [...]” (Willoughbly 2001, p. 921, tradução nossa). Assim, o *self* do claustrofóbico permanece vulnerável ao risco de ser aprisionado ao objeto primário, o que prejudicaria o processo de diferenciação (Fairbairn, 1941, p.42-43). “Dessa maneira, enquanto o objeto é incorporado o claustro seria internalizado” (Willoughbly 2001, p. 921, tradução nossa).

Willoughbly (2001, p. 922) sublinha a importância de Esther Bick para o desenvolvimento conceitual do claustro conforme Meltzer destacará posteriormente. Bick (2001) discorre sobre um caso clínico de uma mulher que apresentava sintomas fóbicos, inclusive claustrofobia e pensamentos intrusivos de suicídio, cuja queixa era de não conseguir se relacionar sexualmente com o marido por medo de quebrar internamente. A autora narra que, durante o segundo ano de análise, a paciente apresenta ansiedade aguda e se sente incapaz de respirar e de beber, o que é associado por Bick como uma dificuldade em coordenar o respirar com o alimentar-se no seio, o que é experimentado como um claustro, associado ao corpo materno (Bick, 2001, p.13). Nesse sentido, a introjeção do seio colocaria para dentro do *self* não apenas a parte alimentícia, mas também o caráter sufocante, ligado à experiência de confinamento. Para Bick, sua paciente utiliza o claustro como um compartimento lavatório utilizado para evacuação de objetos parciais indesejados que foram tirados da mãe, mas tornaram-se detritos de matiz persecutória (Willoughbly 2001, p. 924). Bick (2001, p.19) descreve uma estrutura do claustro dividida em três segmentos, seio, útero e cabeça, que estariam esvaziados de bons conteúdos e preenchidos por maus, que, através de processos introjetivos e projetivos vão se constituir como o claustro interno e externo.

Willoughbly (2001, p. 924) destaca as contribuições posteriores de Esther Bick a respeito das funções psíquicas da pele, levando em consideração suas reflexões anteriores respeito de ansiedades catastróficas ligadas ao ato sexual, que, ao remeter à convergência dos perigos internos e externos, são surpreendidas por defesas relativas à imobilidade. Influenciada por Bion, a autora discorre sobre um sentimento primitivo de coesão do *self*, que seria adquirido a partir da introjeção do objeto continente, que seria experimentando concretamente como uma pele.

Inicialmente, tal experiência seria uma amálgama do *self* e da mãe, que, ao ser internalizada, provoca o surgimento das fantasias associadas aos espaços internos e externos (Bick, 1968/1991, p.484). Falhas vinculadas a esse processo de introjeção da pele primitiva desencadeiam formações secundárias da pele, vinculadas à musculatura, como forma de reação à pressão diante das ansiedades catastróficas, próprias à modalidade adesiva de identificação descrita tanto pela autora como por Meltzer (1974; 1986). Tal fato levaria ao desenvolvimento da pseudomaturidade, ancorada na tentativa de auto-contenção e como forma de recolocar de forma apropriada a dependência e identificação ligada ao objeto continente (Bick, 1968/1991).

Willoughby (2001, p. 925) recorda que Donald Meltzer, precocemente, ao lado de Esther Bick (1960/2005), começou a desenvolver a noção de compartimentos espaço-vida que, posteriormente, dará origem às contribuições de ambos acerca da geografia das relações objetais (Meltzer & Bick, 1960/2005). Posteriormente, Willoughby (2001, p. 925) explana que Meltzer acrescentará mais uma categoria a essa descrição, nomeada como não-lugar. O interesse do autor é de explorar a natureza da vida nesses espaços, em especial no objeto interno, e, em especial em casos psicopatológicos. Nesse sentido, a pseudomaturidade é descrita como um fenômeno originário da identificação projetiva em uma fantasia idealizada do reto materno, configurando assim em uma intrusão secreta facilitada pela masturbação anal, mobilizada enquanto defesa contra a experiência de separação. Nessa direção, Meltzer (1992/2018) descreve três espaços delimitados correspondentes ao seio, genital e reto. Para Willoughby (2001, p. 925), Meltzer descreve o claustro e seus segmentos como uma forma de refúgio para as partes infantis da personalidade, no intuito de evitar a dor mental da separação.

Inicialmente, há o deslocamento de um espaço indiferenciado para uma mãe segmentada em diversas partes e funções, que determinam a construção imaginativa do bebê. Esse espaço interior é formado a partir da analogia entre as experiências do bebê com seus próprios orifícios através dos cuidados maternos. “Assim, os olhos são atraídos pelos olhos, as orelhas pela boca da mãe, a boca do bebê pelos mamilos, o nariz pelo cheiro da mãe; [...]” (Meltzer, 1992/2018, p.90). No entanto, Meltzer (1992/2018, p.90) comenta que tal concepção integrada do

interior da mãe é uma aquisição árdua, dificultada pela ambivalência relativa às falhas em suas funções, assim como o conflito estético que envolve a incerteza a respeito do seu interior. O autor também enfatiza a dificuldade própria aos desejos de penetrar e ser penetrado próprios aos orifícios, “[...] complicam muito a aceitação pelo bebê em relação à dependência dos cuidados a essas zonas altamente erógenas” (Meltzer, 1992/2018, p.90). Meltzer enfatiza que a dificuldade que o bebê apresenta em integrar as funções da mãe é responsável pela influência na concepção imaginativa do bebê em relação ao interior dela, que será descrito pelo autor através da imagem de três compartimentos separados entre si que interagem com o *self* do bebê: cabeça/seio materno; compartimento genital e reto materno. Tal contribuição será explorada adiante na presente tese.

Meltzer se apoia nas contribuições de Bion para destacar a diferença entre os processos identificatórios projetivos de ordem comunicativa daqueles que adquirem um matiz intrusiva. Nesse sentido, Meltzer enfatiza a influência que as experiências externas exercem nos objetos internos, cabendo ao processo psicanalítico a reabilitação dos objetos internos danificados, chamado de experiência emocional corretiva (Meltzer, 1992/2018, p.100-101). A esse respeito, a relação de dependência do objeto interno infantil, que se reflete na transferência, ocupa um papel decisivo “[...] “ao convidar e conter as identificações projetivas, experienciadas na contratransferência, anuncia a intenção intrusiva, em algum grau, na presença do objeto” (Meltzer, 1992/2018, p.101). Tal distinção será importante para compreendermos a descrição que o autor faz a respeito do claustro, os modos de entrada e as divisões que o permeiam. “A primeira consideração deve tratar dos modos de entrada no portal, que varia da violência para a furtividade e a astúcia quando promulgada com um objeto externo de transferência infantil” (Meltzer, 1992/2018, p.102).

De acordo com Pamela Sorensen (2016, p.45), a descrição de Meltzer acerca dos fenômenos claustrofóbicos deve ser compreendida de forma contínua, desde seu caráter ordinário, vinculado ao potencial de produção de relações objetais internas e externas, até as severas perturbações da mente. Nessa direção, a autora explica que o claustro é uma fantasia inconsciente relativa ao espaço dentro do corpo da mãe interna, que foi forçadamente ocupado. A partir desse conceito é possível constatar que Meltzer elaborou a contribuição de Melanie Klein

(1946/1991a) a respeito da identificação projetiva de três maneiras, conforme elucidada Sorensen (2016, p.46). Primeiramente, a ênfase é colocada na fantasia espacial relativa ao objeto interno maternal e, posteriormente, se espalha para todos os aspectos da experiência mental. O segundo ponto seria relativo à própria descrição do espaço mental, dotado de três compartimentos específicos, cabeça/seio, genital e reto materno, cada um deles dotados de suas particularidades. Por fim, há uma importante mudança em relação à terminologia utilizada para designar o modo de entrada no objeto; ao invés de se referir em termos de identificação projetiva excessiva, Meltzer utiliza a expressão identificação intrusiva, no intuito de destacar a ideia de força e qualidade da intrusão, “seja por violência, furtividade, mentiras ou trapaças” (Sorensen, 2016, p.46, tradução nossa).

Sorensen (2016, p.46) explica que a função da fantasia do claustro é defensiva, desencadeada quando o processo de continente não é capaz de mitigar a angústia infantil. Desse modo, a parte infantil da personalidade, buscando alívio imediato para o medo da morte e abandono, “[...] empurra em fantasia para o objeto interno maternal impermeável e fixa residência, encontrando alívio a curto prazo para o medo da morte e do abandono [...]” (Sorensen, 2016, p.46). No entanto, os efeitos a longo prazo implicariam em escravidão a mentiras, crueldade e fraudulência, que possuem a função de fazer desaparecer o sentimento de desamparo e vulnerabilidade, seja pelo fornecimento de uma versão mais aceitável, o deslocamento do medo para o outro ou mesmo pela tentativa de obter uma alternativa distinta ao próprio *self*, consecutivamente. Portanto, há uma impossibilidade de fuga desse mundo claustrofóbico, uma vez que a capacidade de se conectar intimamente encontra-se abalada “[...] porque repousa sobre a capacidade de suportar a dor depressiva e permitir que a beleza e a bondade de um casal criativo tomem forma no mundo interno” (Sorensen, 2016, p.46).

Sorensen (2016, p.46) enfatiza que a contribuição de Meltzer a respeito dos fenômenos claustrofóbicos se distingue pela descrição de um espaço interno de vida, um mundo com uma geografia particular dotado de suas próprias qualidades. Através do inconsciente do intruso, cada compartimento é dotado de sua atmosfera e características particulares, assimiladas a partir forma como o mundo externo é assimilado, assim como o significado subjetivo também é

externalizado, em um contínuo comércio (Sorensen, 2016, p.46). Desse modo, a possibilidade do claustro seria ubíqua, encontrando alívio através da vitalidade das ligações reais, “[...] para que nos sintamos gratos por estarmos vivos, não obstante as agonias de perda inevitável” (Sorensen, 2016, p.46, tradução nossa). Porém, quanto o desespero assume a tônica e extingue a possibilidade de contato íntimo e de sinceridade, a não-vida toma posse desde dentro dos compartimentos do claustro.

Meltzer descreve três segmentos que compõe o claustro: cabeça/seio materno; compartimento genital e reto materno. Acompanharemos a seguir o desenvolvimento do autor a respeito dessas divisões estabelecidas e sua importância para a compreensão da dimensão psicopatológica da identificação projetiva.

Primeiramente, Meltzer discorre sobre o segmento nomeado cabeça/seio materna, construído a partir de fora e inicialmente encarada como objeto parcial e, posteriormente, integrado com partes da mãe inteira, como objeto combinado, “[...] mamilo/olhos e seio/cabeça, cuja qualidade primária é a riqueza” (Meltzer, 1992/2018, p.104). A respeito da riqueza descrita pelo autor, trata-se de algo oriundo diretamente da necessidade inicial de nutrição, mas que se desdobrará em elementos como a generosidade, a receptividade, reciprocidade estética e, em última instância, a formação simbólica e seus derivados, como a arte, poesia e imaginação (Meltzer, 1992/2018, p.104). Quando descrito a partir de seu interior, Meltzer destaca que há uma perspectiva distinta, uma vez que há a motivação pela intrusão; “[...] a generosidade se torna compensação, receptividade se torna engodo, reciprocidade se torna conspiração, *insight* se torna penetração de segredos [...]” (Meltzer, 1992/2018, p.104). Para Meltzer, a predominância do aspecto intrusivo nesse segmento evoca a figura do “sabe-tudo”, suposto gênio que, por outro lado, também se apresenta como portador de uma vida secreta claustrofóbica, assombrado pelo senso de fraude e intolerante a críticas. “Seja qual for a orientação emocional que pareça estar na moda eles esforçam-se para inserir-se, mas sem convicção, pois para suas emoções falta urgência tanto quanto para suas ações falta determinação” (Meltzer, 1992/2018, p.104). A dominância da parte infantil intrusiva relativa ao segmento cabeça/seio é descrito por Meltzer de forma bastante peculiar.

Aqui encontramos os bebês grandes e indolentes e a casa de bonecas das meninas, para quem o valor supremo é a comodidade. Eles são libidinais sem erotismo, curiosos sem interesse, obedientes por inércia e educados sem consideração. O que apreciam lhes parece que o mundo todo ambiciona, um feriado eterno com companhia, mas sem relação, em um mundo lindo sem o perturbador impacto estético (Meltzer, 1992/2018, p.111).

Desse modo, em virtude da prevalência desse modo de identificação intrusiva há o estabelecimento de uma forma de relação objetal arrogante que abriga, em seu núcleo, uma profunda intolerância.

Para estes indolentes [...] todo vento é um furacão. Se ela perde sua bolsa, a pobreza a encara. Se ele tem indigestão após uma grande refeição, o câncer o assoma. Toda separação é um abandono, toda palavra atravessada é o fim do relacionamento (Meltzer, 1992/2018, p.122).

Para Sorensen (2016, p.46), a principal qualidade do compartimento cabeça/seio seria a riqueza; visto de fora, através da parte infantil da personalidade, capaz de tolerar a separação, as qualidades do seio e da mente do objeto materno inspiram tanto amor e de dentro do objeto, tais qualidades externas ao objeto, como beleza, conhecimento, sabedoria e compaixão seriam distorcidas como tentativa de se esquivar de emoções dolorosas. “Tornam-se vulgarizadas como ostentação, arrogância, indulgência egoístas, exibição pródiga de generosidade, um sabe-tudo em relação à status e posses” (Sorensen, 2016, p.46). Nenhum sentido seria possível de ser atribuído nesse mundo claustrofóbico em função do sentimento de fraude, assim como o cinismo e o desprezo, frutos da atuação enfática da identificação projetiva intrusiva. “A personalidade patina no fino gelo da pseudomaturidade, ameaçada a todo momento que o gelo afunde nas águas da ansiedade infantil” (Sorensen, 2016, p.47).

O compartimento genital é descrito como um espaço dominado por uma crença primitiva erótica, derivada das fantasias inconscientes masturbatórias e se manifestam através da ansiedade intrusiva do medo de se contaminar ou da gravidez. A virilidade e a sedução são típicas desse segmento, “[...] pois eles tratam seus corpos como decorações da alma a serem sempre mais ornamentados e embelezados” (Meltzer, 1992/2018, p.124). Meltzer destaca a imagem inconsciente dos órgãos genitais da mãe e do pai e a relação entre eles na

realidade psíquica, na qual a cama, como lugar sagrado e misterioso, serve de leito para o processo de fertilização do sêmen nos órgãos procriadores da mãe, que é repleta de bebês e representa a integração máxima entre amor e trabalho (Meltzer, 1992/2018, p.125). No entanto, quando há a presença do caráter intrusivo ocorre uma importante modulação na forma como tal relação é assimilada internamente no psiquismo. “[...] a entrada do falo do pai é celebrada e desfrutada voluptuosamente por todos os bebês, enquanto a mãe recebe calmamente esta homenagem. Central para a carga erótica é a desproporção entre a pequenez das crianças e a grandeza do falo” (Meltzer, 1992/2018, p.125).

O compartimento genital é visto através do intruso como um espaço de selvagem e contínua orgia, na qual a beleza feminina seria destinada a incitar o pênis ereto e sua masturbação. A divisão geracional é apagada e o sexo é encarado como forma de entretenimento próximo à perversidade; paralelamente, também é possível descrever um medo constante de traição e abuso, assim como a total ausência de criatividade, confiança e lealdade (Sorensen, 2016, p.47).

Por fim, Meltzer descreve o reto materno como a área da identificação intrusiva que promove maiores riscos de distúrbios mentais e que nos interessa em especial para a presente tese. Enquanto nos compartimentos anteriores há a prevalência do conforto e do prazer erótico, no reto materno a ordem do dia é a sobrevivência; trata-se de uma realidade psíquica regida por uma forma de sadismo penetrante, assim como estruturas hierárquicas de tirania e submissão, que enunciam a violência presente nesse segmento (Meltzer, 1992/2018, p.127). Há uma atmosfera aterrorizante em função da convivência com objetos bizarros em uma forma particular de solidão, assim como o terror de ser jogado para fora. Meltzer descreve que, ao ser observado de fora do objeto, o reto da mãe interna forma uma espécie de depósito de detritos dos bebês internos e externos, assim como há a fantasia de que o pai estaria engajado em tarefas heroicas para salvar a mãe e sua prole.

No entanto, visto de dentro o reto materno é descrito como um lugar de crença satânica ao ser penetrado pela furtividade ou pela violência na masturbação anal. “[...] um mundo de pressupostos em vez de pensamento, onde direito significa lei ou precedente, onde ser genuinamente diferente significa ser detectado como um intruso [...]” (Meltzer, 1992/2018, p.128). Para o autor,

haveria apenas duas saídas para o prisioneiro desse segmento do claustro: a conformidade externa ou tornar-se adepto do grande líder, o pênis fecal (Meltzer, 1992/2018, p.127). Ambas implicariam na degradação da capacidade de pensar; “A verdade é transformada em qualquer coisa que não possa ser refutada; a justiça se torna retaliação mais um incremento; todos os atos de intimidade têm seu significado modificado para técnicas de manipulação ou dissimulação” (Meltzer, 1992/2018, p.128).

Sorensen (2016, p.47) esclarece que o reto materno, derradeiro compartimento descrito por Meltzer, é o espaço fantasmático no qual a tirania reina, no qual o único interesse seria a sobrevivência, uma vez que há a presença constante do medo de ser descoberto enquanto um impostor e ser arremessado em um mundo bizarro de solidão absoluta. Trata-se de um mundo de pura degradação mental, no qual impera a manipulação, a servidão e a tirania, aproximando-o de um campo de concentração; a auto-idealização seria uma forma de postergar o encontro com o objeto paterno sádico que rege o claustro retal, uma vez que não há possibilidade de fuga, apenas a possibilidade de tornar-se ele (Sorensen, 2016, p.47).

A relação de objeto estabelecida nesse compartimento se assemelha ao modelo da adicção, no qual há uma submissão ao objeto mau; o pênis fecal não é descrito como um objeto, mas sim um *self*-objeto, que teria como componente uma parte má, frustrante e, de outro lado, uma parte fria, parcial e primitiva (Meltzer, 1992/2018, p.129). Para Sorensen (2016, p.47), habitar o mundo do claustro significa viver transações ao invés de relações, uma vez que a experiência claustrofóbica não permite a ambiguidade do outro, já que este jamais é considerado como separado do *self*. “[...] o outro foi invadido para que a separação seja apagada e assim apagar o que jamais poderia ser sabido, apenas contemplado. Tais estados da mente afligem-nos de tempos em tempos com solidão e medo” (Sorensen, 2016, p.47).

A prevalência do claustro, em especial em seu último compartimento, como modalidade de relação de objeto possível afeta diretamente os processos de integração, uma vez que aprisiona o indivíduo em uma lógica rígida e violenta, condensadora de todo o ódio que lhe é direcionado pelo objeto primário e seus movimentos de retaliação. Continuaremos nossa investigação a respeito das falhas

precoces na constituição da subjetividade a partir da discussão a respeito da parte bebê do *self* e os impasses que poderiam ocorrer no plano sensorial, afetando a formação do psiquismo de forma global, assim como sua relação com o objeto.

3.5

A parte bebê do *self* e a dimensão sensorial primitiva

Albert Ciccone (2013) nomeia como a parte bebê do *self* a zona mais arcaica do psiquismo, responsável pelos processos de simbolização primária e, conseqüentemente, os primeiros processos de integração do aparelho psíquico. Nesse sentido, as falhas que incidem nessa área da subjetividade, advindas dos impasses da relação mãe-bebê e da incapacidade da *rêverie* materna de acolher as angústias primárias do bebê (Bion, 1962/1988) desencadeiam graves modalidades psicopatológicas, conforme assinalamos anteriormente. Exploraremos a seguir algumas ideias do autor supracitado e de outros, tais como Frances Tustin (1980; 1981; 1984) e Donald Winnicott (1956/2000; 1965/2018) no intuito de aprofundar nossa investigação a respeito das vicissitudes das falhas relacionais ocorridas em períodos precoces da constituição psíquica.

Ciccone (2013) propõe que pensemos a parte bebê do *self* a partir de uma noção ampliada do conceito de infantil em Freud. Inspirado pela investigação inaugurada por Melanie Klein a respeito da vida psíquica do bebê e suas relações primordiais objetais, o autor expõe que é essencial que consideremos as experiências precoces não só da infância, mas também aquelas concernentes à vivência do bebê que habita o interior do sujeito. Esse aspecto é importante para o desenvolvimento teórico do autor, uma vez que considera que os sofrimentos psíquicos mais intoleráveis e desorganizadores estão localizados na parte bebê do *self* que coabita o adulto.

É importante salientar a ideia que o autor desenvolve a respeito da temporalidade própria a essa zona arcaica do psiquismo. Para Ciccone (2013), é importante que pensemos o infantil, que englobaria também os aspectos precoces da dinâmica psíquica, como um núcleo que participa ativamente das interações do sujeito no aqui-e-agora, em contraste com um entendimento atrelado apenas a considerar os aspectos do passado e seus efeitos no presente a partir do *après-coup*. A parte bebê permanece vívida tanto no modo como interpreta as

experiências do mundo como também na forma que se protege do sofrimento. Portanto, além da dimensão histórica, o aspecto bebê da personalidade também se manifesta de forma ativa e presente na situação analítica, uma vez que é compreendida de forma dinâmica e atual ao invés de estática, vinculada apenas a uma etapa do desenvolvimento psíquico (Ciccone, 2013).

O autor destaca duas formas de experiência emocional próprias à manifestação da parte bebê: as experiências de dependência, vulnerabilidade e desamparo em um polo; e as experiências de ilusão de onipotência no outro polo, como forma de defesa frente ao sofrimento do primeiro polo. Ciccone (2013) destaca que a onipotência é um efeito do inchaço narcísico que busca o estancamento da dor causada por uma angústia infantil; essa manifestação narcísica, por sua vez, pode desdobrar-se em aspectos destrutivos e tirânicos no desenvolvimento. Nesse sentido, o cuidado psíquico a ser oferecido na situação analítica se dá na competência em distinguir entre esses dois polos de sofrimento da parte bebê e, posteriormente, buscar contato e reparação com a parte bebê em sofrimento. É importante ressaltar que a reparação a qual o autor faz menção é proposta por Melanie Klein como um dos processos psíquicos relativos à posição depressiva, que entraria em ação quando o bebê sente que seus impulsos sádicos teriam danificado o objeto. A culpa ocupa um lugar central nessa dinâmica, pois induz o bebê a se preocupar com o objeto, um aspecto determinante para a capacidade de amar, de acordo com a autora (Klein, 1929/1996g). Quando a angústia depressiva assume um caráter dominante, a reparação adquire um caráter maníaco, que tenta negar a dependência do sujeito em relação ao objeto ao construir uma fantasia de onipotência (Klein, 1940/1996j).

Como último aspecto a ser exposto do pensamento de Albert Ciccone, veremos de que forma o autor propõe o entendimento da parentalidade cuidadora, na qual se apoiam os primeiros cuidados proferidos ao bebê, assim como suas experiências primitivas com o ambiente e com o objeto. Tal modelo possui grande relevância para o manejo clínico de sofrimentos psíquicos arcaicos, em especial aos referentes à parte bebê do psiquismo, uma vez que são determinantes para a formação do mesmo. O casal parental, a partir das suas funções paterna e materna, participam ativamente da constituição psíquica do bebê através de suas próprias experiências pessoais arcaicas, que trazem marcas singulares próprias a cada

sujeito. Desse modo, cabe aos primeiros cuidadores o cuidado e a metabolização das angústias arcaicas do bebê para que haja o desenvolvimento dos processos de integração e de simbolização.

A partir das contribuições de Donald Winnicott (1956/2003; 1965/2018) a respeito da preocupação materna primária, Ciccone (2013) propõe o conceito de preocupação parental primária. O autor inglês descreve um estado psíquico particular da mãe, em seus últimos momentos de gravidez e algumas semanas após o nascimento do bebê, no qual ela mergulha em uma sensibilidade aguçada em relação ao bebê e suas necessidades vitais. Esse processo, comparado por Winnicott a um estado de dissociação ou esquizoidia (Fairbairn, 1940), permite que o bebê se aproprie das primeiras sensações dessa fase da vida, ao propiciar um ambiente suficientemente bom que se devota aos cuidados do *infans* (Winnicott, 1956/2003). Essa devoção inicial da mãe em relação ao seu bebê é essencial para que haja uma primeira organização do ego, que é construído de forma silenciosa e harmônica quando a função materna acolhe as necessidades corporais do bebê e não interrompe o desenvolvimento do *going-on-being* (Winnicott, 1956/2003). Ciccone (2013) propõe uma ampliação da perspectiva de Winnicott ao discorrer que a preocupação primária não seria prioritariamente materna ou paterna, pois necessita da conjugação das qualidades de ambas as funções, assim como o estado de maior sensibilidade e atenção à vida emocional do outro e a dimensão arcaica do mesmo também permeia ambos os cuidadores (Ciccone, 2013).

A articulação dos elementos maternos e paternos constituem, à medida que o bebê recebe ativamente os cuidados do casal parental, a bissexualidade psíquica. Ciccone (2013) destaca a importância da forma primária da bissexualidade, a bissensualidade psíquica, inspirado nas contribuições de Frances Tustin (1980;1981;1984) a respeito das formas arcaicas que permeiam a autossensualidade do psiquismo. Nesse âmbito, é importante frisar a relação entre os opostos sensuais, referentes às sensações primárias experimentadas pelo bebê, em especial aquelas ligadas à experiência sensorial do que seria mole e duro. Para Tustin (1984), as formas permeiam o mundo psíquico do bebê através da sensação das fezes, do contato da comida com os lábios e do seio com a boca, que, ao proporcionar repetitivas experiências delineiam contornos que determinam suas

associações com os objetos (Tustin, 1984). Tais formas primordiais estão ligadas diretamente aos processos de diferenciação entre a mãe e seu bebê, através do qual estabelece certas conexões mentais com ela enquanto objeto externo. Tustin ainda relaciona a experiência do bebê com essas formas precoces com a possibilidade de relação com o mundo externo, assim como sua importância para o funcionamento emocional, estético e cognitivo (Tustin, 1984).

A experiência com essas formas primárias ou objetos-sensação (Tustin, 1980) ocorrem em um momento em que o bebê ainda não possui discernimento entre o seu próprio corpo e o mundo externo, no qual há o predomínio da dimensão sensorial, assim como a ênfase na autorreferência. Como ainda não há uma distinção clara entre a boca do bebê e o seio da mãe, assim como as fronteiras entre o eu e o outro, tais objetos-sensação portam uma dimensão autística, que protegem o psiquismo em formação dos momentos em que o bebê percebe a diferença que há entre ele e sua mãe. Tustin diz que os objetos-sensação autísticos são dotados de uma dureza específica, que auxilia o bebê a sentir segurança frente à iminência da angústia de separação. São utilizados para apaziguar o desconforto proveniente dessa ameaça frente ao não-eu, proporcionando uma satisfação sensual que mantém o estado de não percepção em relação aos limites que separam o bebê de sua mãe (Tustin, 1980).

A partir das contribuições de Tustin a respeito do papel dos objetos-sensação na formação do psiquismo, em especial em sua dimensão corporal, Ciccone (2013), discorre que o tônus corporal seria o lugar onde acontece a integração dos aspectos mais arcaicos das funções maternas e paternas e nas quais se entrelaçam as experiências corporais precoces. O tônus adquire as qualidades de rigidez paterna e de suavidade materna. O bebê internaliza uma “coluna vertebral” paterna, que lhe dá segurança frente à experiência com o mundo externo, ao mesmo tempo em que também se apropria do envelope materno, que permite que ele se adapte e se ajuste nesse encontro com o mundo. Tais elaborações estão em confluência com as contribuições de Frances Tustin a respeito das experiências precoces com os objetos-sensação, que se expressam na relação auto sensual do bebê com o seu próprio corpo e permitem que sobreviva aos impactos precipitados com o mundo externo (Tustin, 1980). A matriz dura permite que o bebê adquira a confiança corporal para aceder aos processos de

integração mais refinados, ao mesmo tempo que a matriz mole conserva a maleabilidade necessária para lidar com as contingências do mundo externo (Ciccone, 2013).

Nesse sentido, Ciccone (2013) propõe que o cuidado psíquico direcionado à parte bebê do *self* pressupõe que o cuidador tenha mantido guardado o contato com os aspectos adultos e infantis – experiências infantis concernentes tanto ao desamparo e dor como aos movimentos narcísicos de onipotência. Tal experiência é indispensável para compreender o sofrimento da parte bebê dos pacientes, assim como ajudá-los a reparar os movimentos narcísicos onde a onipotência se apresenta como pseudomaturidade (Meltzer, 2008/2017). Quando falhas severas se instauram na parte bebê do *self*, em função do uso patológico da identificação projetiva e da impossibilidade da *rêverie* materna em assimilar os conteúdos brutos, é possível inferir que o ódio prevalece enquanto vínculo na dinâmica relacional frente à intensidade de frustração vivenciada como desorganizadora. O polo onipotente prevalece no funcionamento do *self*, apresentando uma robustez narcísica que se manifesta na clínica através de atuações drásticas que evidenciam a precariedade dos processos de integração das sensações primitivas que permeiam os primórdios da vida psíquica. O fragmento clínico a seguir ilustra a nossa argumentação.

Rafael chega extremamente perturbado ao meu consultório. Cabelos desarrumados, esbaforido, olheiras profundas que quase camuflam seus olhos desorientados, que imploram por atenção. Na sessão anterior havia se recusado em se deitar no divã, pois dizia que precisava me ver, olhar diretamente pra mim. Ou melhor, que alguém olhasse para ele. Diz que está desesperado, pois perdeu todas as referências que possuía em sua vida.

Ao entrar em meu consultório, senta-se na poltrona em frente à minha e começa a falar alto, esbravejando que não conseguiu escolher nada em sua vida, que todos os caminhos lhe foram ditados por pessoas ou instituições. Começa a urrar, se bater severamente nas pernas e nos peitos. Aguardo em silêncio. Ele continua, em uma espécie de choro sem lágrimas crescente, urrando cada vez mais alto, ao mesmo tempo em que desfere socos em suas pernas e tapas em seu peito. Passam-se vários minutos nessa situação, em que observo cuidadosamente as suas reações e emoções.

Em determinado momento ele se aninha na poltrona, com as duas pernas contraídas contra o peito, alisando seus longos cabelos em uma espécie de gesto auto-calmante. Narro para ele que tal qual um bebê, ele havia chorado, gritado e esperneado na esperança de que alguém viesse resolver todos os seus problemas, mas uma vez que isso não aconteceu ele precisava arranjar outras formas de encarar o sofrimento. Na sequência, Rafael coloca um dos dedos em sua boca e experimenta um estado de completo relaxamento na poltrona; dou continuidade à minha intervenção, comunicando a ele que agora experimentava um estado de relaxamento que não consegue encontrar em nenhum outro lugar a não ser em meu consultório, sob o meu olhar, e que é preciso que criemos uma nova forma de encarar as desventuras do mundo adulto, que ele tanto reclama. Encerramos a sessão em silêncio.

Portanto, apresentamos os impactos que o ódio causa ao psiquismo ao ser impossível de ser metabolizado e se presentificar de forma maciça no psiquismo na forma de elementos bizarros, levando ao predomínio da destruição da capacidade de pensar e de vínculos. A adesividade limitadora e o aprisionamento no claustro limitam a existência do indivíduo e reduzem a sua possibilidade de relação com o objeto, frutos de falhas precoces na parte bebê do *self*, que impedem a integração adequada dos aspectos sensoriais básicos dos primórdios da vida psíquica. Continuaremos nossa pesquisa com o intuito de compreender de que maneira tais falhas, derivadas do ódio e das falhas na *rêverie* materna, podem se perpetuar entre gerações.

4

A transmissão psíquica e o ódio transgeracional

No presente capítulo investigaremos alguns aspectos vinculados ao papel do ódio, em sua dimensão desorganizadora, através das gerações, em especial no que concerne à transmissão psíquica e os percalços enfrentados nos intrapsíquico, intersubjetivos e intergeracional. A relevância da temática da transmissão é fundamental para compreendermos de forma pormenorizada a constituição da subjetividade e a importância da organização interna do sujeito, assim como a vivacidade de suas interações precoces com o ambiente e com os elementos geracionais que habitam a cultura parental desde os primórdios de seu nascimento. Nosso interesse central será mapear os possíveis desdobramentos psicopatológicos oriundos de falhas no processo de transmissão psíquica, em especial quando o ódio prevalece como o afeto central na trama familiar. Partiremos da premissa de que a transmissão de heranças psíquicas em estado bruto se perpetua entre gerações impossíveis de serem metabolizados em função de falhas da incapacidade de pensar/sonhar. Tais elementos em estado bruto, provenientes de relações com objetos bizarros, evidenciam falhas importantes na via régia da transmissão psíquica, a identificação projetiva (Cicccone, 2012), que perde sua função de comunicação e se restringe à pura evacuação como tentativa desesperada de manter vivo o aparelho psíquico.

Primeiramente, abordaremos algumas contribuições gerais a respeito da temática da transmissão psíquica no intuito de fundamentar a nossa argumentação. As contribuições de René Kaes a respeito do embasamento freudiano sobre a discussão a respeito da transmissão psíquica serão percorridas, assim como as colocações de Haydée Faimberg sobre a telescopagem entre gerações e seus efeitos alienantes na constituição psíquica. Acreditamos que tal discussão possui grande relevância, pois inaugura uma via de convergência para pensarmos não apenas a dimensão intrapsíquica e intersubjetiva, mas também o eixo intergeracional, tributário dos dois anteriores, mas que também constitui uma

parte basilar do desenvolvimento psíquico. A partir desses autores, ensaiaremos algumas reflexões acerca do papel do ódio narcísico e suas repercussões no plano identificatório, assim como seus impactos no campo intergeracional.

Posteriormente, abordaremos a transmissão psíquica circunscrita ao fenômeno da identificação projetiva, seus efeitos psicopatológicos e as resoluções defensivas possíveis dentro do quadro intrusivo que a transmissão patológica impõe ao sujeito. Conforme sublinhamos anteriormente, as falhas advindas do excesso de frustração da constituição psíquica afetam o desenvolvimento da função alfa e a capacidade de comunicação entre a mãe e seu bebê. O amor e a gratidão cedem espaço para o ódio e o ataque aos vínculos, e, nesse sentido, nos apoiaremos na obra de Albert Ciccone para discutir os traumatismos oriundos da identificação projetiva patológica, em seu caráter de evacuação, que visa o controle, a invasão e a fusão com o objeto. Exploraremos a forma como Ciccone compreende a identificação projetiva como a via régia para a transmissão psíquica, assim como as modalidades do fantasma de transmissão que são ativadas quando a mesma adquire um caráter disruptivo.

Ensiaremos uma articulação entre os aspectos traumáticos transmitidos de forma patológica e a noção de claustro, explorada anteriormente a partir de Donald Meltzer. Nosso interesse será de buscar uma compreensão pormenorizada através de sua articulação com a identificação endocríptica proposta por Abraham & Torok, com o intuito de pensar no caráter transgeracional da formação do claustro, que, conforme discorremos anteriormente, é uma composição radical que aprisiona e limita o sujeito a um mundo plano, precário de espacialidade, que teria como natureza elementos indigestos perpetuados entre gerações. O ódio ocasionaria falhas severas na capacidade de metabolizar os objetos-herança, falhas que se perpetuariam entre diversas gerações, levando à hipótese de que um claustro poderia ser transmitido de forma críptica entre sujeitos do mesmo núcleo familiar.

4.1

A transmissão psíquica entre gerações

Conforme argumentamos anteriormente, a questão do ódio comporta uma série de vicissitudes na constituição da subjetividade, tanto no plano intrapsíquico como também na dimensão intersubjetiva. No entanto, julgamos necessário uma compreensão ampliada a respeito dos efeitos do ódio, em sua dimensão disruptiva, na cadeia geracional, em especial quando permanece fossilizado no seio familiar e é transmitido como uma herança críptica, impossível de ser metabolizada pelo sujeito. Como forma de introduzir a investigação da transmissão psíquica dentro da teoria psicanalítica, encontramos nas contribuições de René Kaes um caminho profícuo que seguiremos brevemente a fim de mapear alguns dos pilares que sustentam a reflexão psicanalítica sobre a questão geracional e a constituição subjetiva.

Para introduzir a temática da transmissão psíquica, René Kaes (2003) evoca a pertinência do conceito para pensar a tensão própria à complexidade do interjogo entre a dimensão intrapsíquica e as manifestações do campo intersubjetivo. O autor ressalta que é possível encontrar a raiz dessa forma de herança psíquica em *Totem e Tabu* (Freud, 1913/2012), onde Freud discorre sobre a herança da neurose; esta estaria relacionada à descoberta do complexo de Édipo por parte dos filhos, que precisam lidar com o luto do pai. Para Kaes, o texto freudiano referido é crucial para questionar a prioridade outrora atribuída à dimensão intrapsíquica e à realidade interna, uma vez que traz a questão da herança psíquica como central para a constituição psíquica.

Ainda apoiado na obra freudiana, René Kaes (2003) explica que há uma genealogia da psique inaugurada por Freud apoiada em uma dupla determinação: a experiência corporal e a intersubjetiva. Conforme referida anteriormente, a dimensão intersubjetiva da experiência seria mencionada em *Totem e Tabu* (1913/2012), onde Freud propõe um aparelho de significar/interpretar expressões e sentimentos. Já a esfera intrapsíquica seria tributária das contribuições relacionadas à segunda tópica (1923/2011b), tais como a questão das heranças internas entre as instâncias, como o eu herdeiro do isso e o supereu herdeiro do complexo de Édipo (Kaes, 2003). Tal comentário do autor é importante pois amplia a compreensão do papel da dimensão intergeracional no mundo interno e na organização da tópica psíquica, divergindo de correntes que sustentam o

caráter inato de uma série de aspectos do *self* e da dimensão intrapsíquica, como o pensamento kleiniano.

Kaes (2003, p.3) também destaca que a transmissão psíquica, em sua dimensão estruturante, é necessária enquanto tentativa de lidar com movimentos narcísicos do eu, que reluta para se inscrever em uma linhagem em função da fantasia de autogeração. A exigência de trabalho imposta pelos diversos grupos (familiares, institucionais, sociais) situa o sujeito como herdeiro de uma cadeia intersubjetiva, na qual encontra-se inserido e compartilha uma série de materiais psíquicos. Dessa forma, toda transmissão engloba em si um apelo à transformação necessária para garantir ao sujeito um grau de criatividade que permite que ele se aproprie de sua herança psíquica. “Para que a transmissão seja pensada como um eixo estruturante à infinitude onipotente do Eu, é necessário representá-la de outra forma que não uma ferida narcísica ou horror de ter nascido” (Kaes, 2003, p.3).

Kaes (2003, p.3-4) ressalta que a transmissão psíquica envolve necessariamente o fato do sujeito ter sido precedido por outro, herdeiro direto da cadeia intersubjetiva, na qual se apoia a própria formação de seu psiquismo. Para o autor, o sujeito do inconsciente é o sujeito da herança, pertencente a um grupo. Desse modo, Kaes enfatiza que é preciso levar em consideração duas formas de compreensão acerca do sujeito, sendo a primeira delas tributária do funcionamento da dimensão inconsciente do próprio ao espaço intrapsíquico. A segunda está relacionada à existência de um trabalho psíquico imposto ao sujeito, concernente às vinculações intersubjetivas, representadas, por exemplo por instituições, famílias e grupos (Kaes, 2003, p.4). Nessa perspectiva, seria possível citar um exemplo trazido pelo próprio autor ao discorrer sobre o recalque, a formação do supereu e a função do ideal, que seriam determinados pelos laços intersubjetivos, uma vez que a existência do grupo precede a do próprio sujeito. “A subjugação ao grupo se funda sobre a inevitável rocha da realidade intersubjetiva como condição de existência do sujeito humano” (Kaes, 2003, p.5).

A respeito da importância da precedência do grupo, Kaes (2003, p.5) argumenta que este precede a existência do sujeito e é responsável pela matriz primária de investimentos e cuidados, assim como a primeira forma de proteção diante do mundo. O sujeito herda os sinais de reconhecimento e filiação a esse grupo, assim como as limitações e interditos que fazem parte dessa comunidade.

O autor ressalta que o sujeito do grupo não é pertencente apenas um grupo; ele comporta diversos espaços psíquicos intersubjetivos, herdados de diversas formas e que desencadeiam processos distintos entre si. Kaes (2003, p.13), ao levar em consideração o aparelho psíquico grupal, enfatiza que é necessário estabelecer uma diferenciação entre a transmissão de objetos transformáveis daquela que transmite objetos não-transformáveis. Inspirado nas ideias de Wilfred Bion (1962/1988), abordadas anteriormente na presente tese, Kaes (2003, p.13) destaca que os objetos transformáveis são passíveis de se transformarem em matéria psíquica da história das famílias, que são transmitidas para as gerações seguintes. Já os objetos impossíveis de sofrerem transformações são brutos e adquirem a finalidade de atacar o aparelho de transformação dos membros da família. Tais objetos permanecem enquistados no psiquismo e são transmitidos apenas através da identificação adesiva ou projetiva em sua modalidade patológica, levando o sujeito a experimentar terrores inomináveis (Bion, 1962/1988), devido à impossibilidade do ego em metabolizar a experiência geracional. Assim, a transmissão psíquica em seu caráter disruptivo afeta a constituição do *self* e a relação que estabelece com o objeto, uma vez que, ao ser permeado por elementos intrusivos e frustrantes, não há possibilidade de integração de tais objetos no mundo interno do sujeito.

A partir das reflexões de Kaes é possível inferir que, ao prevalecer a brutalidade e dureza dos objetos na dimensão intersubjetiva, o ódio prevaleceria como dominante de tal vínculo geracional, uma vez que o limiar de frustração se torna insuportável para o próprio *self*. A identificação projetiva, conforme argumentamos anteriormente, funciona nesses casos como uma tentativa extrema de evacuação dos elementos frustrantes, mas que, ao mesmo tempo, mitiga a própria sobrevivência e integridade do sujeito, uma vez que os vínculos do aparelho de pensar também são implodidos (Bion, 1962/1988). Desse modo, é preciso compreender tais processos como parte da formação de organizações patológicas, contida tanto na economia psíquica relativa ao universo interno do sujeito como também a modalidade intersubjetiva que o atravessa (Kaes, 2003, p.14), no qual o ódio ocupa um lugar pronunciado, em seu caráter disruptivo, figurado na tentativa de livramento e destruição de tais objetos intrusivos impossíveis de serem metabolizados.

Em outro trabalho, Kaes (2002, p.117) traz uma importante contribuição a respeito da distinção entre a transmissão psíquica que visa a integração dos objetos-transmitidos e aquela que é disruptiva, traumática, o que torna impossível o trabalho de transformação. A primeira é nomeada como transmissão transicional, fazendo alusão ao fenômeno transicional descrito por Winnicott (1975), e comporta o trabalho psíquico feito pelo ego para integrar os elementos transmitidos de forma inconsciente de forma que possam ser reinventados e reencontrados/criados (Kaes, 2002, p.118). Por outro lado, a transmissão-repetição não é passível de nenhuma forma de transformação e transmite os conteúdos de forma bruta entre sujeitos e perpetuando a dimensão traumática entre gerações, uma vez que não foi passível de ser transformada e integrada ao psiquismo (Kaes, 2002, p.117). Levando em consideração as contribuições de Kaes, acreditamos que a confluência entre a ascensão do ódio e a destruição promovida pela transmissão-repetição, que não é passível de operar no nível transicional, torna-se proeminente e se perpetua entre gerações através da transmissão de tais elementos bizarros. Veremos adiante quais seriam os encaminhamentos de tais objetos transmitidos na cadeia geracional, que são viáveis apenas na forma de traumatismos encriptados, no qual o ódio e a destruição permanecem condensados em formações psicopatológicas.

Seguindo a linha argumentativa de forma a compreender os destinos do ódio na transmissão psíquica, julgamos pertinente acompanhar ainda a descrição que René Kaes (2003, p.19) estabelece entre três modalidades de transmissão psíquica deduzidas a partir da obra de Freud: a transmissão psíquica intrapsíquica, intersubjetiva e transpsíquica. A transmissão psíquica intrapsíquica possui como modelo a interpretação dos sonhos; o questionamento em tal modalidade seria a respeito do que se transmite, em intensidade e representação, “[...] na passagem da vigília ao sonho, do Inconsciente ao Pré-Consciente, do Pré-Consciente ao Consciente, dos pensamentos latentes ao conteúdo manifesto [...]” (Kaes, 2003, p.19-20). O autor ressalta que o interesse também seria entender como se efetua a passagem do que é transmitido através das formações intermediárias, que funcionam como uma ponte e uma separação entre as formações intrapsíquicas e desempenham diversas funções, tais como ligação, deslocamento, fixação, para-excitação dentre outras (Kaes, 2003, p.20). “Sonho, processo associativo e

representação, tais formações são vetores da transmissão interna da realidade psíquica. Freud pensa em tais termos desde o início, onde o ponto de vista econômico ocupa um lugar importante” (Kaes, 2003, p.20).

A transmissão psíquica intersubjetiva introduz uma distinção importante entre a realidade interpsíquica e a intersubjetiva. A primeira descreve as relações entre os aparatos psíquicos, levando em consideração as formações destes e dos espaços que geram as relações entre si (Kaes, 2003, p.20). O nível intersubjetivo descreve e interpreta os locais correlativos dos sujeitos nas relações, compreendendo que o espaço originário da intersubjetividade é o grupo familiar, que, naturalmente, precede o sujeito singular, e delinea suas relações de diferença e complementariedade. Kaes menciona três aspectos que são importantes de serem levados em consideração na dimensão intersubjetiva da transmissão psíquica. Primeiramente, as formações intersubjetivas primárias, que asseguram as condições necessárias para a construção do espaço e dos vínculos intersubjetivos; o próprio espaço e vínculo que formam a realidade psíquica, uma vez que, em conjunto, apresentam os enunciados relativos aos interditos fundamentais e os pressupostos básicos que serão utilizados pelo sujeito em sua atividade de representação para se comunicar com os outros. “É também dessa forma que são constituídos, nesse conjunto, através de uma dupla lógica intrapsíquica e intersubjetiva, os objetos e vínculos de identificação e, por consequência, as estruturas básicas do Eu e do Supereu” (Kaes, 2003, p.21). Por fim, o Complexo de Édipo também é levado em consideração, como eixo através do qual se ordenam as relações de desejo e os interditos entre os sujeitos, nas quais são fundadas as identificações correspondentes à diferentes entre os sexos e entre as gerações.

A transmissão transpsíquica está relacionada a um espaço psíquico no qual existe a repetição transformadora do processo de transmissão (Kaes, 2003, p.21). O autor salienta que tal modalidade se distingue da intersubjetiva, pois busca compreender não somente o que é transmitido entre sujeito, mas também o que é transmitido através deles, assim como pressupõe a supressão dos limites e dos espaços subjetivos. (Kaes, 2003, p.21). “O nível da realidade transpsíquica descreve também as formas e processos psíquicos solicitados e criados nos estados de loucura ou de massa” (Kaes, 2003, p.21).

Seguindo o pensamento de René Kaes, que evidencia a importância da dimensão intersubjetiva para a constituição subjetiva, acreditamos que Haydée Faimberg traz contribuições determinantes para pensarmos os desdobramentos psicopatológicos da transmissão psíquica. A autora traz uma valiosa reflexão acerca de como o sujeito reage diante da herança oriunda da forma traumática de transmissão, na qual há a prevalência dos aspectos brutos e intoleráveis ao sujeito. As identificações alienantes e a telescopagem entre gerações são fenômenos descritos pela autora como oriundos dessa forma de traumatismo geracional, que encontram respaldo clínico na experiência descrita pela autora, em especial no que concerne aos elementos contratransferenciais descritos por ela, que serão abordados de forma pormenorizada no capítulo posterior. Portanto, há uma convergência interessante a ser explorada entre os autores e que auxilia a pensar o papel traumático do ódio e seus efeitos no eixo transgeracional, assim como as repercussões diretas para a constituição subjetiva do sujeito.

Levando em consideração o contexto geracional e da problemática identificatória que lhe é inerente, Haydée Faimberg ressalta a questão do segredo dentro do tratamento psicanalítico, em especial quando se trata de uma história que precede a própria existência do sujeito (Faimberg, 1993/2003, p.63). A partir de sua experiência clínica, a autora descreve uma modalidade de segredo que, por um lado, não é alvo de curiosidade pelo paciente e, por outro lado, não é fruto de uma construção do psicanalista sobre um movimento transferencial durante a sessão. “É tudo isso que deu um caráter vazio, morto, ao psiquismo do paciente” (Faimberg, 1993/2003, p.63). No entanto, tal estado de esvaziamento seria acompanhado, de forma contraditória, por uma intrusão tirânica de uma história relativa a outras gerações, pertencente ao campo do não-dito, que se apresenta de forma maciça, ao lado do não reconhecimento do sujeito a respeito da ausência da relação objetal (Faimberg, 1993/2003, p. 65). “Em outros termos, há no paciente, de um lado, uma falta de reconhecimento da relação de objeto, e de outro, um objeto “invasivo” [*en trop*], que não se ausenta jamais” (Faimberg, 1993/2003, p.65).

Nesse sentido, Faimberg descreve alguns aspectos dos processos de identificação que promovem a mudez do psiquismo do paciente; além de serem inaudíveis, tais identificações são detectadas apenas em momentos chaves da

relação transferencial, nos quais seria viável repará-la e torná-las audíveis através do acesso à história secreta do sujeito (Faimberg, 1993/2003, p.65). Também é importante salientar que Faimberg, ao compreender a identificação como um tipo de vínculo entre gerações, ressalta também que o objeto alvo de identificação também é portador de uma dimensão histórica. “Esse tipo de processo de identificação condensa uma história que, ao menos em parte, não se restringe apenas à geração do paciente” (Faimberg, 1993/2003, p.66). Para esse fato, a autora utiliza o termo telescopagem geracional, no intuito de buscar descrever tais heranças que surgem nos movimentos transferenciais e que não se restringem apenas à história do sujeito, mas sim relacionadas às identificações inconscientes que portam seus vínculos históricos com outras gerações, assim como a compreensão de que elementos herdados podem comportar segredos, não-ditos e afetos inassimiláveis que se perpetuam entre gerações. A telescopagem entre gerações engloba necessariamente três gerações, uma vez que os pais propriamente ditos não são protagonistas, mas sim inscritos em seus próprios sistemas familiares, o que os coloca também na posição de herdeiros de uma história que, por vezes, carregam suas próprias alienações e idiosincrasias (Faimberg, 1993/2003, p.69).

Como forma de fundamentar suas ideias a respeito do conjunto de identificações concernentes à telescopagem geracional, Faimberg (1993/2003, p.67) evoca as contribuições freudianas a respeito do narcisismo, em especial para descrever as relações objetais estabelecidas entre o bebê e o casal parental. Apoiada nas contribuições de Freud, a autora enaltece a importância de se pensar a influência dos ideais narcísicos dos próprios pais no estabelecimento dos vínculos com o bebê recém-chegado ao seio familiar. A concepção de Faimberg encontra confluência nas contribuições freudianas a respeito do amor dos pais, que, ao se depararem com o júbilo diante do bebê revelam também a natureza narcísica que o permeia (Freud, 1914/2010k, p.25-26). A esse respeito, Faimberg acrescenta que o narcisismo parental possui também função de preencher o bebê em seu desamparo fundamental, assim como também precisa ser elaborado ativamente pelo casal parental a fim de reconhecer o bebê como separado de si (Faimberg, 1993/2003, p.67).

A autora define o narcisismo, levando em consideração seu papel estruturante da organização egóica, como “[...] o amor do ego por si mesmo e aos objetos, baseado na ilusão que ele é o centro do mundo” (Faimberg, 1993/2003, p.67). Para a autora, o narcisismo comporta uma contradição em seu funcionamento ilusório, uma vez que, ao mesmo tempo que enuncia a necessidade da relação com o outro para se afirmar, também é responsável pela fantasia de autossuficiência (Faimberg, 1993/2003, p.67). “Tal fato explica que, clinicamente, a relação pode ser ao mesmo tempo objetal e narcísica. A relação narcísica de objeto não tolera nada do objeto quer não seja para lhe dar prazer, o que caracteriza fundamentalmente o que a autora nomeia como regulação narcísica primária (Faimberg, 1993/2003, p.68). Levando em consideração as contribuições freudianas previamente exploradas a respeito do desenvolvimento do ego no primeiro capítulo da presente tese, Faimberg destaca a importância da internalização dos pais enquanto objetos primários como organizadores da vida psíquica. A autora frisa que, dentro do processo psicanalítico, o psicanalista entra em contato com os pais internos do paciente através da interpretação, que leva o paciente a revelar formas alienantes de identificação que funcionam como forma de regulação narcísica. “É por isso que essa identificação é uma identificação alienante ou clivada do ego, na medida que sua causa é encontrada na história de um outro” (Faimberg, 1993/2003, p.68).

Ainda no contexto do narcisismo e das identificações alienantes, Faimberg descreve duas funções relativas à regulação narcísica do objeto: primeiramente a função de apropriação, ligada ao amor narcísico, e a segunda, nomeada função de intrusão, relativa ao ódio narcísico (Faimberg, 1993/2003, p.68-69). Na primeira, os pais internos são identificados ao que é pertencente ao bebê, configurando assim um polo identificatório amoroso, diferentemente da intrusão, que, capitaneada pelo ódio, confere ao bebê um lugar de depositário dos elementos intoleráveis e rejeitados pelos pais. “Na função de intrusão, expulsando ativamente na criança tudo que eles rejeitam se definem como uma identidade negativa” (Faimberg, 1993/2003, p.69). Nesse caso, a autora explica que o bebê será alvo do ódio não pela sua alteridade, mas, sobretudo, por ser portador da história familiar que inclui os conteúdos inaceitáveis, oriundos do ódio narcísico e da rejeição imposta dentro do espaço psíquico do bebê. Para a autora, tal

funcionamento priva o bebê do espaço psíquico necessário para a construção de sua própria identidade, uma vez que se encontra-se submissa ao poder alienante do narcisismo parental, em especial do ódio narcísico, que desempenhará papel central no processo identificatório do bebê. “Tal função alienante está [...] na origem de uma clivagem do ego do bebê, que produz um sentimento de estranheza [...] organização estranha que pertence a um outro, nisso consiste a alienação (Faimberg, 1993/2003, p.69).

Faimberg ressalta que, para que seja possível o surgimento das identificações geracionais é necessário que a regulação narcísica, capitaneada pelas funções de apropriação e intrusão, funcionem, de maneira que os pais internos possam amar a criança sem se apossar dela, mas também reconhecer sua independência sem odiá-la e sujeitá-la a sua própria história de ódio (Faimberg, 1993/2003, p.69). No entanto, conforme argumentamos anteriormente, quando há a prevalência na regulação narcísica familiar do ódio o bebê torna-se herdeiro dos elementos malditos e intoleráveis que são despejados no espaço psíquico do bebê, que é incapaz de assimilar a brutalidade do que lhe é apresentado. Nesse plano, há a dimensão da identificação alienante, que impossibilita que o sujeito construa um espaço de existência próprio para si, assim como é possível destacar a presença maciça da dimensão transgeracional através da telescopagem entre gerações, na qual o bebê permanece aprisionado pelos elementos rejeitados que lhe foram atribuídos e permanecem enquistados, impossíveis de serem digeridos. Há uma importante convergência entre o fenômeno descrito por Faimberg e as contribuições de René Kaes, uma vez que ambos descrevem os impactos da transmissão psíquica na constituição psíquica de uma forma global, mas também a sua dimensão traumática, tanto na constituição dos espaços internos do sujeito como também na relação com os objetos externos e com os grupos que o acompanham. Conforme vimos anteriormente, o império do ódio narcísico impede a assimilação dos pais internos enquanto figuras amorosas, afetando o grupo familiar, responsável pelos primeiros cuidados necessários à sobrevivência do bebê. Desse modo, é possível compreender que, ao encontrar-se desorientado por tais heranças psíquicas profundamente perturbadoras, para além da clivagem, o sujeito precisa desenvolver formas de coexistir com tais traumatismos para garantir a sua própria sobrevivência, conforme veremos adiante.

4.2

Fantasma de transmissão e invasão imagoica

Seguiremos nossa argumentação acerca dos destinos da transmissão psíquica em sua dimensão traumática, em especial quando o ódio assume a dominância dos processos de constituição psíquica em seus três eixos, intrapsíquico, intersubjetivo e intergeracional. Diante da desorganização e do terror que assola o bebê, permeado pelos elementos brutos e odiosos oriundos das falhas do núcleo familiar em transmitir tais heranças de forma integrante, é possível mapear formas de existência que o sujeito encontra para lidar com tais traumatismos dentro de si mesmo. Nessa direção, encontramos um caminho fecundo nas contribuições de Albert Ciccone a respeito do fantasma de transmissão e da invasão imagoica, processos presentes em momentos disruptivos da constituição subjetiva e que auxiliam, mesmo que de forma extrema um grau básico de organização de tais elementos transgeracionais.

Albert Ciccone traça uma importante aproximação entre o conceito de identificação projetiva, trabalhado com maior detalhamento no segundo capítulo da presente tese, e a transmissão psíquica. Influenciado pela ampliação do conceito enquanto forma rudimentar de comunicação conforme proposto por Bion (1961/1991c), Albert Ciccone (2012) considera que a identificação projetiva é a forma central de transmissão psíquica inconsciente. Para o autor, tal forma básica de comunicação seria responsável pelos intercâmbios intrapsíquicos e intersubjetivos, e, portanto, propiciador da constituição dos limites psíquicos internos e externos. Ciccone também acompanha as contribuições de Bion a respeito da capacidade de *rêverie* materna e as vicissitudes de suas falhas para a constituição subjetiva. Conforme abordamos anteriormente, Bion (1957/1991a) discorre que a formação de objetos bizarros advém da impossibilidade da *rêverie* materna dar contas das angústias extremas que o bebê vive nos primórdios da vida psíquica. Esses objetos são predominantemente persecutórios e atingem a capacidade de pensar/sonhar e os vínculos que se estabelecem com a realidade e o objeto externo, manifestações típicas da parte psicótica da personalidade (Bion,

1957/1991a). Sobre a modalidade patológica da identificação projetiva, Ciccone (2012, p.46) discorre que há uma tentativa de penetrar no objeto no plano fantasmático como forma de exercer controle ou de tomar para si a identidade do mesmo como forma de livrar-se de um conteúdo mental perturbador. A partir das contribuições de Melanie Klein a respeito da confusão identitária ocasionada pelo uso desenfreado da identificação projetiva, Ciccone alega que as consequências subjetivas da falha dessa modalidade identificatória são as modificações no sentimento de identidade, que se manifestam como despersonalizações e as angústias claustrofóbicas, como a fantasia de ser estar aprisionado e ser perseguido no interior do objeto penetrado (Ciccone, 2012, p.49).

Ainda sobre as ideias de Albert Ciccone a respeito da articulação entre a transmissão psíquica e a identificação projetiva, o conceito de fantasma de transmissão nos interessa diretamente para a presente pesquisa. De acordo com o autor, trata-se de um cenário psíquico onde o sujeito é designado como um herdeiro de um conteúdo psíquico transmitido por um outro, contemporâneo ou ancestral. O fantasma de transmissão está relacionado à versão singular das relações possíveis estabelecidas entre o sujeito-herdeiro, sujeito-transmissor e objeto-transmitido e permite que o mesmo consiga se apropriar de um material psíquico que lhe é, ao mesmo tempo, familiar e estrangeiro (Ciccone, 2012, .78-9). Também é responsável por uma tripla função no psiquismo: a apropriação subjetivante, a “inocentação” e a organização do vínculo intersubjetivo e genealógico. Nos casos em que não há a prevalência da dimensão traumática, a função de apropriação subjetivante sustenta a ilusão do transmitido-criado (Ciccone, 2012, p79), uma vez que o ambiente propicia seu desenvolvimento, que permite o desenvolvimento da transicionalidade.

No contexto da transmissão traumática, o fantasma de transmissão assume um caráter radical na tentativa de reparar a impossibilidade de transicionalização. Os objetos alienantes (bizarros), que não puderam ser transformados pela *rêverie* materna permanecem enquistados no aparelho psíquico e estão relacionados à vivência do fantasma de maneira crua e concreta, cujas manifestações são visíveis em crenças e convicções radicais. Logo, quando há o agravamento da dimensão evacuativa da identificação projetiva, denunciando falhas na transmissão psíquica, o fantasma de transmissão é utilizado como forma de reduzir o traumatismo;

porém, a reconstrução possível é feita de extrema e reconstrói de forma bruta a herança da história do sujeito. Este sente que há uma história que vem de fora e que ele herda, mas que não é sentida como concernente a ele mesmo, evidenciando um caráter disruptivo da alteridade traumática (Ciccone, 2012, p.80).

Para Ciccone (2012, p.53) os objetos psíquicos se constituem fundamentalmente a partir de três processos identificatórios: a identificação adesiva, identificação projetiva e identificação introjetiva. Para o autor, é possível estabelecer três categorias de objetos psíquicos a partir da prevalência da modalidade identificatória supracitada: o objeto *autístico*, o objeto incorporado e o objeto introjetado, cada um referente às identificações mencionadas acima, respectivamente. Ciccone compreende que é necessário distinguir as modalidades identificatórias envolvidas na constituição do objeto psíquico, pois elas enunciam o modo de transmissão psíquica envolvido (Ciccone, 2012, p.55). Desse modo, acompanharemos brevemente a descrição feita pelo autor sobre os objetos psíquicos em questão.

O objeto *autístico* é descrito por Ciccone (2012, p.54) como periférico, sem espaço ou interioridade psíquica, sem afeto ou pensamento e não pode ser transmitido como tal, uma vez que não é compartilhável em função de sua demasiada idiossincrasia. Para o autor, o objeto *autístico* se constitui através da mutilação de um objeto previamente transmitido, reduzindo o mesmo a uma qualidade sensorial específica, assim como é observável em crianças autistas, que utilizam o mimetismo para reproduzir atos ou comportamentos esvaziados de significado, mas repleto de sensorialidade cinestésica. Ciccone ressalta que há uma dimensão do objeto *autístico* normal que é constituído através da identificação adesiva não-patológica e se alinha às contribuições de Nathan a respeito dos continentes formais, concepção elaborada a partir de Anzieu e Rosolato. Ciccone explica que os continentes formais descrevem uma série de modificações e movimentos rítmicos relacionados ao corpo, transmitidos de forma corporal e construindo a matriz fundamental para o trabalho de simbolização a partir das primeiras experiências de imitação do bebê, que dão forma e contorno ao objeto (Ciccone, 2012, p.54).

Já os objetos constituídos por identificação projetiva são localizados como elementos incorporados no espaço psíquico, que participam ativamente na configuração dos estados *pseudo*, falso *self* e mesmo à cripta, uma vez que se trata de uma identificação ao objeto incorporado, que transforma o sujeito mas não é transformado pela transmissão (Ciccone, 2012, p.55). Ao contrário do objeto incorporado, o objeto interno constituído através da identificação introjetiva seria responsável pela constituição da identidade do sujeito e do sentimento egóico de integração. Conforme ressaltamos anteriormente, para Ciccone a natureza da constituição do objeto será determinante da modalidade de transmissão psíquica que será adotada; logo, a transmissão de objetos incorporados ocorre de forma traumática e alienante através da identificação projetiva, enquanto o objeto integrado encontrará seu destino através da identificação introjetiva e portará um aspecto de integração do *self* (Ciccone, 2012, p.55).

No entanto, embora aparentemente esquemático, Ciccone ressalta que os efeitos de transmissão carregam sempre um elemento identificatório projetivo, mesmo nas modalidades adesivas e introjetivas, uma vez que a identificação projetiva é compreendida como a via régia através da qual a transmissão psíquica ocorre. Nesse contexto, Ciccone (2012, p.56) explica que a identificação adesiva consiste em se apegar a uma sensação interna ou externa em torno da qual se concentra o sentimento de existência, como uma forma de combater uma angústia primitiva. Ciccone descreve que ocorre uma espécie de achatamento bidimensional do mundo interno-externo que aniquila o espaço interior e a capacidade de pensar, no intuito de proteger o sujeito contra a experiência de separação. Como abordamos anteriormente, a identificação adesiva e os fenômenos autísticos estão presente na própria constituição psíquica, assim como assinala Ciccone (2012, p.56), quando localiza tal modalidade na estruturação do sentimento de continuidade, dos primeiros processos de envelopamento psíquico e de interiorização.

Ciccone se apoia nas ideias de Nathan para abordar os continentes formais, que estão relacionados diretamente aos ritmos e imagens concernentes aos objetos e constituem a matéria-prima das primeiras trocas entre a mãe e seu bebê. Nesse sentido, estão relacionados aos movimentos corporais primitivos e à comunicação primitiva entre a família e o bebê, essencialmente não-verbal. Desse modo,

Ciccone ressalta que a transmissão psíquica, nesse contexto, ocorre através do mimetismo, localizado na modalidade adesiva de identificação. Nesse sentido, as ideias de Ciccone encontram convergência com Frances Tustin e a ideia de que as formas autísticas estão na base do desenvolvimento psíquico a partir da qual o bebê se apropria gradualmente da sua relação com as percepções e com os objetos e, assim, constrói conceitos passíveis de serem compartilhado. Para o autor, não seria a forma que seria compartilhada, mas sim o objeto, uma vez que a forma, ao ser simbolizada, perde seu caráter autístico e passa a ser mimetizada pelo bebê.

Podemos dizer que o bebê imita a forma do comportamento antes de ter entendido o seu significado. Ele reproduz adesivamente o que para ele se apresenta como um continente formal, como uma forma na qual o significado ainda é enigmático (Ciccone, 2012, p.58).

Ciccone ressalta que tal aspecto “normal” da identificação adesiva comporta uma dimensão projetiva, já que o bebê está em contato com o objeto, o que leva o autor a afirmar que o processo identificatório encontra-se no limite entre a identificação adesiva e a identificação projetiva (Ciccone, 2012, p.58). Para Ciccone, a transição entre a identificação projetiva e a introjetiva ocorreria nesse momento, uma vez que, à medida que as zonas adesivas se tornam menos preponderantes a partir da assimilação da alteridade, é possível internalizar o objeto e sua interioridade (Ciccone, 2012, p.59). Desse modo, a identificação projetiva constitui uma fundação necessária à identificação introjetiva, uma vez que impede que o bebê se aliene em relação ao objeto e internalize gradualmente o objeto, através da verificação entre objeto real e o protótipo do objeto interno, assim como se aproprie subjetivamente da qualidade emocional da experiência com o objeto externo e a instale dentro de si próprio (Ciccone, 2012, p.61).

Para Ciccone, a transmissão psíquica inconsciente se refere aos objetos psíquicos constituídos pelas modalidades identificatórias descritas anteriormente e que vão determinar o modo de transmissão, desde as transmissões que visam a integração entre gerações como também aquelas que portam uma dimensão traumática, impondo ao sujeito herdeiro um trabalho psíquico para lidar com os objetos não-integrados e incorporados dentro de si (Ciccone, 2012, p.62). Além dos objetos, para Ciccone o processo de constituição do objeto também é transmitido, assim como as fantasias que compõe e organizam tais objetos; logo, o

que seria transmitido seria o significado das situações, que comporta tanto formas organizadoras como também negativas, enigmáticas (Ciccone, 2012, p.62). Como forma de ilustrar sua contribuição, Ciccone se apoia no modelo mãe-bebê descrito por Bion, no qual, através da função alfa, a mãe, ao amparar seu bebê, transmite para ele um objeto composto pelo conteúdo (angústia) e continente, responsável pela transformação dos elementos beta em alfa e pela constituição da capacidade de pensar do bebê. Para Ciccone, o processo está sendo transmitido, uma vez que se trata da instalação da mãe dentro de si através da capacidade de lidar com a angústia, contê-la e transformá-la por conta própria. Ao mesmo tempo, a mãe também transmite uma fantasia que organiza internamente a representação interna do vínculo, a imagem de um objeto-continente e desintoxicante. “Ela [mãe] transmite o significado da situação, o significado que os pensamentos e, sobretudo, os atos, transmitem” (Ciccone, 2012, p.63).

Também é importante salientar a forma como a própria transmissão psíquica é interiorizada, uma vez que tal fato está intimamente relacionado às heranças que o sujeito carrega. Conforme assinala o autor, observar os efeitos dos fantasmas de transmissão torna-se necessário para entender as construções do sujeito a respeito de sua própria herança psíquica (Ciccone, 2012, p.65). Para Ciccone, o fantasma de transmissão é um cenário construído no qual o sujeito se designa como herdeiro de um conteúdo psíquico transmitido por um outro, contemporâneo ou ancestral. Também comporta as relações que se estabelecem entre o sujeito-herdeiro, o sujeito que transmite e o objeto transmitido. “O fantasma de transmissão permite ao sujeito, em um mesmo movimento, se defender e se apossar de algo que lhe pertence e que lhe é estranho ao mesmo tempo” (Ciccone, 2012, p.79, tradução nossa).

O fantasma de transmissão possui três funções específicas que compõem o trabalho de apropriação subjetiva dos vínculos de filiação. São elas a apropriação subjetivante, a inocentação e a organização do vínculo, este compreendido em sua dimensão intersubjetiva e genealógica. No contexto da transmissão psíquica não-traumática Ciccone destaca que há a prevalência da apropriação subjetivante através do processo da transicionalidade; desse modo, a fantasia assume um papel mítico de reconstruir a história familiar. Para Ciccone, na modalidade não-traumática de transmissão psíquica, a fantasia de transmissão sustenta a lógica da

ilusão do transmitido-criado, que é possibilitada pelo exercício da transicionalidade. “A transicionalidade pode se implantar, pois o sujeito ou o ambiente que transmite permitem, pois souberam organizar o objeto a ser transmitido de uma forma que o sujeito herdeiro pôde desenvolver a ilusão de tê-lo criado” (Ciccone, 2012, p.79). Ciccone ainda ressalta que a transicionalidade, ao mesmo tempo que sustenta a apropriação subjetiva também é responsável pelo processo de transformação do objeto, no qual a fantasia de transmissão opera na relação do sujeito com o objeto transmitido e com a fonte emissora da herança psíquica (Ciccone, 2012, p.79).

Conforme sublinhado anteriormente, Ciccone descreve outras duas funções concernentes à fantasia de transmissão, a organização da filiação e a inocentação dos desejos culposos edipianos (Ciccone, 2012, p.79). O autor evoca a questão da alteridade na constituição psíquica do bebê, que, ao ser confrontado com ela, também sente a necessidade de reduzi-la. Nessa direção, os mitos sobre a transmissão surgem como forma de apaziguar tal alteridade ao confirmar a filiação do bebê em relação aos seus ascendentes, como, por exemplo, a constatação da similaridade de aspectos físicos e psíquicos em relação à família. Ciccone também destaca que tais mitos de transmissão também operam como forma de diminuir a intensidade do conflito edipiano e de reparar as imagens parentais outrora atacadas pelos desejos edípicos do bebê. Desse modo, o fantasma de transmissão que localiza o sujeito dentro da linhagem genealógica e geracional também funciona como forma de diminuir a intensidade dos medos despertados pelos impulsos hostis de sobrepujar o pai ou mãe para assumir seu lugar na família, como se tal fato fosse um pressuposto da construção da parentalidade (Ciccone, 2012, p.79).

A transmissão psíquica assume outro caráter quando ocorre pela via do traumatismo, assim como o fantasma de transmissão adquire um matiz distinto do descrito anteriormente. Para o autor, a transmissão traumática atravessa a capacidade de simbolização e qualquer possibilidade de transicionalização, uma vez que o que é transmitido são objetos alienantes, impossíveis de serem transformados que, por sua vez, produzirão outros objetos não-transformáveis. O fantasma de transmissão torna-se cru e é vivenciado de forma concreta, uma vez que lida com eventos e experiências da mesma ordem, fato exemplificado pelo

autor através da manifestação de crenças e convicções radicais. Para Ciccone, o fantasma de transmissão nesse contexto visaria a restauração das condições para o desempenho da transicionalidade através do trabalho de transformação que teria como meta a diminuição dos impactos do traumatismo na transmissão psíquica (Ciccone, 2012, p.80).

Diferentemente do que ocorre na apropriação subjetivante descrita anteriormente, na transmissão psíquica traumática o fantasma de transmissão busca reconstruir a transmissão de forma bruta, uma vez que a transicionalidade não opera de forma adequada. A prevalência dos objetos alienantes impõe uma experiência ameaçadora ao sujeito diante de uma alteridade brutal, na qual ele se depara com uma herança psíquica que lhe é estranha, herdeiro de uma história que não é reconhecida como sua, ao mesmo tempo que o fantasma de transmissão opera na tentativa de fazer com que ele se aproprie desses objetos bizarros que lhe são transmitidos. Para Ciccone, diante da dimensão traumática o fantasma de transmissão busca o resgate do trabalho psíquico possível para viabilizar a transicionalidade necessária à apropriação subjetivante (Ciccone, 2012, p.80-81). Dessa maneira, o autor conclui que o fantasma de transmissão possui três tarefas no contexto traumático: a função de inocentação diante do traumatismo, de reinscrever o sujeito na filiação geracional, desorganizada pelos impactos do trauma e, finalmente, a apropriação subjetiva da experiência traumática.

Dentro do campo da transmissão psíquica traumática, Ciccone descreve um processo denominado invasão imagoica, que faz alusão a um processo que ocorre entre o bebê e seu ambiente familiar. Trata-se da forma como uma imago parental, por um lado, se impõe como objeto de identificação do bebê, tomando-o como uma réplica, depositário da herança de tal imago; e, por outro lado, como objeto de identificação pelo bebê, denotando a necessidade de identificação do bebê a essa imago. Para Ciccone, a invasão imagoica utiliza as duas vias da identificação projetiva, já que, o bebê encontra-se identificado mutuamente com o objeto, buscando confirmar tal identificação, mas também experimenta uma intensa perseguição, uma vez que a imago também é sentida como cativante e intrusiva. Esta última leva o bebê a rejeitar a imago e à tentativa de mantê-la distante de si para tentar preservar sua autonomia e controlar a imago. “Nos dois casos a imago é alienante e priva o bebê de uma autonomia perante seus objetos

psíquicos. O espaço mental ocupado pelo objeto de um outro priva o sujeito da liberdade (Ciccone, 2012, p.82).

Ciccone explica que a invasão imagoica, dentro do contexto da ruptura traumática da filiação, permite o sujeito de se reinscrever na cadeia geracional e se defender diante da alteridade traumática. O sujeito se reinscreve como uma réplica de um ancestral da família e é reconhecido como família, como uma forma de se desvencilhar da intrusão demasiada do objeto alienante. No entanto, é importante salientar que se trata de uma modalidade tóxica, uma vez que, conforme demonstramos anteriormente, o fantasma de transmissão é repleto de aspectos concretos e radicais, frutos dos objetos alienantes transmitidos que não foram passíveis de serem digeridos pelo sujeito. Portanto, embora atuante, o fantasma de transmissão nesse caso opera de forma bruta, suturando o vínculo de filiação do sujeito entre seus familiares e reorganiza de forma defensiva a trama geracional que o habita (Ciccone, 2012, p.83).

Ciccone também ressalta que tal modalidade de transmissão psíquica produz uma forma particular de transferência, uma vez que as imagos, ao serem projetadas no espaço mental do analista, o permeiam desse sentimento de invasão. Para o autor, a invasão imagoica representa uma vertente alienante da transferência em função da operação da identificação projetiva em seu caráter patológico (Ciccone, 2012, p.84).

Portanto, é possível observar que a transmissão psíquica transgeracional ocupa um lugar relevante na reflexão acerca de traumatismos precoce para o sujeito, em especial quando capitaneada pelo ódio narcísico. As suas vicissitudes defensivas configuram estratégias que o sujeito recorre para sobreviver diante dos objetos bizarros que ameaçam a sua existência, permeada pelo vazio de não haver construído um espaço psíquico diante da rejeição do ambiente familiar, que despeja precocemente elementos odiados no bebê. Se a identificação projetiva perde seu valor de comunicação, a prevalência da dimensão evacuativa é maciça e leva em consideração diversos fatores, tais como as falhas no processo de *rêverie* e as tentativas de organização psíquica mediadas pelo fantasma de transmissão. Embora permita a inscrição do sujeito no grupo familiar, a invasão imagoica ainda permanece como uma forma de defesa extrema diante da brutalidade dos elementos bizarros que permanecem como perseguidores do próprio *self* devido à

prevalência do ódio nas relações com os objetos primários. A partir da ideia de que o ódio narcísico perturba completamente a organização psíquica em seus eixos intrapsíquico, intersubjetivo e intergeracional, assim como as defesas que tal fato desencadeia, aprofundaremos em especial a noção dos elementos bizarros que permanecem encriptados durante gerações e, por vezes, condensam afetos impossíveis de serem integrados ao psiquismo. Partiremos da hipótese de que tais elementos psíquicos brutos, ao serem transmitidos de forma traumática, comportam também uma vertente transgeracional do claustro, apontando para uma dimensão encriptada e indizível do ódio e que obedecem a hierarquia que exploramos anteriormente a partir das ideias de Meltzer e que, a seguir, buscaremos compreender suas repercussões na cadeia geracional.

4.3

A cripta e o claustro transgeracional

Conforme argumentamos anteriormente, a transmissão psíquica ocupa um lugar determinante na constituição psíquica, participando ativamente da construção da esfera intrapsíquica e intersubjetiva. Também destacamos que a dimensão intergeracional também compõe outro eixo a ser considerado no processo de maturação psíquica, uma vez que inclui a compreensão dos processos de filiação aos primeiros grupos dos quais o sujeito herda seus primeiros elementos psíquicos, tais como os cuidados primários que determinam a sua própria sobrevivência. No entanto, durante esse percurso investigamos de que forma a transmissão psíquica também pode ocasionar graves percalços na constituição subjetiva. O ódio narcísico ocupou um lugar privilegiado em nossa reflexão, uma vez que, diante da impossibilidade de integração do objeto primário e da assimilação do casal parental enquanto bons objetos dentro de si, há a predominância da dimensão alienante dos processos identificatórios. Esta modalidade impede a construção dos espaços psíquicos do sujeito, que permanece aprisionado como depositário dos elementos psíquicos intoleráveis dos pais que se perpetuarão na cadeia geracional através do fenômeno da telescopagem.

Também abordamos de que forma o conceito de identificação projetiva como forma básica de comunicação nos auxilia a compreender a transmissão psíquica dos elementos psíquicos entre gerações, assim como os traumatismos que envolvem as suas modalidades psicopatológicas. O fantasma de transmissão em sua dimensão patológica permite a elucidação dos caminhos defensivos adotados pelo sujeito diante de uma herança maldita que impede os processos de integração através da introjeção e limita o sujeito à interação com os objetos bizarros herdados que agora habitam seu psiquismo.

Levando em consideração tais contribuições, partiremos dessa modalidade de transmissão psíquica disruptiva para propor a noção de claustro transgeracional como uma forma de organização psíquica que se perpetua, de forma encriptada, entre gerações. Argumentaremos que o sujeito permanecerá aprisionado em uma existência plana, carente de outras dimensões, achatada em um espaço psíquico atrofiado em função do ódio que permeia a relação de objeto e os elementos bizarros que se apoderam do *self*. Desse modo, para embasar tal desenvolvimento metapsicológico, as noções de claustro, previamente abordada na presente, e a identificação endocríptica serão articuladas, uma vez que julgamos haver uma importante complementaridade entre ambas que nos auxiliará a desenvolver a noção de claustro transgeracional.

Abraham & Torok (1973/1995, p.278) descrevem uma dimensão da imagem do fantasma que causa tormento e aflige o psicanalista que se depara com um material cujo trabalho de luto não foi possível. Tal dimensão imagética do fantasma evoca uma falha que se impõe à escuta do psicanalista enquanto uma formação do inconsciente na forma de um segredo não revelável ao analista, fruto de uma imagem que ilustra uma lembrança de caráter peculiar para o psiquismo: uma experiência carinhosa que, em função de um traumatismo, transformou-se em algo vergonhoso, impossível de ser sepultado legalmente (Abraham & Torok, 1973/1995, p.279). A instalação da cripta, lugar hermeticamente fechado no seio do eu será fruto da natureza indizível da dor proveniente do traumatismo precoce, cujo trabalho do luto será permeado pela tentativa de ocultar, mascarar e denegar a realização da lembrança idílica e de perda (Abraham & Torok, 1973/1995, p. 279).

É importante ressaltar que a vertente traumática do fantasma descrito pelos autores envolve elementos que não podem ser ditos, secretos, que se fecham em uma sepultura enquanto um morto e pode atravessar gerações. “Esse fantasma retorna, então, a partir do inconsciente e vem assombrar, induzindo fobias, loucuras, obsessões. Seu efeito pode chegar até a atravessar gerações e determinar o destino de uma raça” (Abraham & Torok, 1973/1995, p.278). Logo, esse elemento misterioso, sepultado de forma oculta, permanece em atividade na dimensão críptica e poderia retornar em configurações psicopatológicas em gerações seguintes na forma de fobias, loucuras e obsessões. Dessa maneira, seria possível compreender que a cripta se perpetua nas gerações subsequentes enquanto uma formação silenciosa, que conserva seus cadáveres em putrefação, que participam ativamente da constituição subjetiva e da inscrição na ordem geracional (Abraham & Torok, 1973/1995, p.278).

A cripta possui um funcionamento patológico que inibe o processo de introjeção, provocando a formação de uma espécie de casulo, no qual permanece confinada a experiência afetiva em relação ao objeto. A cripta impede a possibilidade de integração do *self* através do processo de introjeção e encerra um corpo morto dentro de uma sepultura, parte do ego que permanece impossível de ser assimilada pelo psiquismo e condensa afetos e experiências outrora prestigiosas, mas que adquirem um caráter penoso e mortificante. Nesse sentido, julgamos importante destacar a função do ódio conforme viemos assinalando ao longo do capítulo, em sua dimensão alienante e aprisionante, que priva o sujeito de desfrutar de forma íntegra das relações objetivas. Junto à proposta dos autores, acreditamos que o ódio ocupa um lugar importante na formação da cripta, uma vez que configura uma resposta diante do traumatismo perante o objeto primário e a impossibilidade de metabolizar elementos brutos transmitidos em momentos primordiais da constituição subjetiva. O ódio permanece então como afeto fundamental encriptado, passível de ser transmitido para outras gerações através do segredo, que comporta o silenciamento e a repulsa diante daquilo que foi encriptado por não encontrar uma via possível de transformação na relação primária, revelando a face aterrorizante do fantasma.

Abraham & Torok ainda destacam que essa modalidade de identificação possui uma tendência extrema de se ocultar no eu do sujeito, inspirados na célebre

fórmula freudiana a respeito da sombra do objeto. Assim como o eu poderia se disfarçar sob as características do objeto, os autores propõem que seria possível expandir essa compreensão ao adotar a perspectiva do próprio objeto na formulação, assumindo que o objeto também poderia tomar o eu como máscara. Para os autores, essa inversão seria importante para descrever a identificação endocríptica em sua dimensão oculta e imaginária, que precisa se camuflar em função de sua natureza vergonhosa. Abraham & Torok (1973/1995, p.280) argumentam que essa identificação recairia sobre o próprio processo de luto, evocando uma criptofantasia que troca a sua própria identidade, formulando uma fantasia com a vida “além-túmulo” do objeto perdido por conta do traumatismo precoce sofrido, caracterizando o que os autores descreveram como uma empatia identificatória. Esta assume um caráter ilusório no sentido de tentar preservar um estado anterior ao traumatismo, enquanto a inclusão de tais elementos bizarros encriptados determinam uma realidade dolorosa denegada distinta da fantasia, comparada à uma chaga aberta no psiquismo, cuja qual o sujeito não consegue cicatrizar, apenas mascarar tal sofrimento, sentido como vergonhoso (Abraham & Torok, 1973/1995, p.280). “Camuflar a ferida, tal é o destino, comum a todos esses casos, camuflá-la porque ela é indizível, pois enunciá-la em palavras já seria mortífero para toda a tópica” (Abraham & Torok, 1973/1995, p.280).

A cripta intrapsíquica é descrita pelos autores através de três movimentos sucessivos, que permitiriam o analista a promover sua abertura através da sua escuta e da validação de uma possibilidade de luto que, conseqüentemente, seria fruto do trabalho de introjeção. O primeiro é descrito como um movimento projetivo, feito secretamente, sobre o analista, relativo ao parceiro criança da cripta, em alusão às relações arcaicas com o objeto primário e suas vicissitudes perturbadoras, que precisaram ser encriptadas devido a um traumatismo precoce. De forma secreta, são depositados na figura do analista, na esperança de que, a partir do trabalho analítico, consiga resgatar esse núcleo infantil da vivência críptica. A descrição clínica dos autores a respeito dos efeitos transferenciais desse primeiro movimento é pertinente, pois relatam uma estagnação que se instala na relação analítica, fruto de uma espécie de estudo silencioso feito pelo paciente das possibilidades e preconceitos supostamente envolvidos na escuta do psicanalista. A própria manutenção da frequência assídua e do movimento de

retorno ao divã seriam encarados com a mesma valoração libidinal destinada aos processos fisiológicos, como a respiração e o peristaltismo, como símbolos da experiência encriptada, ao serem associados, por exemplo, às doenças próprias a esses processos, como a asma e a colite. Os autores utilizam tal exemplo para denunciar de que forma a questão do retorno, ao envolver a vivência críptica, “[...] só fala ao próprio sujeito e não aos outros (como seria o caso da histeria de conversão, por exemplo. Ela [a doença] diz ao sujeito: ‘o retorno ocorre, mas se ele ocorre é doença’” (Abraham & Torok, 1973/1995, p.295).

O segundo movimento descrito pelos autores é nomeado como “descorporação” do objeto críptico. A interpretação operaria como um conversor do falso self em terceira pessoa e a tarefa do psicanalista, nesse momento de abertura da cripta, seria propiciar uma oportunidade do paciente fazer o luto e se reapropriar de seus recursos libidinais. Por fim, o terceiro movimento implicaria em uma admissão do valor narcísico da experiência encriptada em oposição à vergonha críptica, permitindo que haja acesso à relação ao conflito edipiano (Abraham & Torok, 1973/1995, p.296).

Conforme enunciado anteriormente, a cripta intrapsíquica aprisiona o sujeito junto a objetos putrefatos, bizarros e aterrorizantes, que, ao serem impossíveis de serem assimilados através dos movimentos introjetivos, permanecem em uma espécie de atividade silenciosa no ego. Destacamos também que a cripta surge diante de um grave traumatismo na relação primária, no qual há o impedimento da capacidade do luto, que ocasiona o sentimento de vergonha que permeia a relação com tal objeto mortificado no seio do próprio ego. Tal fato evoca formas de denegação da realidade, como a identificação endocríptica, que busca solucionar tal ferida narcísica através do ocultamento e do segredo. Desse modo, acreditamos que o ódio ocupa um lugar central na presente discussão, uma vez que seria possível postular que ele permeia tanto a experiência traumática precoce diante do objeto primário, que não se encontra disponível para acolher e sonhar os elementos brutos do bebê, assim como sua forma condensada e secreta ao se instaurar na cripta intrapsíquica. Assim, de forma silenciosa, o ódio condensado na formação críptica é passível de se perpetuar adiante, de forma não-metabolizável.

Nesse ponto é interessante relembrar o desenvolvimento das contribuições de Donald Meltzer a respeito do claustro, conforme investigamos no capítulo anterior da presente tese, uma vez que julgamos profícua a articulação da dimensão críptica, desencadeada por traumatismos precoces, com a descrição do autor acerca da vivência do claustro e suas repercussões na constituição subjetiva. Há uma importante convergência entre tais autores em relação às falhas dos processos de introjeção (Abraham & Torok, 1973/1995) e da identificação introjetiva (Meltzer, 1992/2018), fruto das descontinuidades ocorridas na relação com o objeto primário. Também é importante sublinhar o encontro conceitual na descrição dos percalços perturbadores enfrentados na formação da cripta através do segredo e do aprisionamento do sujeito junto ao objeto mortificado e a experiência descrita por Meltzer a respeito da vida no claustro, em especial no segmento mais profundo, referente ao encarceramento no reto materno. As duas descrições metapsicológicas tratam de experiências de aprisionamento do sujeito em relação ao objeto primário, tanto na descrição da cripta e o objeto-cadáver como também na impossibilidade de construção de um espaço mental entre o *self* e o objeto materno na formação do claustro, sufocado pelo desencontro com o corpo materno em sua dimensão bizarra.

Seguindo a linha de raciocínio proposta anteriormente, acreditamos que é importante destacar o lugar central que o ódio ocupa na cripta e no claustro, em função da impossibilidade do objeto primário conter os elementos psíquicos nos primórdios da vida psíquica do bebê. Sua existência passa a ser permeada por objetos bizarros que são impossíveis de serem integrados ao *self*, o que desencadeia formas de defesa que visam a sobrevivência do próprio sujeito. Nessa direção, acreditamos que a experiência críptica e o claustro se encontram na dimensão fantasmática, uma vez que, em função de um traumatismo precoce, arremessam o sujeito em um encarceramento forçado junto ao objeto primário, no qual o trabalho de luto não é possível, logo, a indiferenciação entre *self* e objeto tampouco é fundamentada. A prevalência da identificação intrusiva maciça evidencia a violência da vivência no reto materno, ambiente no qual a lógica da tirania e da degradação mental imperam, ao mesmo tempo que a bizarrice e a solidão assolam o sujeito, assim como a descrição a respeito da cripta também

comporta uma dimensão da vergonha e da denegação perante à ferida narcísica que assola o sujeito.

A partir do estabelecimento dessa convergência entre as contribuições dos autores, gostaríamos de destacar a dimensão transgeracional como enfoque principal da articulação metapsicológica desses autores. Se Abraham & Torok descreveram que a cripta intrapsíquica poderia se perpetuar entre gerações em diversas configurações clínicas, julgamos que seria possível pensar que tal fato também poderia comportar a transmissão psíquica do claustro, em especial no que se relaciona ao reto materno, para gerações posteriores. Como o claustro e o aprisionamento no reto materno comportam uma vivência particular em relação ao objeto primário, permeada de falhas de continência e integração, e capitaneada pelo ódio e pela descrença, acreditamos que tal formação possa ser encriptada no cerne do *self* e, silenciosamente, ser transmitida de forma transgeracional como uma herança alienante, maldita e secreta, como uma espécie de claustro transgeracional. Adiante, no próximo capítulo, buscaremos uma compreensão clínica dos desdobramentos do ódio comportado nessa aprisionante patologia geracional, em especial os seus efeitos no campo transferencial-contratransferencial.

5

Os destinos do ódio no campo transferencial-contratransferencial

No presente capítulo discutiremos os impactos do ódio na situação psicanalítica, suas repercussões na relação transferencial-contratransferencial e as possibilidades de manejo clínico diante da prevalência do sentimento supracitado. Conforme desenvolvido anteriormente, o ódio, em sua dimensão desestruturante, abala profundamente a constituição subjetiva em seus três principais vértices: na esfera intrapsíquica, afetando a organização do mundo interno do sujeito; no eixo intersubjetivo, impactando diretamente as relações com o ambiente e com o objeto externo; e, conforme visto no capítulo anterior, na cadeia geracional, ao se perpetuar de forma críptica, no que denominamos claustro transgeracional, configuração extrema oriunda da transmissão psíquica em seu caráter desagregador. Portanto, em confluência com a linha argumentativa seguida até o presente momento, discorreremos sobre os impactos dos elementos transmitidos de forma transgeracional no campo transferencial-contratransferencial e suas implicações no manejo clínico. Nosso objetivo será explorar a possibilidade de trabalho psicanalítico perante a manifestação do claustro transgeracional e suas insurgências no campo psicanalítico.

O conceito de campo psicanalítico tal qual compreendido na comunidade psicanalítica possui suas raízes históricas e conceituais na discussão acerca da ampliação dos limites da técnica psicanalítica, em especial no papel que a contratransferência ocuparia dentro do processo psicanalítico. Desse modo, julgamos necessário adentrar na discussão a respeito deste conceito, uma vez que houve um importante deslocamento do foco da psicanálise, outrora voltada para a neutralidade benevolente do analista, para a forma como o analista é impactado pelos sentimentos do analisando. Autores como Paula Heimann (1950/2005), Heinrich Racker (1948/1982a; 1953/1982b) e Roger Money-Kyrle (1956/1996) são determinantes para o enfoque no trabalho que ocorre na mente do analista na

situação psicanalítica, e, diferentemente de uma abordagem mais clássica, tais autores, de forma diversa, sedimentaram o caminho para repensar a sessão de psicanálise como uma via recíproca entre analista e analisando. Tal percurso, além de necessário para a compreensão da teoria do campo, também é fecundo para explorarmos de que forma a contratransferência também poderia operar como importante ferramenta diante do ódio transgeracional e suas repercussões na mente do analista.

Posteriormente, exporemos as principais ideias que caracterizaram a ideia de campo psicanalítico, construída por Madeleine e Willy Baranger (1961/1969), conhecidos popularmente como casal Baranger. Os autores partiram, em um primeiro momento de ideias oriundas da obra de Freud e Klein e, em seguida, foram amplamente influenciados pelas contribuições de Bion, em especial a mudança conceitual já discutida anteriormente a respeito da identificação projetiva e os processos que envolvem a *rêverie* materna. Exploraremos algumas noções como as de campo bipessoal e fantasia inconsciente do par analítico, assim como a criativa abordagem da relação psicanalítica compreendida como o complexo entrecruzamento entre identificações projetivas, no qual seria impossível compreender qualquer elemento da dupla de forma isolado. Nosso objetivo será compreender de que forma o ódio, em especial quando predominante na dimensão transgeracional, pode afetar o campo psicanalítico, acarretando desafios ao campo transferencial-contratransferencial e a severas falhas de comunicação entre analista e analisando, quando a identificação projetiva assume um caráter predominantemente evacuatório.

Finalmente, abordaremos algumas contribuições contemporâneas a respeito do campo psicanalítico como possibilidade de trabalho psicanalítico diante das falhas de comunicação que se instauram na relação transferencial-contratransferencial a partir do ódio transgeracional, que se manifesta de forma silenciosa, críptica, na atmosfera do tratamento psicanalítico. Inspirado diretamente pelo casal Baranger e com uma forte influência da obra de Bion, acreditamos Antonio Ferro possui contribuições que podem ser de grande auxílio para pensarmos a conduta clínica e a possível continência do claustro geracional quanto este se apresenta como impasse no campo psicanalítico, exigindo um

trabalho empático e sensível da pessoa do analista e de seus processos de transformação.

Como forma de ilustrar nosso desenvolvimento metapsicológico, traremos alguns fragmentos clínicos que corroboram a pertinência da investigação do claustro transgeracional e seus efeitos no campo transferencial-contratransferencial.

5.1

A ideal neutralidade da relação psicanalítica

A discussão da contratransferência enquanto ferramenta clínica fundamental a ser considerada dentro da situação psicanalítica é atravessada pelas próprias expansões operadas pelos autores pós-freudianos em relação à técnica clássica. Embora nosso enfoque seja na importância de pensar a mente do psicanalista implicada dentro do campo psicanalítico, especificamente das possibilidades de manejo clínico diante do ódio transgeracional e suas repercussões, consideramos necessário expor alguns desenvolvimentos acerca da contratransferência, uma vez que serão cruciais para discutirmos a noção de campo psicanalítico, descrito como o complexo entrecruzamento de identificações projetivas decorrente do encontro entre analista e analisando (Baranger, 1961/1969).

Os textos freudianos sobre a técnica (1912/2010g; 1913/2010) ocupam um lugar restrito na obra do autor se comparado aos desenvolvimentos metapsicológicos que visam a descrição do funcionamento psíquico, enunciados pelas teorias pulsionais e as propostas acerca das tópicas. Embora tenha reconhecido a transferência como central ao tratamento psicanalítico (Freud, 1905 [1901]/2016), a ação recíproca entre os participantes do par analítico, assim como suas repercussões no fenômeno clínico observado não foram investigados de forma pormenorizada por Freud (Favalli, 1999, p.24). A posição do psicanalista defendida por Freud entre 1910 e 1915 em seus célebres artigos técnicos, figurada como a de um observador neutro e distante, empenhado em tornar consciente o material inconsciente em direção à reconstrução de uma suposta verdade histórica. “[...] exige uma postura livre de quaisquer interferências externas e,

principalmente, daquelas originadas na própria mente do pesquisador (Favalli, 1999, p.24).

No entanto, conforme afirma Favalli (1999, p.25), a descrição freudiana a respeito das resistências, representadas pela atitude do paciente em análise, são decorrentes não de elementos da realidade, mas sim da obstrução do fluxo associativo, com o intuito de manter retida uma lembrança na esfera inconsciente. “Observou que as associações não eram tão livres como supunha, pois tendiam a ser desviadas para a própria relação com o analista, buscando atuar com esse o, então chamado, complexo patogênico reprimido” (Favalli, 1999, p.25). Embora não seja possível afirmar que haja uma reflexão aprofundada sobre a importância da dimensão subjetiva do analista, é notório constatar que as atuações, ao mesmo tempo que são encaradas como resistência diante da recordação, também trazem certo protagonismo ao analista na cena inconsciente, assim como para a relação transferencial, classicamente descrita por Freud como fundamental para o tratamento, mas também a maior resistência em relação a ele (Freud, 1912/2010g).

É possível observar a fragilidade do argumento que localiza o psicanalista como observador neutro, já que sua simples presença como receptáculo do conteúdo recalçado interfere na relação transferencial, que, por um lado, evoca mais resistências mas, por outro, desperta a importância de pensar a situação psicanalítica além do âmbito intrapsíquico, levando em consideração a dimensão relacional (Favalli, 1999, p.25). A afirmação de Freud (1915/2010l) a respeito da forma como ocorre a comunicação entre paciente e analista no processo de análise, de inconsciente para inconsciente, é fundamental para a posterior construção da noção de campo psicanalítico. Embora não seja possível encontrar de forma descritiva na obra freudiana os mecanismos psíquicos envolvidos nessa comunicação inconsciente, é possível destacar a importância de tal declaração para movimentos psicanalíticos posteriores, como aqueles que se detiveram no estudo das relações de objeto precoce e a importância do ambiente na constituição subjetiva, que implicaram em importantes reformulações técnicas em torno do papel do analista na relação analítica, em especial no tocante à sua mente e suas emoções, conforme veremos adiante.

Salientamos a importância do pioneirismo de Freud ao descrever os fenômenos transferenciais e a sua centralidade para o tratamento psicanalítico, apesar da ausência de uma investigação detalhada da comunicação entre inconscientes que ocorre no processo psicanalítico. Porém, ao relegar ao segundo plano os aspectos contratransferenciais do analista, próprios aos elementos inconscientes que poderiam ser evocados na mente do analista na situação analítica, em confluência com o modelo do analista que flerta com a figura do cirurgião, tais experiências da contratransferência são encaradas como desprovidas de importância ou mesmo como uma interferência indevida ao tratamento. Nesse contexto, pensar a dimensão intersubjetiva do ódio dentro da relação transferencial não seria viável, uma vez que seria fruto puramente das atuações unilaterais do analisando, assim como a vertente transgeracional do afeto supracitado, que, em sua insidiosa manifestação, não seria passível de compreensão somente a partir do modelo clássico, pautado no analista portador das interpretações que supostamente revelariam à consciência o material inconsciente narrado pelo sujeito. Desse modo, é importante destacar a mudança paradigmática operada por Melanie Klein e seus seguidores (Heimann, 1950/2005; Money-Kyrle, 1956/1996) no que tange à compreensão da transferência e, em especial, ao papel da contratransferência como componente determinante do processo psicanalítico (Heimann, 1950/2005), ao lado da pioneira contribuição freudiana.

As contribuições de Melanie Klein a respeito da transferência confundem-se com a própria definição do processo psicanalítico, uma vez que a autora trouxe matizes distintas para os fenômenos transferenciais que observava no decorrer das sessões de análise. Apesar de dedicar apenas um escrito diretamente à problemática da transferência (Klein, 1952/1991b), é possível constatar que sua preocupação a respeito da técnica psicanalítica destinada às angústias primitivas que descreve atravessa sua obra de forma longitudinal. “[...] a abordagem da transferência permeia a totalidade da vida mental do paciente. A ideia básica é que a relação permeia a totalidade da vida mental do paciente, atraindo sobre si o foco do trabalho da análise” (Favalli, 1999, p.26). Favalli sublinha a divergência da concepção kleiniana acerca da transferência em relação ao modelo freudiano; com a construção da noção de mundo interno, palco no qual objetos estarão em

constante relação e de forma diversa, capitaneados pelo interjogo entre processos projetivos e introjetivos. A transferência, além da perspectiva adotada por Freud, na qual a reedição de personagens do passado se atualizaria na relação com o analista, adquire mais uma propriedade: a reprodução, na situação analítica, das relações entre os objetos que constituem o mundo interno no momento da sessão (Favalli, 1999, p.26).

Conforme discutimos anteriormente na presente tese, a identificação projetiva foi um conceito-chave para a compreensão da dinâmica relacional da constituição psíquica, em especial para compreendermos as falhas que o ódio acarreta quando sobrecarrega a *rêverie* materna e se instaura como central na relação mãe-bebê. Primeiramente proposta por Klein (1946/1991a), é notável que a autora tenha se concentrado em descrever a ação da identificação projetiva de forma centrada primordialmente no funcionamento mental do paciente, descartando os sentimentos despertados no próprio analista. Tal posicionamento de Klein permanece inflexível até o fim da sua obra, no qual o analista deveria se manter imune às pressões exercidas na relação transferencial com o paciente. No entanto, é necessário sublinhar o caráter paradoxal da posição adotada por Klein e sua contribuição para a metapsicologia, uma vez que a conceituação da identificação projetiva possibilitou a abertura para a investigação de fenômenos intersubjetivos que apontam para uma dimensão ampliada do conceito, tais como assinalado por Bion (1961/1991c) a respeito da forma básica de comunicação entre mãe-bebê. Também é relevante destacar que tais contribuições foram determinantes para que autores posteriores se detivessem no estudo da importância da contratransferência como ferramenta clínica, tais como Paula Heimann (1950/2005) e Heinrich Racker (1948/1982a). A temática nos interessa diretamente, já que traz um novo grau de complexidade para pensarmos de que forma o ódio transgeracional reverbera não apenas como associação do paciente, mas também como afeto que incide no aparelho psíquico do próprio analista e resguarda suas peculiaridades à relação psicanalítica.

5.2

A contratransferência como ferramenta clínica

O trabalho de Paula Heimann (1950/2005) marca uma importante transformação acerca do entendimento da situação psicanalítica, uma vez que a mente do analista começa a integrar o campo de observação dos objetos a serem contemplados no processo de análise. A partir de Heimann, os sentimentos que o analista vivencia na sessão de análise integram a contratransferência como uma parte da personalidade do próprio paciente, que tenta se impor diante do *self* do analista. No entanto, é notável que Heimann ainda permaneça fiel à disciplina da neutralidade postulada por Freud, uma vez que o analista, ao captar tais sentimentos subordina-os à tarefa analítica, na qual o analista funciona como espelho que reflete o funcionamento mental do paciente (Favalli, 1999, p. 27). Apesar desse fato, consideramos importante trazer alguns aspectos gerais de sua argumentação, pois elucidam a importância de pensar a contratransferência como uma ferramenta clínica relevante ao exercício da prática psicanalítica. Acreditamos que nessas reflexões iniciais acerca da contratransferência é possível mapear o início do interesse pelas transformações na mente do analista, assim como suas implicações, exploradas posteriormente, dentro do campo transferencial-contratransferencial. Tal fato é de relevância acentuada para pensarmos de que forma seria possível compreender as implicações do ódio não somente nas projeções e devoluções da relação analítica, mas também no campo afetivo, no qual o analista também é abalado pelas falhas de comunicação via identificação projetiva, conforme abordado anteriormente.

Paula Heimann (1950/2005), no início de seu importante artigo, assinala que suas observações acerca da contratransferência são advindas de sua experiência em seminários de formação psicanalítica e de análises didáticas. A autora demonstra sua perplexidade diante da crença generalizada em torno dos candidatos em formação psicanalítica referente à contratransferência, como algo a ser veementemente evitado, pois seria fonte de problemas às análises conduzidas, destacando o temor e a culpa sentida por eles. “Muitos candidatos ficam com medo e se sentem culpados quando percebem seus sentimentos em relação a seus pacientes e, conseqüentemente, almejam evitar qualquer resposta emocional [...]”

(Heimann, 1950/2005, p.55, tradução nossa). Heimann sugere, de forma provocativa, que o analista ideal, nesse contexto, seria aquele que não sente nada além de uma benevolência uniforme em relação a seus pacientes, que não toleraria qualquer outra forma de emoção, encarada como um distúrbio a ser superado (Heimann, 1950/2005, p.55). No entanto, a autora também sugere que tal posicionamento seria oriundo de uma leitura equivocada das contribuições freudianas (Freud, 1912/2010h) a respeito da equivalência postulada entre o estado mental do cirurgião e do analista.

Outro aspecto importante a ser ressaltado, embora de forma tímida, seja a menção crítica da obra de FÉRENCZI a partir da referência à Alice Balint, no qual apresenta uma discordância importante. Heimann diverge da proposta de Alice Balint de que o analista deveria não só deter o saber acerca dos sentimentos evocados na relação com o paciente, mas também seria recomendável que fosse compartilhado em determinadas ocasiões. Embora tenha mencionado que haveria uma compreensão errônea da metáfora freudiana do cirurgião quando introduzia a temática da contratransferência, é possível destacar que a autora permanece atrelada à neutralidade da técnica clássica. “Embora admire sua atitude, não posso concordar com as suas conclusões. Outros analistas enfatizaram que tal fato torna o analista mais ‘humano’, quando expressa seus sentimentos para o paciente e que isso ajudaria a construir uma relação mais humana com ele” (Heimann, 1950/2005, p.55). Apesar de discutir os sentimentos do analista na relação analítica, sublinhamos que a autora ainda permanece cautelosa em relação às propostas ferenczianas a respeito da técnica psicanalítica, mantendo-se alinhada à forma de pensar o papel do analista como um espelho das projeções do analisando.

O termo contratransferência é utilizado pela autora para descrever todos os sentimentos que o analista sente em relação ao paciente e traz uma importante pontuação; embora a palavra possa levar a um entendimento simplista a princípio, em descrever simplesmente a transferência da parte do analista, a autora ressalta que o prefixo “contra” (*-counter*, no original) evidencia fatores adicionais a serem investigados. Nesse sentido, é interessante ressaltar a forma como Heimann (1950/2005) aborda os próprios sentimentos transferenciais, que, para ela, não são passíveis de serem diferenciados na situação analítica entre os referentes à pessoa

do analista e aqueles relativos aos substitutos parentais na transferência. Há uma preocupação da autora em destacar a dificuldade em separar tais categorias e é partir disso que ela definirá a sua visão a respeito da contratransferência como um instrumento de investigação do inconsciente do paciente. “Minha tese é que a resposta emocional do analista a seu paciente dentro da situação analítica representa uma das mais importantes ferramentas para o seu trabalho. (Heimann, 1950/2005, p.56, tradução nossa).

Outro ponto de grande relevância trazido por Heimann está relacionado à sua visão a respeito da insuficiência da investigação da época acerca da situação analítica na esfera relacional, especificamente na dinâmica que envolve a relação entre duas pessoas no processo psicanalítico (Heimann, 1950/2005, p.56). Para a autora, o que caracteriza a relação transferencial e a distingue das outras relações humanas é justamente a utilização de tais sentimentos no processo psicanalítico, assim como a constatação de que pertencem ao analista e analisando, e não a um dos elementos de forma individual. A análise pessoal do psicanalista se torna crucial para a autora, já que, além de afastá-lo de uma visão mecanicista e cerebral da função interpretativa, também seria responsável por propiciar a sustentação necessárias dos sentimentos inquietos em si mesmo, ao invés de despejá-los no paciente (Heimann, 1950, p.56). No entanto, é importante frisar que a autora compreendia que tal ato seria uma forma de subordinar tais sentimentos contratransferenciais à tarefa psicanalítica, “[...] na qual funcionam [os sentimentos] como um reflexo do paciente diante do espelho” (Heimann, 1950/2005, p.56, tradução nossa).

Heimann é categórica ao afirmar que o analista, ao conduzir uma análise sem consultar seus próprios sentimentos, fará interpretações precárias, atribuídas muitas vezes a iniciantes na prática clínica que evadem dessa dimensão afetiva por medo ou ignorância (Heimann, 1950/2005, p.56). Apoiando-se na tese freudiana da atenção flutuante, a autora defende que o analista, além da disciplina supracitada, precisa também permanecer em um estado de sensibilidade emocional, no intuito de acompanhar os movimentos afetivos do paciente, assim como suas fantasias inconscientes. “Nossa premissa básica é de que o inconsciente do analista compreende o do paciente” (Heimann, 1950/2005, p.56, tradução nossa). A autora também sublinha que emoções violentas podem se

sobressair na relação transferencial dentro do espectro do amor e ódio e turvar a capacidade de discernimento do psicanalista, o que poderia desencadear, do lado deste, uma resposta emocional igualmente intensa; para Heimann, é necessário que a sensibilidade emocional do analista conserve sua mobilidade e extensão, ao invés da intensidade, no intuito de preservar a capacidade de observação do analista da situação psicanalítica (Heimann, 1950/2005, p.56).

Ainda sobre a utilização dos sentimentos do analista, a autora destaca que as percepções inconscientes do analista em relação ao paciente, que levam em consideração em maior grau as emoções do que a compreensão de sentido, seriam mais apuradas do que um entendimento consciente da situação psicanalítica (Heimann, 1950, p.57). No entanto, Heimann é enfática quando esclarece que, em seu ponto de vista, a contratransferência não é somente uma parcela da relação analítica, mas sim uma criação da personalidade do paciente (Heimann, 1950/2005, p.58). Nessa perspectiva, a autora sublinha novamente a importância da análise pessoal do psicanalista que, ao trabalhar analiticamente suas angústias infantis referentes às posições esquizoparanóide e depressiva, estaria apto a estar em contato com o seu próprio inconsciente e, conseqüentemente, não correria o risco de depositar no paciente conteúdos de si mesmo (Heimann, 1950/2005, p.58). Para Heimann, as emoções sentidas pelo analista na contratransferência serviriam como fonte de *insights* que visariam a interpretação dos conflitos e defesas do inconsciente do paciente, na qual o analista não entraria como ator da cena junto ao analisando, mas sim como propiciador de uma relação mais integrada do ego, manifestada na relação analítica através da percepção do próprio analista como um ser humano “[...] nem deus nem demônio, e a relação humana na situação analítica segue sem o analista recorrer a vias extra-analíticas” (Heimann, 1950/2005, p.58).

Portanto, é possível perceber no pensamento da autora que a contratransferência ocupa um lugar privilegiado, exposto como uma ferramenta crucial no processo psicanalítico. Embora defenda uma posição sóbria do analista na relação transferencial, ligado à doutrina freudiana da neutralidade mesmo ao utilizar os sentimentos que são evocados dentro do analista, é importante frisar o seu pioneirismo na compreensão da dinâmica relacional entre analista e analisando dentro da situação psicanalítica. Sua preocupação em descrever os

impactos da contratransferência no analista, seus desdobramentos possíveis dentro da sessão de análise e mesmo as recomendações profiláticas a respeito da análise pessoal são determinantes para entendermos as raízes da construção da teoria do campo psicanalítico. Também é importante ressaltar a forma como a autora aborda a situação psicanalítica e os sentimentos envolvidos entre analista e analisando, as formas de comunicação entre inconscientes e a dificuldade intrínseca ao processo psicanalítico por conta dessa dificuldade em formatar fenômenos subjetivos em categorias delimitadas. Suas contribuições são fundamentais para pensarmos o campo psicanalítico de forma mais densa, considerando a relação transferencial como portadora de uma dinâmica particular que envolve os afetos do analista e analisando dentro do processo psicanalítico, fato que antecipa algumas das contribuições de Willy e Madeleine Baranger (1961/1969) a respeito do campo psicanalítico. A própria dimensão do ódio que investigamos no presente trabalho adquire uma relevância distinta, uma vez que é notável que, a partir da proposta de Heimann (1950/2005) sobre a contratransferência, os sentimentos do analista também devem ser considerados na situação psicanalítica. A partir da autora seria possível ensaiar a possibilidade do ódio transgeracional se manifestar na mente do analista, provocando sentimentos que seriam determinantes para a condução clínica com determinados pacientes, apesar de sua fidelidade à neutralidade freudiana.

Em confluência com as contribuições de Paula Heimann, Heinrich Racker (1948/1982a; 1953/1982b) também se ocupa em repensar o papel da contratransferência na situação psicanalítica, ao unir transferência-contratransferência em um binômio, no intuito de frisar o papel ativo da mente do analista no processo psicanalítico. Favalli destaca que, tanto Racker (1948/1982a; 1953/1982b) como Heimann (1950/2005), concebiam a ação centrífuga do contexto relacional, no qual o paciente transfere e projeta seus conteúdos na situação psicanalítica, assim como o próprio analista, que não está livre de seus próprios conflitos inconscientes. Para Racker (1948/1982a), no processo psicanalítico tanto analista como analisando trazem para a sessão suas partes sãs e neuróticas, ligadas às relações de ambos com o passado e presente, no eixo temporal, assim como em relação à fantasia e realidade, no eixo espacial (Racker, 1948/1982a, p.101). Racker também sublinha que, embora haja uma assimetria

estabelecida pela análise prévia pela qual o analista foi submetido durante seu treinamento, tal fato não o isenta de seu núcleo neurótico, uma vez que parte de sua libido naturalmente permanece ligada a este, tornando-se possível de ser transferido para a relação analítica (Racker, 1948/1982a, p.101).

As projeções e percepções reais do paciente se misturam na relação transferencial, “[...] seja no tom de voz ou na formulação da interpretação, o estado emocional do analista, o que, sem dúvida, interfere na expressão transferencial” (Favalli, 1999, p.27). Racker (1948/1982a, p.101) discorre acerca da posição do analista no processo analítico, dotado de uma dupla tarefa, uma vez que ele é colocado como intérprete dos fatos inconscientes e, simultaneamente, objeto desses mesmos fatos, o que resultaria igualmente em uma dupla função da contratransferência.

Em relação ao primeiro, a contratransferência pode ajudar, dificultar ou falsear a *percepção* de uns ou outros processos inconscientes. Mas a percepção também pode ser correta, mas o *percebido provocar reações neuróticas que perturbem a capacidade interpretativa* (Racker, 1948/1982a, p.101, grifos do autor).

Racker (1948/1982a, p.101) sublinha que, assim como o paciente transfere um conjunto de imagens sentimentos e impulsos para o analista, caracterizando a relação transferencial e a neurose de transferência, tal fato também encontra sua contrapartida da parte do analista; este também participa da situação analítica de forma análoga, através da contratransferência e da constituição de uma neurose de contratransferência, que, embora seja percebido como natural do processo psicanalítico, pode interferir de forma negativa em determinados casos, fenômeno nomeado como indução contratransferencial pelo autor. “É o perigo que consiste em o analista ‘induzir’ ou ‘enxertar’ sua própria neurose no enfermo” (Racker, 1948/1982a, p.118, grifos do autor).

Outro ponto relevante da contribuição de Racker a respeito da contratransferência, sublinhado anteriormente no presente trabalho, está relacionado à compreensão dessa via recíproca entre analista e analisando, movimento centrífugo que ocorre em convergência à situação analítica e culmina com a compreensão de que transferência e contratransferência constituem um binômio inseparável. A importância de sua caracterização acerca das situações contratransferenciais permite um entendimento mais abrangente da relação interpessoal na situação analítica, compreendendo os efeitos perturbadores da

contratransferência mas também reconhecendo sua importância clínica como forma de investigar e trabalhar a neurose interpessoal “[...] – *la neurose à deux* – que costuma surgir na situação analítica, embora, em geral, com diferente intensidade em um e outro dos dois participantes” (Racker, 1948/1982a, p. 147, grifos do autor).

Diferentemente de Paula Heimann, é possível constatar que a compreensão de Racker envolve uma implicação incontornável dos aspectos inconscientes do analista na relação analítica, compreendida como composta sempre pelo binômio transferência-contratransferência. Ressaltamos também o destaque que o autor atribui à reciprocidade entre analista e analisando, intercâmbio natural do processo psicanalítico, que possibilita tanto o trabalho de análise como também é portador de perturbações da relação. Tal formulação é determinante para a construção da teoria do campo psicanalítico, uma vez que Racker sublinhava os movimentos transferenciais-contratransferenciais nos dois sentidos dentro da situação analítica, seus efeitos na relação entre analista e analisando e a dinâmica particular que se estabelece entre a dupla. Nessa direção, julgamos que a própria compreensão acerca dos sentimentos do analista na situação psicanalítica ganha maior densidade, o que permite pensar o ódio não somente voltado para os conteúdos do paciente, mas também seus impactos na contratransferência. O analista participa ativamente na situação analítica com seus conteúdos psíquicos, emoções e neuroses, divergindo de um posicionamento que o colocava como apenas espelho do mundo interno do analisando.

De forma convergente com as contribuições de Henrich Racker expostas, Roger Money-Kyrle (1956/1996, p.348) discorre que a contratransferência, outrora compreendida como um distúrbio pessoal a ser evitado, passou a ser uma rica fonte de material a ser trabalho na situação analítica, uma vez que suas causas e efeitos estariam ligadas ao paciente, “[...] sendo portanto um indício de algo que deve ser analisado nele” (Money-Kyrle, 1956/1996, p.348). Assim como Racker (1948/1982a), o autor não descarta a dimensão perturbadora que a contratransferência pode assumir durante o tratamento. No entanto, também ressalta que há um funcionamento normal desta no processo de análise, a partir da qual o analista pode oferecer interpretações efetivas para o analisando e que abre margem para outras associações. “Os sentimentos contratransferenciais

específicos do analista ficarão restritos à sensação de empatia para com o paciente, na qual se baseia o seu *insight*” (Money-Kyrle, 1956/1996, p.350).

Money-Kyrle (1956/1996) possui uma compreensão particular a respeito da proposta freudiana acerca da neutralidade, já abordada a partir do posicionamento fiel de Paula Heimann (1950/2005). Para o primeiro autor, a neutralidade benevolente proposta por Freud (1912/2010h) implica em uma proposta terapêutica na qual o analista se preocuparia em relação ao bem-estar do paciente, mas “[...] sem se envolver emocionalmente em seus conflitos” (Money-Kyrle, 1956/1996, p.349). Para o autor, o analista cultiva uma tolerância acerca dos processos psíquicos do paciente que permite que compreenda de forma empática a comunicação que lhe é destinada. Nesse sentido, Money-Kyrle destaca que o interesse do analista pelo bem-estar do paciente está ligado à fusão de dois impulsos fundamentais: “[...] o reparativo, que se contrapõe à destrutividade latente que existe em todos nós, e o impulso parental” (Money-Kyrle, 1956/1996, p.349). Ambos são descritos pelo autor como naturais à relação analítica, embora, em grande intensidade possam levar à culpa excessiva oriunda de grave agressividade, que poderiam despertar angústias perturbadoras.

O impulso reparador estaria relacionado às representações dos objetos danificados da fantasia do analista em sua própria fantasia inconsciente, [...] ainda ameaçados pela agressão e, portanto, necessitados de cuidado e reparação” (Money-Kyrle, 1956/1996, p.349). Já o aspecto parental refere-se ao interesse do analista pela criança inconsciente que habita o psiquismo do paciente, que responde a tal fato transferencialmente, atuando como se o analista fosse um de seus pais e convocando-o a respondê-lo desse lugar parental. Para Money-Kyrle, se a criança representa para os pais um aspecto primitivo dos *selves* dos pais, na situação psicanalítica o analista, em função de sua própria análise pessoal, seria capaz de reconhecer características de seu próprio *self* primitivo no material trazido pelo paciente, o que permitiria o trabalho de análise; “A empatia e o insight do analista, diferentes de seu conhecimento teórico, dependem desse tipo de identificação parcial” (Money-Kyrle, 1956/1996, p.350).

A partir da questão identificatória, Money-Kyrle entende a situação analítica a partir de rápidas oscilações entre introjeção e projeção; “É como se o analista, à medida que o paciente fala, fosse ficando identificado introjetivamente

com ele e, tendo compreendido o paciente por dentro, reprojeta-o e faz a interpretação” (Money-Kyrle, 1956/1996, p.350). Para o autor, o analista percebe com maior clareza a parte projetiva, na qual o paciente representa uma antiga parte de seu *self* e inclui os objetos danificados do próprio analista, tornando-o passível de compreensão através da análise e da formulação interpretativa do analista (Money-Kyrle, 1956/1996, p.350). Nesse mesmo contexto, Money-Kyrle atribui aos atos de reconhecimento na fase introjetiva o bom andamento do processo psicanalítico, no qual certos padrões emocionais absorvidos são correlatos de determinadas fantasias do próprio inconsciente do analista; ao mesmo tempo que utiliza a contratransferência como importante ferramenta de trabalho, o analista também pode sucumbir diante do fracasso no reconhecimento diante de falhas no processo que implicam algum ponto íntimo do analista ainda não compreendido ou mesmo diante da sobrecarga da identificação projetiva do paciente. “[...] pode acontecer que o analista não consiga discriminar tudo isso dentro de si e reprojete o paciente como algo não compreendido ou estranho no mundo externo (Money-Kyrle, 1956/1996, p.359).

Embora não seja feita menção direta, é possível constatar as influências da teoria da identificação projetiva descrita por Klein (1946/1991a) quando apoia sua descrição do papel da contratransferência na situação psicanalítica nos processos de introjeção e projeção, intercâmbio característico do conceito proposto pela autora. Também é importante salientar que Money-Kyrle se refere ao estabelecimento da empatia entre analista e analisando como proveniente da contratransferência, fato que se torna determinante para as interpretações formuladas e para o *insight*. A forma como Money-Kyrle descreve os elementos contratransferenciais não só se aproximam da tese kleiniana como também possuem pontos de convergência com a expansão promovida por Bion acerca da dimensão comunicativa rudimentar pertencente à identificação projetiva. Dessa forma, é importante destacar a mudança de compreensão acerca da contratransferência, que se distancia da concepção tradicional, que a afastava da relação transferencial e a insere como parte basilar do próprio tratamento, formando a composição do binômio transferência-contratransferência (Racker, 1948/1982a) e determinando a forma através da qual o analista, através da

identificação projetiva, torna-se apto a nutrir empatia pelo sofrimento de seu analisando (Money-Kyrle, 1956/1996).

Portanto, conforme exposto anteriormente, é possível afirmar que o conceito de contratransferência ocupa lugar privilegiado no deslocamento de um pensamento acerca da situação psicanalítica que levaria em consideração apenas o funcionamento intrapsíquico do paciente para um modelo que sublinha a importância do que se passa no mundo interno do analista e no encontro que se estabelece entre esses dois mundos, entre analista e analisando. Os sentimentos do analista tornam-se alvo de reflexão e, principalmente, ferramenta clínica para a condução do processo psicanalítico. Nesse sentido, conforme viemos enfatizando durante esse percurso em direção à contratransferência, é possível inferir que o ódio, englobado no campo afetivo entre analista e analisando, também poderia ser compreendido de forma holística, levando em consideração seus impactos não só no analista, mas também em seus desdobramentos na própria relação transferencial-contratransferencial. Gradualmente, a pessoa do analista passa a ganhar relevância no pensamento psicanalítico a partir de suas sensações, sentimentos e afetos, que serão parte determinante na conduta diante de casos graves, como os que padecem de traumatismos precoces oriundos de elementos encriptados transmitidos de forma transgeracional. Seguiremos com a exploração da noção de campo psicanalítico e sua importância para compreender a dinâmica relacional implicada nos casos em que o ódio, represado quando encriptado por várias gerações e silenciado no psiquismo do sujeito, se manifesta como importante impasse na relação analítica e pressiona a atividade da mente do analista de continência.

5.3

O campo psicanalítico

O desenvolvimento da contratransferência como ferramenta clínica foi crucial para trazer a implicação da mente do analista no trabalho psicanalítico, conforme sublinhamos anteriormente. Como nossa intenção é buscar uma compreensão pormenorizada dos impactos do ódio transgeracional na situação

psicanalítica, que comporta os traumatismos precoces no analisando e sua manifestação durante as sessões, julgamos pertinente percorrer tal desenvolvimento para acompanhar de que forma poderíamos pensar o afeto em questão não somente na esfera do mundo interno, mas também como um sentimento que interfere de forma ativa na relação transferencial e na própria capacidade do analista de exercer o seu ofício. Discutiremos adiante as contribuições de autores que avançaram nessa forma de entendimento do processo psicanalítico, no intuito de aprofundar a investigação sobre os impactos do ódio na situação psicanalítica

Madeleine e Willy Baranger (1961/1969), conhecidos popularmente como casal Baranger na comunidade psicanalítica, são os pioneiros em introduzir no campo psicanalítico a noção de campo, levando em consideração as fantasias bipessoais que são próprias à relação psicanalítica. A partir de uma ampliação do modelo kleiniano, em especial das contribuições a respeito dos fenômenos transferenciais-contratransferenciais, os autores avançaram na descrição da especificidade da situação analítica, ao valorizarem a singularidade de sua estrutura espacial e temporal, assim como as forças dinâmicas que atuam no campo a todo momento. O casal Baranger ressalta a importância das contribuições sobre a contratransferência elaboradas por Heimann e Racker, conforme contextualizado anteriormente, mas enfatizam que a mesma não possui apenas a função de servir como indicador das ocorrências transferenciais. Para os autores, o campo psicanalítico possui uma dinâmica particular, composta por duas pessoas que coparticipam de um processo dinâmico ao qual estão ligados, a ponto de ser impossível discernir um dos membros da dupla sem o outro (Baranger, 1961/1969, p.129).

Willy e Madeleine Baranger (1961/1969) postulam o campo psicanalítico a partir de uma série de trabalhos, mas principalmente através do seminal trabalho *A situação analítica como campo dinâmico*. O ponto nodal da teoria do casal Baranger a respeito do campo é o estudo das forças dinâmicas inconscientes que o permeiam. Eizirik (2013) comenta que a tese principal dos Baranger é de que no processo analítico há a formação de uma nova *Gestalt*, a saber, uma fantasia inconsciente básica, bipessoal, inspirada no conceito de Melanie Klein (1946/1991a) sobre a identificação projetiva e nas contribuições de Susan Isaacs a

respeito da estrutura da fantasia inconsciente como expressão da vida mental. Claudio de Neri (2013) complementa que o processo dinâmico descrito comporta um terceiro elemento com qualidades distintas das individualidades dos participantes da situação analítica. Não se trata apenas de um somatório de subjetividades de ambos, mas sim o surgimento de um terceiro próprio ao campo analítico.

Favalli (1999, p.28) explica que o conceito de campo psicanalítico precisa ser compreendido a partir de suas características estruturais, levando em consideração o enquadre funcional, que é delimitado pelo espaço e tempo, que, eventualmente, serão relativizados pelos elementos que o constituem. O diálogo psicanalítico, ao lado do espaço e do tempo, compõe os alicerces do campo psicanalítico. “Englobam-se aí as diferentes expectativas de um par assimétrico, os papéis e tarefas de cada um, as experiências subjetivas individuais e as manifestações dessa subjetividade no diálogo” (Favalli, 1999, p.28). O diálogo psicanalítico também ocorre de acordo com as premissas da associação livre e sua contrapartida, a atenção flutuante, assim como em condições particulares, como a abstinência e o estabelecimento do *setting*, que induz os participantes ao estado regressivo. Enquanto para o analisando a regressão é necessária para que o trabalho psicanalítico ocorra, para o analista tal estado pode servir para que ele tente sentir o nível do funcionamento psíquico do analisando, embora preserve intacto o aspecto observador de seu ego e mantenha inalterada a sua postura interpretativa (Favalli, 1999, p.29).

Tal concepção da situação analítica evoca novamente a questão da transferência em sua definição original, entendida como a reedição de um protótipo infantil passível de manifestar-se dentro ou fora de análise. Acompanhando a contribuição do casal Baranger (1961/1969), Favalli (1999) discorre que a concepção clássica encontra certa limitação, uma vez que não leva em consideração a radicalidade do campo bipessoal que se estabelece no processo de análise e mesmo a interferência que a própria pessoa do analista, dotada de uma subjetividade, teria na relação transferencial (Favalli, 1999, p.29). Tal questionamento está atrelado ao ponto nodal da construção do conceito de campo que norteia o diálogo psicanalítico estabelecido pela dupla, possível através da fantasia inconsciente do par. Favalli (1999) esclarece que tal fantasia atribuída à

dupla difere daquela habitualmente descrita em termos unipessoais, pois não seria determinada pela pulsionalidade advinda do analista ou analisando, embora esteja presente em sua estruturação; trata-se de um constructo que não se restringe a ser um somatório de duas situações internas, mas algo que é criado entre analista e analisando, dentro da unidade que constituem durante a sessão de análise (Baranger, 1961, p.141). Favalli (1999, p.29) enfatiza a importância de tal modelo fantasmático, uma vez que busca aprofundar a compreensão dos processos transferenciais e contratransferenciais de forma a ir além das descrições planas, que isolavam o funcionamento de cada um dos participantes. Portanto, é possível observar a abertura de uma via de investigação que abarca os pontos de confluência entre o funcionamento mental de analista e analisando, resgatando a premissa freudiana a respeito da comunicação entre inconscientes e expandindo o seu alcance, a fim de contemplar as experiências emocionais da fantasia bipessoal.

Para Favalli (1999, p.30), o casal Baranger se preocupa em descrever os processos que intervêm diretamente na fantasia bipessoal descrita anteriormente e, nessa direção, resgatam as contribuições de Money-Kyrle e Heimann para enfatizar o interjogo de identificações projetivas presente no campo psicanalítico. O caráter centrífugo e centrípeta da identificação projetiva é enaltecido como forma de destacar que o movimento não se restringe apenas à mente do analisando, mas também do analista. Os Baranger discorrem sobre as características específicas de cada elemento da dupla ao retomar a questão da assimetria da situação analítica, em especial para assinalar que o papel do analista durante a sessão de análise deve ser de limitar e controlar a situação, com breves momentos de utilização experimental (Baranger, 1961/1969). Para Favalli (1999, p.30), tal proposta dos Baranger evoca uma indagação acerca da possibilidade real do analista controlar ou dosar um processo de natureza inconsciente integrante da genuína experiência emocional que é própria ao campo analítico. Para o autor, abordar a problemática por esse ângulo distancia o analista da riqueza da situação analítica e o coloca em contato direto com uma descrição puramente intelectual (Favalli, 1999, p.30).

É possível constatar que a concepção de um campo bipessoal altera as perspectivas de compreensão do processo psicanalítico, uma vez que, diferentemente de uma abordagem que descreve o curso de uma análise através de

etapas sucessivas, da superfície à profundidade, por meio da suspensão das resistências, os Baranger propõem que a ênfase seja realocada no plano relacional e na dinâmica ou cristalização que ocorre no campo psicanalítico. No complexo interjogo que envolve as identificações projetivas cruzadas entre analista e analisando também acontecem momentos de paralisação do processo, denominado pelos autores como baluartes, que serão administrados pelo analista que, através da observação da situação analítica, de si mesmo e do analisando, formula a interpretação que visa devolver a mobilidade à fantasia partilhada da dupla (Favalli, 1999, p.30). A noção de baluarte é concebida como uma das repercussões do campo analítico, que ocorre quando a fantasia compartilhada entre ambos os participantes dá origem a uma neoformação oriunda da própria história pessoal do analista e do paciente.

Percorremos os principais desdobramentos da compreensão da contratransferência enquanto importante ferramenta clínica e a descrição do campo psicanalítico como forma de conceber a relação analítica, que estuda os efeitos do encontro entre analista e analisando e as formações particulares entre a dupla, localizadas na fantasia bipessoal. Acreditamos que compreender a contratransferência e a implicação da dimensão afetiva do analista, assim como a própria sessão de análise como fonte de encontros e desencontros provocados pelo encontro entre duas pessoas nos auxiliará a discutir a problemática do ódio transgeracional em seu caráter silencioso e a forma como se manifesta na relação, em especial nos sentimentos do analista. O claustro transgeracional, formação psicopatológica que propomos no capítulo anterior como núcleo condensador do ódio que atravessa gerações, possui algumas manifestações clínicas que buscaremos compreender a partir da exposição de alguns fragmentos clínicos. Em seguida, faremos comentários a partir do material apresentado para discutir as possibilidades de continência e metabolização da mente do analista perante as severas repercussões do ódio transgeracional, encriptado e que permanece inassimilável para o sujeito.

5.4

Fragmentos Clínicos

5.4.1

Caso Heitor

Heitor, um jovem universitário, enfrentava um momento difícil em sua análise. Encontra-se em um impasse universitário importante, faz uso abusivo álcool em momentos de profunda tristeza e interrompe sua intensa rotina de atividades físicas. Heitor dificilmente expressa as suas emoções, inicialmente bastante refratário às minhas intervenções e a qualquer menção que eu fizesse ao campo dos afetos. Dizia que tinha grande dificuldade em expressar os seus sentimentos. Sua família sempre foi extremamente invasiva e não lhe dava nenhuma privacidade; vasculhavam seus objetos de forma arbitrária e reviravam anotações pessoais, íntimas, que Heitor tentava em vão resguardar de sua família. A precariedade de comunicação entre ele e seus pais e avós paternos – com quem morava – eram temas trazidos com frequência, mas de forma desprovida de qualquer sentimento de raiva ou indignação. Nesses momentos, eu encontro tais sentimentos e, por vezes, me entregava a um nebuloso estado de confusão e de confinamento, ao mesmo tempo, também sou tomado pela indignação ausente na narrativa de Heitor.

Durante uma das suas sessões, Heitor me falava de um relacionamento antigo, cujo término fora bastante conturbado, pois ele suspeitava que a namorada o estivesse traindo com um amigo seu durante o relacionamento; em determinado dia, resolve ir até a casa de sua agora ex-namorada para conversar. Ao chegar, Heitor confirma o seu maior receio, pois encontra os dois juntos e, nesse momento, simplesmente ficou cego de raiva e começou a agredir os dois de forma descontrolada e só foi interrompido quando a polícia chegou e o levou para a delegacia. Embora utilize a palavra “raiva”, o sentimento que Heitor relata é de ausência, como se estivesse fora de seu corpo, sem sentir nada. No momento, sou tomado por um misto de raiva e de pena enquanto ouço o seu discurso. Uma parte de mim se sente bastante desconfortável com o episódio de violência relatado por Heitor; mas, outra parte sente que ele simplesmente não sabia como expressar a sua angústia frente um momento de extrema frustração, talvez relativo à alguma fragilidade vinculada à desconfiança que experimenta em seu ambiente familiar, que não permite que ele usufrua de sua própria privacidade.

Faço uma intervenção: digo a Heitor que essa experiência de violência e o estado de ausência e esvaziamento que ele sentiu talvez tivesse uma ligação com a sua dificuldade de comunicar as suas emoções. Seria a única forma que ele encontrou para descarregar a raiva que sentia no momento, tudo o não havia colocado para fora havia surgido naquele difícil momento. Heitor, outrora deitado no divã, senta abruptamente e me encara, frente a frente e pede para que eu repita exatamente o que eu acabei de falar. No momento, pensei que ele fosse avançar em cima de mim. Repito a minha intervenção com outras palavras, e ele me pede, mais uma vez que o faça. Após a terceira repetição, ele se deita novamente e permanece em silêncio. Posteriormente, me pergunta se eu acho que haveria um jeito de reverter, segundo os seus termos, a sua hipertrofia emocional. Estava visivelmente emocionado. Eu comunico a ele que poderíamos construir juntos uma nova forma de dar novos destinos a essas emoções indigestas que ele sentia.

5.4.2

Caso Aquiles

Aquiles começou a se tratar comigo aos 10 anos de idade. A principal queixa de sua mãe adotiva, Maria, era em relação à extrema agressividade de seu filho. Antes de ser adotado, Aquiles residia em um abrigo de uma pequena cidade em outro estado, junto com seu irmão mais novo, também adotado por Maria. Sua história é marcada por uma série de acontecimentos violentos; sua família biológica é extensa, tem vários irmãos e primos e, assim como a mãe biológica, alguns deles possuem envolvimento com facções criminosas. Sua mãe biológica já foi presa várias vezes por associação ao tráfico e, em um caso amoroso, deu origem ao irmão mais novo com quem Aquiles vive hoje em dia.

Os relatos que recebo de Maria são relacionados à rompantes de agressividade de Aquiles; diz que ele a xinga diversas vezes quando contrariado, arremessa objetos em sua direção e a agride com força. No desespero, ela tenta se defender, segura Aquiles e, por vezes, revida a agressão física. Percorreremos uma sessão do momento inicial do tratamento de Aquiles, no qual a sua mãe adotiva se recusava a conversar com ele sobre qualquer assunto relacionado à sua história de vida e à sua família biológica.

O primeiro assunto que Aquiles traz diz respeito à roupa que sua mãe escolheu para ele vestir para o nosso encontro. Conta que Maria o vestiu com uma bermuda que estava apertada e agora parecia “um viadinho”. Para completar, relata que sua mãe havia escolhido uma camisa que tinha uma caveira vermelha enfeitada com flores. Um absurdo! Fala também que Maria não o deixa escolher as roupas que quer quando vão comprar as peças de seu vestuário, pois diz que ele só escolhe as roupas mais caras. Sinto que ele desdenha das roupas e de qualquer elemento que venha de Maria. Lembro do desamparo que Maria trouxe na primeira entrevista, que passa a fazer parte de mim nesse momento. A raiva de Aquiles ressoa em mim de forma intensa, mas, por outro lado, fico com a impressão que seu desdém advém de uma tentativa de não criar expectativas ou esperanças diante da mãe adotiva, que o nutre e o gratifica, grande contraste em relação ao seu ambiente originário.

Ainda sobre as vestimentas, Aquiles me conta que gostaria que sua mãe comprasse camisas com cenas de tiroteios e brigas. Traz uma cena para uma possível estampa que lhe agradaria: dois caras apontando metralhadoras um para o outro. Ele me explica que sua mãe lhe chama a atenção, pois fala que essas coisas não são para crianças e muito menos para adultos. Ele fala que é “coisa de bandido”, e sua mãe retruca, dizendo que só os policiais são “do bem”. Tento perguntar para ele o que ele está chamando de bandido, e ele me explica que são pessoas que seguram armas e fazem mal aos outros. A história de sua mãe biológica me vem na cabeça, o envolvimento no tráfico, o assassinato do pai de seu irmão mais novo. Acho que também estou no meio do tiroteio e vivencio junto com Aquiles a sua filiação violenta e a impossibilidade de falar sobre a sua história de forma aberta com a mãe adotiva. Sua raiva parece a única maneira que possui para sobreviver ao enclausuramento provocado pela invasão desse ambiente violenta que, ao mesmo tempo, também o abandona.

Por não ter celular, me conta que seus amigos o “sacaneiam” na escola e , recentemente, quebrou seu *tablet*. As reclamações em relação a sua mãe não cessam. Fala que quando crescer e tiver seu próprio dinheiro comprará um celular e que seu sonho é ser ator e famoso. Quando “ficar velhinho”, virará diretor de novela. Atuar e dirigir a sua própria história, mostrar para todos o que se passa com ele, da forma dele, sem ter que se esconder ou ter vergonha da sua história.

Ele me olha e apenas ri. Sinto que ele responde afetivamente à minha fala com o riso. Há um silenciamento de sua história anterior à sua vinda do Rio de Janeiro que visivelmente lhe incomoda.

Aquiles trouxe o jogo “Tira copo”, que havia mencionado na sessão anterior, quando me perguntou se eu assistia um determinado programa na televisão. Enquanto montamos o tapete emborrachado que utilizo para atender crianças, ele me conta que havia uma competição desse jogo no programa citado, cuja premiação era de cinquenta mil reais. Ele me diz que ainda teria que treinar muito para participar do programa, pois tinha vergonha de deixar o copo cair na frente de todo o Brasil. À medida que vamos jogando, me fala que tem vergonha de se apresentar em público. Fala de uma semana de talentos em sua escola que ficou envergonhado, pois acha que cantou desafinado. Aquiles revela o seu calcanhar; não se expõe com facilidade, embora seja bastante articulado e falante, e aos poucos demonstra um lado afetivo e doce.

Enquanto jogamos, pergunto da época anterior à sua vinda para o Rio de Janeiro. Ele me conta que era chato, pois tinha que dormir logo após o jantar, já que morava num abrigo. Diz que sua mãe biológica só soube que ele estava em um abrigo mais tarde, pois Aquiles estava soltando pipa no meio do mato quando foi levado [a mãe biológica havia sido presa, motivo pelo qual ele foi levado para o abrigo]. Fala que ela o visitava todo dia. Conta que suas irmãs ficaram em um abrigo separado, somente para meninas. Também conta que antes de Maria outra família iria adotá-lo, mas que não se sentiu à vontade com eles, disse que eram pessoas muito esquisitas, com chifres e cabeças de animais espalhados pela casa. Sua história me evoca profunda tristeza, embora Aquiles a relate de forma alegre e cômica.

Diz que fará três anos que está morando no Rio de Janeiro e que tem achado “maneiro”, embora tenha as chatices e frescuras da sua mãe adotiva. Gostava mais na época em que era novidade a sua mudança para a cidade. Pergunto para ele o que é que ele enxergava como legal nessa história toda, e ele me diz que ele mesmo, pois não se acha chato. Logo me pergunta se eu me acho chato, e eu respondo que às vezes sim, outras vezes não. Ele fica surpreso e diz que é a primeira vez que ouve alguém dizendo isso. Falo que às vezes é possível a gente se sentir chato e que outras pessoas também podem se sentir chatas e agir de

forma chata. Após minha intervenção, ele me olha nitidamente impressionado e fala que nunca havia pensado dessa forma. Logo depois, começa a falar que sua mãe o obriga a comer legumes e verduras todos os dias, ao contrário da lasanha, que não pode comer diariamente. Falo que talvez essa seja uma forma da mãe cuidar dele e de seu irmão. Ele ouve calado, reflexivo. Encerramos a sessão guardando juntos o jogo.

A partir dos materiais expostos, é possível observar as diferentes variações sobre a forma pela qual o ódio transgeracional surge dentro do campo psicanalítico e impacta o processo de análise, por vezes confinando a dupla e a relação transferencial-contratransferencial, como no caso de Heitor, outras vezes pressionando o analista a sentir o abandono e a tristeza que não encontra lugar para ser vivenciada, como Aquiles demonstra. Em ambos os casos é possível inferir a prevalência do claustro transgeracional, com a experiência de invasão e rigidez psíquica apresentada por Heitor e a raiva e desesperança profunda vivida por Aquiles. Diante de tais experiências emocionais, o analista é convocado a sonhar tais emoções encriptadas, brutas e violentas, que atormentam o campo psicanalítico e zelar pelo bom funcionamento do processo de análise. Seguiremos nossa discussão a respeito da posição do analista em seguida.

5.5

As transformações no campo e a continência possível do claustro transgeracional

Conforme argumentamos anteriormente, nosso intuito ao abordar tais fragmentos clínicos seria de ilustrar as dificuldades que o ódio transgeracional apresentaria no manejo clínico e, em especial, na utilização da contratransferência e da capacidade de continência psíquica do analista. O claustro transgeracional se instaura na relação analítica e absorve os elementos do campo para lógica críptica, silenciosa, da qual o analista tem notícias através de seus próprios sentimentos. Baseado nos fragmentos clínicos expostos, discutiremos as possibilidades clínicas

diante do impasse que o claustro transgeracional, algoz do analista e analisando, apresenta ao campo transferencial-contratransferencial.

Roosevelt Cassorla (2016), ao descrever a sua concepção da psicanálise, frisa que se trata do encontro entre duas pessoas, analista e paciente, no qual o primeiro deixa-se levar pelas ocorrências do campo analítico, enquanto observa com atenção os fatos no qual é coadjuvante. Para o autor, pensar no par objetivo-subjetivo é insuficiente para descrever os acontecimentos da dupla analítica, uma vez que os componentes se envolvem emocionalmente e enfrentam as turbulências próprias às relações interpessoais. O comentário de autor nos auxilia a adentrar na complexidade do trabalho psicanalítico quando pensamos a forma de envolvimento que se apresenta através do entrecruzamento das identificações projetivas, processo elementar do encontro psicanalítico e através do qual o analista vai operar, de forma empática, para zelar pelo funcionamento da dupla.

Conforme sublinhamos anteriormente, o conceito de campo analítico é tributário de autores como Money-Kyrle, Racker e Paula Heimann e, posteriormente, o casal Baranger. Cassorla (2016) também frisa a importância das contribuições de Melanie Klein (1952/1991b) e Betty Joseph (1983/1992) a respeito da compreensão da transferência como uma situação total. Para as autoras, emoções, relações de objeto e defesas arcaicas são transferidas do passado para o presente e atuados no campo transferencial no intuito de fazer com que o analista também atue frente a essas experiências arcaicas, assim como provocar sentimentos contratransferenciais. Betty Joseph (1983/1992) analisa o contraste próprio à forma que o paciente atua e o conteúdo que relata durante a sessão e ressalta a necessidade do analista descobrir onde está a área de contato emocional ele próprio e o analisando, através das formas de comunicação, por vezes não-verbal, que exercem uma pressão sobre o analista. Conforme elucidada Eizirik (2013), a importância da contribuição de Joseph está na forma de interpretação postulada, a partir de um enunciado simples busca o contato com a realidade emocional e evita discussões puramente intelectuais através de conjecturas. Logo, é possível perceber que Joseph (1983/1992) exalta o modelo clínico que implica o analista a receber a pressão exercida pelo paciente e tolerar as repetições das defesas infantis do mesmo. Para Cassorla (2016), o analista só consegue captar as experiências do campo e apreendê-las através dos sentimentos

se os mesmos puderem ser sonhados pelo analista, transformados pelo mesmo em aspectos simbólicos que possuam uma qualidade psíquica.

O sonhar a qual se refere Cassorla (2016) faz menção ao conceito de função alfa e aos processos de *rêverie* materna postulado por Bion (1962/1988) e discutidos anteriormente na presente tese. O sonhar seria a função através da qual os elementos brutos são metabolizados em elementos refinados que servem como matéria-prima para os processos oníricos. Nessa direção, Cassorla (2016) aponta que o sonhar em Bion compreende não só os sonhos noturnos, mas também os diurnos, que podem se manifestar através de devaneios e imagens visuais do sonhador acordado.

A identificação projetiva serve como uma importante chave para compreensão dos aspectos dinâmicos do campo analítico. Conforme assinala Cassorla (2016), o paciente coloca partes de seu *self*, objetos e relações dentro do analista, que é visto como deformado por conter partes do próprio paciente. Conforme exposto anteriormente, quando não há possibilidade de sonhar os elementos bruto, fruto de falhas fundamentais na função da *rêverie* materna, a identificação projetiva adquire um caráter evacuativo e vai além da fantasia, ao invadir o receptor na tentativa de controlá-lo e forçado a atuar os elementos projetados. Nesse sentido, o campo psicanalítico torna-se turvo em relação à comunicação entre analista e analisando, impedindo o trabalho de sonhar a dois, essencial para o processo de análise.

Quando há prejuízo da função alfa, não há possibilidade da dupla sonhar; tais enrijecimentos e esterilidade de pensamento são chamados por Cassorla (2016) de não-sonhos, que se constituem por configurações nas quais predominam os elementos beta em busca de evacuação. As falhas na função alfa impedem o trabalho simbólico, uma vez que não é possível a transformação desses elementos brutos em material passível de ser sonhado. Tornam-se rígidos e impedem a ampliação da capacidade de pensar, tornando-se crenças irrefutáveis e certas. Esses elementos se presentificam no campo analítico a partir da identificação projetiva patológica, manifestando-se em afetos, sons, atos e crenças herméticas. Tal destruição da possibilidade de formações simbólicas é descrito por Bion (1962/1988) como reversão da função alfa, assim como o enrijecimento do pensar

através da manifestação de crenças é compreendido como manifestação dos aspectos bizarros que habitam o *self* do indivíduo.

De acordo com a nossa argumentação pregressa, as falhas da função da *rêverie* materna, ocasionadas por falhas ambientais na relação mãe-bebê, instauram importantes traumatismos no psiquismo. O ódio permanece como sentimento central em função da impossibilidade do bebê tolerar a frustração, uma vez que não encontra um continente materno para acolher seus elementos brutos, com os quais não consegue lidar por conta própria no início da vida. A impossibilidade de atuação da identificação projetiva como forma básica de comunicação se desdobra na evacuação de todos os elementos indigestos que o bebê não consegue assimilar, assim como o apresenta ao sentimento de abandono e privação de qualquer forma de continência. O ódio se instaura como afeto protagonista no psiquismo, permeando as relações com o objeto primário de forma repulsiva. Tal funcionamento se perpetua no núcleo familiar através da telescopagem entre gerações, que instaura modalidades alienantes de identificação, impedindo o caráter projetivo e introjetivo de atuar e isolando o sujeito em uma existência limitada, encriptada em si mesmo, com uma parte de si mortificada pelas respostas violentas do ambiente em relação às fases iniciais da constituição psíquica. Desse modo, o claustro transgeracional, formação psicopatológica que aprisiona o sujeito em uma existência limitada, rígida e narcísica, predomina como forma única possível de sobrevivência diante da transmissão psíquica de elementos bizarros na cadeia geracional e das graves falhas que ocasionaram traumatismos precoces na parte bebê do *self*.

Levando em consideração tais falhas, tanto no plano intersubjetivo como também no plano transgeracional, é possível constatar que o ódio que se instaura no núcleo familiar, figurado na formação do claustro transgeracional, desempenha importante papel no campo psicanalítico, uma vez que condensa os elementos encriptados e os impede de encontrarem alguma forma de integração no *self* e prejudicam severamente a capacidade de sonhar do analisando. Na esfera relacional, o analista também recebe conteúdos indecifráveis, dotados de uma robustez bizarra que o envolve em sensações mistas de repulsa, vergonha e raiva, ação das identificações projetivas do campo, ao mesmo tempo que sente também seu raio ação limitado, assim como sua própria existência enquanto analista, em

função da contaminação do claustro geracional no campo psicanalítico. Nesse sentido, a mente do analista é demandada diretamente e de forma visceral em sua função continente a emprestar a sua capacidade de sonhar tais sonhos pelo paciente como forma de dissolução do claustro e de escoamento dos fantasmas encriptados que encapsularam o ódio no *self* dele.

Antonino Ferro (2011) traz importantes contribuições que nos auxilia repensar o trabalho do psicanalista diante das transformações em alucinoses no campo, oriundas das falhas da função alfa, e de que forma o analista poderia atuar para acolher tal sofrimento. Ferro parte das contribuições de Bion (1962/1988;1965/2004) a respeito do pensamento onírico de vigília para ressaltar a importância do sonhar na vida psíquica, ao assinalar que a mente está em constante processo de alfabetização dos estímulos sensoriais que recebe.

O pensamento onírico de vigília permite que o analista mantenha uma monitoração contínua do campo analítico, através da qual pode avaliar de que forma sua atividade interpretativa é recebida pelo paciente. Tais processos englobam uma infundável gama de acontecimentos, que incluem as manifestações da dupla tanto em fenômenos evacuativos como em alargamento do campo analítico. Nesse sentido, Ferro (2011) elucida que, nesse modelo de trabalho clínico, a atenção do analista estaria voltada para a geração dos sonhos, e não ao desvelamento do material recalcado. Seria uma forma de psicanálise atenta aos problemas da função alfa, assim como às formas de funcionamento da mente de uma pessoa e suas ressonâncias e dissonâncias na mente do próprio analista.

A modulação da atividade interpretativa para Ferro não está necessariamente ligada a uma decodificação, mas sim a uma narração mítica, que insere o discurso dentro de uma trama. Também precisa ser implicada dentro de um vínculo “quente e atual” entre a mente do analista e o conteúdo a ser interpretado. Dessa forma, a interpretação do analista em seu sentido clássico se desloca por vezes para atividades nas quais o analista se envolve no intuito de provocar transformações no campo, intervenções mínimas “à nível enzimático” (Ferro, 2011).

Nessa direção, o papel do analista seria responder à pressão no campo psicanalítico, fruto do caráter desagregador do claustro transgeracional, com sua própria mente enquanto gerado de sonhos, como tentativa de resgatar a

capacidade onírica do paciente em meio à turbulência emocional. A dificuldade de manejo clínico torna-se evidente, uma vez que tal manifestação do ódio encontra-se encriptada e impossível de ser comunicada através da via simbólica. Cabe ao analista, através da contratransferência e da capacidade empática que essa ferramenta clínica propicia, auxiliar o analisando a desmontar gradualmente o claustro transgeracional através do trabalho de análise, em especial de suplência ao continente psíquico inviável em momentos arcaicos da vida psíquica. Conforme assinala Ferro (2011), trata-se de um trabalho voltado para a recuperação da capacidade onírica do paciente, reorganização dos vínculos e da própria via de comunicação através da identificação projetiva, através da qual o trabalho psicanalítico nesses moldes seria possível. O psicanalista empresta os seus sonhos como uma tentativa de furar a rigidez claustrofóbica na qual o sujeito banhado pelo ódio transgeracional se relaciona com o mundo, no intuito que possa construir novos espaços psíquicos dentro de si e outras formas de relação com o mundo, tanto com os fantasmas crípticos que o habitam como também o ambiente que o cerca.

6

Considerações finais

O objetivo do presente trabalho foi de investigar de forma aprofundada os impactos do ódio transgeracional na constituição subjetiva e suas manifestações no campo transferencial-contratransferencial. Nossa maior motivação para a pesquisa elaborada foram os impasses surgidos na clínica a partir da condução de tratamentos de analisandos nos quais o apelo à contratransferência e à dimensão afetiva do analista eram a tônica. O predomínio do ódio no campo psicanalítico era insidioso, mas presente, em especial na contratransferência, evocando sentimentos tais como indignação e repulsa no analista, ao mesmo tempo que não encontravam consonância com as narrativas trazidas. Nossa argumentação a respeito dos efeitos transgeracionais do ódio na constituição subjetiva foram extraídas dessa experiência clínica, na qual relatos de ambientes intrusivos e violentos são constantes e se manifestam na relação analítica através da formação do claustro transgeracional. Portanto, para além das repercussões no plano intrapsíquico e intersubjetivo, sentimos que elementos geracionais bizarros se apossavam do campo enquanto um segredo enclausurado, impossível de ser metabolizado apenas pelo analisando, que apela ao analista para que este sirva de continente possível para essa herança maldita.

Como forma de mapear algumas das primeiras e relevantes contribuições do pensamento psicanalítico para refletir o papel do ódio na constituição subjetiva, percorremos alguns trabalhos de Freud a respeito da centralidade que o ódio ocupa na reflexão acerca da neurose obsessiva. A partir do quadro clínico supracitado, Freud reconhece que o ódio permeia outras patologias e opera em conjunto com o amor, compondo uma díade presente na natureza humana. Posteriormente, também explicamos de que maneira o ódio assume um importante papel na constituição subjetiva, antecipando suas contribuições posteriores a respeito do narcisismo e das identificações narcísicas.

Posteriormente, aprofundamos nossa pesquisa sobre o ódio a partir do estudo da ambivalência psíquica em “Totem e Tabu”, uma vez que há uma importante reflexão do modelo da neurose obsessiva em uma intersecção entre o

plano individual e grupal a partir do mito da horda. Também abordamos a articulação proposta por Freud do ódio a uma descarga impulsiva através das tendências hostis direcionadas ao pai, assim como a tentativa de exercício do domínio sobre ele enquanto objeto. Nesse contexto, explicamos que o ódio motivava atos violentos pois promovia a eleição de objetos como destino de descarga, assim como também poderia se transformar em medo, conforme abordado quando relaciona aos tabus. Posteriormente, averiguamos de que maneira o ódio começa a ser compreendido de forma ampliada ao se articular com o narcisismo e a constituição subjetiva, fruto das primeiras identificações que formam o ego e responsável pelos primeiros movimentos, ao lado do amor, em relação ao objeto. Destacamos o papel do ódio em sua dimensão estruturante, como forma de preservar o aparelho psíquico ao afastar elementos desprazerosos, assim como suas vicissitudes em relação à formação inicial do ego.

Após percorrermos as contribuições freudianas acerca do ódio, adentramos no pensamento teórico de Melanie Klein, uma vez que a autora descreve com bastante ênfase os aspectos destrutivos vinculados ao ódio desde o início da vida psíquica a partir de sua proposta de que haveria um ego rudimentar em atividade precocemente, que precisaria se defender das ameaças do mundo interno e externo. O ódio é determinante no pensamento da autora como sentimento arcaico que corrobora suas ideias acerca da dinâmica psíquica operante no bebê desde os primórdios, tais como os impulsos sádicos e a agressividade e as defesas necessárias diante do encontro com o objeto, promotor de intensas angústias. Elucidamos a compreensão da autora sobre a importância da relação com o objeto primário para a formação da constelação de objetos internos do ego do bebê e os mecanismos envolvidos nessa primordial constituição, tais como a introjeção, projeção e a cisão, atravessadas pela constante ameaça de aniquilamento que permeia a existência do *self*. Elegemos o superego arcaico e a inveja como dois conceitos que condensam de forma intensa a importância que Klein atribuía ao ódio e à destrutividade nos primórdios da vida psíquica e suas influências na relação de objeto. Tais conceitos estão presentes na obra da autora desde o início de seu pensamento e, ao serem associados ao ódio e localizados como operantes desde o nascimento do bebê, nos auxiliam a explicar sobre a grande relevância que a temática possui para Klein.

No segundo capítulo, aprofundamos a nossa investigação sobre os impactos do ódio na constituição subjetiva, em especial a partir da compreensão de seus impactos na relação mãe-bebê e os desdobramentos das falhas ambientais. Partimos da conceituação de Klein a respeito da identificação projetiva em sua dimensão defensiva e das ampliações necessárias de Wilfred Bion a respeito da forma rudimentar de comunicação que tal modalidade identificatória comporta. Tal prolongamento permitiu que explorássemos não apenas a dimensão intrapsíquica e o mundo interno, mas também a face intersubjetiva, colocando em foco a qualidade da relação com o objeto externo, fato que amplia o alcance da nossa argumentação a respeito do ódio. Nosso intuito foi buscar um entendimento pormenorizado sobre as formas basais de comunicação que acontecem na relação com o objeto primário para, posteriormente, estudar os sofrimentos causados por falhas ocorridas em momentos precoces da constituição subjetiva, em especial quando o ódio se torna predominante e se alastra pelos vínculos de forma destrutiva.

Sublinhamos a importância dos processos de comunicação arcaica entre mãe-bebê e as interações precoces que ocorrem desde o início da vida como determinantes para o desenvolvimento do *self* do bebê. A *rêverie* materna, que inclui a relação continente-conteúdo, é fundamental para a metabolização dos elementos brutos e das primeiras sensações que compõem as matrizes básicas da subjetividade e, futuramente, servirão de base para os processos de simbolização. Estudamos os impactos do ódio, advindo da severa intolerância à frustração, como desencadeador de severas falhas no processo de *rêverie* materna, intenso sofrimento ao bebê, que se sente abandonado a um mundo permeado de objetos bizarros e aterrorizantes, impossíveis de serem assimilados por ele próprio. Nesse contexto, argumentamos que o ódio afeta desorganiza os compartimentos geográficos do *self* em função das falhas provenientes da relação com objeto primário, prevalecendo os processos intrusivos e a adesividade que aprisionam o *self* no corpo materno, determinado pela configuração do claustro como formação psicopatológica que condensa o ódio experimentando anteriormente.

No terceiro capítulo, argumentamos que o ódio, em seu desempenho desagregador, ao ser transmitido de forma traumática entre gerações, é capaz de afetar a constituição subjetiva, ocasionando em formas intensas de sofrimento

psíquico. Enfatizamos que a transmissão de elementos bizarros acarreta profundas falhas nos eixos intrapsíquico e intersubjetivo, além do intergeracional, uma vez que cristaliza uma configuração patológica impossível de ser integrada, tanto pelos familiares como pelos herdeiros desse legado traumático. Nossa linha argumentativa explorou o papel do ódio transgeracional e seus desdobramentos nos primórdios da vida psíquica, em especial nos processos identificatórios que constituem o *self*, uma vez que determinam as manifestações clínicas particulares que despertaram o interesse da presente pesquisa.

Exploramos as noções de diversos autores que se dedicaram à investigação dos processos envolvidas na transmissão psíquica entre gerações com o objetivo de, primeiramente, caracterizar a temática e, posteriormente, examinar o papel do ódio em sua vertente psicopatológica transgeracional. Dessa forma, abordamos as formas alienantes que a identificação pode assumir quando o ódio permanece como a tônica da relação com o objeto primário e arremessa o sujeito em uma lógica narcísica, fruto de experiências psíquicas violentas vivenciadas no ambiente familiar. Nessa direção, estudamos de que forma a prevalência dos elementos bizarros e do protagonismo do ódio transgeracional impacta a dimensão de comunicação da identificação projetiva, fundamental para as primeiras interações entre mãe-bebê, mas também entre gerações. Enfim averiguamos de que forma tais traumatismos que se instauram na constituição psíquica do sujeito e se perpetuam entre diversas gerações de forma encriptada, silenciosa e impossível de ser integrada formam um núcleo de ódio proveniente de uma herança maldita de outras gerações, cindido do restante do *self* do indivíduo. Levando em consideração tais fatos, proporemos a noção de claustro transgeracional para pensar de que forma tais elementos traumáticos assombram o sujeito e o aprisionam em uma existência de espaços psíquicos limitados e em uma relação de intrusão com o objeto primário. Ao mesmo tempo, o claustro transgeracional incide forma silenciosa, encriptada, fato que impede o trabalho de elaboração de tais elementos bizarros que são destinados ao trabalho de análise e ao funcionamento implicado da mente do analista.

No quarto capítulo, discutimos os caminhos do ódio transgeracional no campo psicanalítico, em especial na contratransferência, assim como as possibilidades de manejo clínico diante da incidência silenciosa do claustro

transgeracional e suas consequências impostas ao funcionamento psíquico do analisando, que se demonstram preponderantes no campo transferencial-contratransferencial e subjagam a própria mente do analista. Nosso principal interesse foi estudar os efeitos que os elementos bizarros encarcerados na cripta psíquica do *self* do analisando surgem durante o processo psicanalítico, assim seu apelo do à função de continente psíquico do analista como tentativa de sobreviver aos traumatismos precoces instaurados pelo ódio.

Ressaltamos a importância da contratransferência na situação psicanalítica, desde o fato de Freud não a abordar de forma aprofundada em sua obra até as pioneiras contribuições de autores que trouxeram uma outra perspectiva para esse fenômeno, localizando-o como relevante ferramenta clínica a ser utilizada pelo analista. Acompanhar tal deslocamento paradigmático foi fundamental em nossa argumentação para entendermos os reflexos do ódio para além da dimensão intrapsíquica, levando em consideração a importância da qualidade da relação estabelecida com o objeto externo e as repercussões que tal sentimento poderia acarretar na relação analítica quando predomina no funcionamento psíquico do encontro entre analisando e analista.

O campo psicanalítico foi explorado com o objetivo de acompanhar os desdobramentos da contratransferência e da função do analista diante do ódio transgeracional, cuja manifestação clínica ocorre através surgimento de uma forma radical de sobrevivência nociva, porém necessária, proposta anteriormente como claustro transgeracional. Tal formação repercute diretamente na relação transferencial-contratransferencial, uma vez que condensa todo o ódio alienante e encriptado entre gerações e encontra na situação analítica uma oportunidade de se manifestar através da dimensão intersubjetiva, via recíproca de comunicação entre analista e analisando, cujo acontecimento ocorre através do entrecruzamento das identificações projetivas dos elementos presentes no campo. A partir dos fragmentos clínicos, foi possível ilustrar e discutir a importância do trabalho implicado do analista, especificamente no que tange a dimensão contratransferencial e ao apelo feito pelo analisando à função continente da mente do analista. As falhas de comunicação da identificação projetiva, oriundas de traumatismos precoces desencadeados pelo ódio em suas múltiplas facetas, são trazidos com toda a sua brutalidade na situação psicanalítica, de forma violenta e

impossível de ser integrada apenas pelo indivíduo. Dessa maneira, destacamos a importância do analista atuar de forma empática, afinada com o sofrimento do analisando ao abordar os elementos odiosos de ordem transgeracional, uma vez que, encriptados, são dolorosos de serem discutidos durante o processo de análise, embora necessário para que haja a ascensão de novos destinos simbólicos possíveis para tais elementos bizarros.

Portanto, na presente tese buscamos investigar a dimensão transgeracional do ódio na constituição subjetiva e seus efeitos no campo transferencial-contratransferencial. Nosso ponto de partida foi a experiência clínica com analisandos que apresentavam severas falhas no processo de sonhar, fato que os causava intenso sofrimento, uma vez que permaneciam aprisionados em um universo objetal bizarro que tornava inviável, marcado pela rigidez e pela violência do ódio. Tais casos nos convocaram a investigar de forma aprofundada na presente tese de que forma o ódio poderia ser responsável por formas graves de desorganização, em especial a partir do contato com analisandos marcados por histórias de vida marcadas por violências extremas e ambientes intrusivos, fatos que nos levaram à temática da transmissão psíquica e transgeracional para pensar a perpetuação entre gerações do ódio em sua forma desagregadora. Nosso interesse, a partir da mobilização que sentimos diante da intensa experiência de dor que tais analisandos apresentavam, foi de buscar uma reflexão aprofundada sobre as derivações do ódio transgeracional na constituição subjetiva e suas manifestações clínicas, tal como o claustro transgeracional, que aprisiona a própria relação analítica em seu funcionamento rígido e violento. Desse modo, acreditamos que o trabalho possível diante desses casos é dependente da implicação direta da mente do analista e seus processos de transformação. A atitude empática é fundamental, uma vez que o analista é convocado a funcionar como um continente psíquico para o grito de desespero do analisando, grito silencioso que condensa o ódio enclausurado de múltiplas gerações e que, no complexo entrecruzamento de identificações projetivas que constitui o campo, encontra uma possibilidade de apaziguamento, integração e reparação.

7

Referências Bibliográficas

Abraham, K. (1970a) “Notas sobre as investigações e o tratamento psicanalítico da psicose maníaco-depressiva e estados afins” Em: *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*. Rio de Janeiro: Imago (originalmente publicado em 1911).

Abraham, K. (1970b) “Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais” Em: *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*. Rio de Janeiro: Imago (originalmente publicado em 1924).

Abraham, N. & Torok, M. (1995) “O objeto perdido-ego: notações sobre a identificação endocríptica”. Em: *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta (original publicado em 1973).

Balint, M. (1994) *Primary love and psycho-analytic technique*. Londres: Karnac (originalmente publicado em 1952).

Baranger, W. & Baranger, M. (1969). “La situación analítica como campo dinâmico” In: *Problemas del campo psicoanalítico* (pp. 129-164). Buenos Aires: Kargieman (originalmente publicado em 1961).

Bick, E. (1968). The experience of skin in early object relations. *Int. J. Psychoanal.*, 49: 484–486

Bick, E. (1986). Further considerations on the function of the skin in early object relations: findings from infant observation integrated into child and adult analysis. *Brit. J. Psychother.*, 2: 292–299.

Bick, E. (2001). Anxieties underlying phobia of sexual intercourse in a woman. *Brit. J. Psychother.*, 18: 1: 7–21.

Bion, W.R. (1991a) “Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica”. *Melanie Klein: Desenvolvimentos da teoria e da técnica*, Vol.1. Rio de Janeiro: Imago (original publicado em 1957).

Bion, W.R. (1991b). “Ataques ao elo de ligação”. In: *Melanie Klein: Desenvolvimentos da teoria e da técnica*, Vol.1. Rio de Janeiro: Imago (original publicado em 1959).

Bion, W.R. (1991c) “Uma teoria do pensar” Em: *Melanie Klein: Desenvolvimentos da teoria e da técnica v.1*, Rio de Janeiro: Imago (original publicado em 1961).

Bion, W.R. (1988). *Learning from experience*. London: Karnac (original publicado em 1962).

Bion, W.R. (2004). *Transformações*. Rio de Janeiro: Imago (original publicado em 1965).

Bott-Spillius *et al.* (2011) *The new dictionary of kleinian thought*. Londres: Routledge.

Cassorla, R. (2016) “Campo analítico” Em: *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment*. São Paulo: Blucher.

Ciccione, A. (2012) *La transmission psychique inconsciente: Identification projective et fantasme de transmission*. Paris: Dunod.

Ciccione, A. (2013) “La part bébé du soi et les formes primaires de la subjectivité” In: *Formes primaires de symbolisation*. Paris: Dunod.

Cintra, E. & Ribeiro, M. (2018) *Por que Klein?* São Paulo: Zagodoni.

Chuster, A. *et al.* (2014) *W.R Bion: a obra complexa*. Porto Alegre: Sulina.

Chuster, A. *et al.* (1999) *Novas leituras: dos modelos científicos aos princípios ético-estéticos*, vol.1 parte teórica. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Chuster, A. *et al.* (2014) *W. R Bion: a obra complexa*. Porto Alegre: Sulina.

De Vleminck, J. (2018). The Dark Truth of Love: A Freudian Phenomenology of Hatred. *Baltimore: American Imago*, 75(3), 365-387.

Faimberg, H. (2003) “À l’écoute du télescopage des générations: pertinence psychanalytique du concept” In: *Transmission de la vie psychique entre générations*. Paris: Dunod.

Favalli, P.H (1999) O campo psicanalítico: considerações sobre a evolução do conceito. *Revista Latino-Americana de Psicanálise – FEPAL*, v.3, n.1, julho de 1999.

Ferenczi, S. (2011) Transferência e introjeção. Em: *Obras completas* (Vol.1). São Paulo: Martins Fontes (originalmente publicado em 1909).

Ferro, A. (2019). *Na sala de análise: emoções, relatos, transformações*. Editora Blucher. Disponível em: <https://bookshelf-activate.vitalsource.com/books/9788521214526>

Ferro, A. “O pensamento de Bion e suas fertilizações: desdobramentos clínicos”. Em: *Evitar as emoções, viver as emoções*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

Freud, S. (2010a) Las neuropsicosis de defensa. Em: *Obras completas* (Vol.3). Buenos Aires: Amorrortu. (originalmente publicado em 1894).

Freud, S. (2010b) Estudios sobre la histeria. Em: *Obras completas* (Vol.2). Buenos Aires: Amorrortu. (originalmente publicado em 1895).

Freud, S. (2010c). La herancia y la etiología de las neurosis. Em: *Obras completas* (vol.3). Buenos Aires: Amorrortu. (originalmente publicado em 1896).

Freud, S. (2010d) Psicopatologia de la vida cotidiana. Em: *Obras completas* (Vol.6). Buenos Aires: Amorrortu (originalmente publicado em 1901).

Freud, S. (2010e). Tres Ensayos de teoría sexual. Em: *Obras completas* (Vol.7). Buenos Aires: Amorrortu. (originalmente publicado em 1905)

Freud, S. (2010f). Análisis de la fobia de un niño de cinco años (el pequeño Hans). Em: *Obras completas* (Vol.10). Buenos Aires: Amorrortu. (originalmente publicado em 1909).

Freud, S. (2010g) A dinâmica da transferência. Em: *Obras completas* (Vol.10). São Paulo: Companhia das Letras (originalmente publicado em 1912).

Freud, S. (2010h) Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. Em: *Obras completas* (Vol.10). São Paulo: Companhia das Letras (originalmente publicado em 1912).

Freud, S. (2010i) O início do tratamento. Em: *Obras completas* (Vol.10). São Paulo: Companhia das Letras (originalmente publicado em 1913).

Freud, S. (2010j) A predisposição à neurose obsessiva. Em: *Obras completas* (Vol.10). São Paulo: Companhia das Letras (originalmente publicado em 1913).

Freud, S. (2010k) Introdução ao narcisismo. Em: *Obras completas* (Vol.12). São Paulo: Companhia das Letras (originalmente publicado em 1914).

Freud, S. (2010l) O inconsciente. Em: *Obras completas* (Vol.12). São Paulo: Companhia das Letras (originalmente publicado em 1915).

Freud, S. (2010m) Os instintos e seus destinos. Em: *Obras completas* (Vol.12). São Paulo: Companhia das Letras (originalmente publicado em 1915).

Freud, S. (2010n) Luto e melancolia. Em: *Obras completas* (Vol.12). São Paulo: Companhia das Letras (originalmente publicado em 1917).

Freud, S. (2010o) Além do princípio do prazer. Em: *Obras completas* (Vol.14). São Paulo: Companhia das Letras (originalmente publicado em 1920).

Freud, S. (2011a) Psicologia das massas e análise do eu. Em: *Obras completas* (Vol.15). São Paulo: Companhia das Letras (originalmente publicado em 1921).

Freud, S. (2011b) O eu e o id. Em: *Obras completas* (Vol.16). São Paulo: Companhia das Letras (originalmente publicado em 1923).

Freud, S. (2012) Totem e Tabu. Em: *Obras completas* (Vol.11). São Paulo: Companhia das Letras (originalmente publicado em 1913)

Freud, S. (2013) Notas sobre um caso de neurose obsessiva. Em: *Obras completas* (Vol.9). São Paulo: Companhia das Letras (originalmente publicado em 1909).

Freud, S. (2016) Análise fragmentária de uma histeria (Caso Dora). Em: *Obras completas* (Vol.6). São Paulo: Companhia das Letras (originalmente publicado em 1905 [1901]).

Freud, S (2019) Interpretação dos sonhos. Em: *Obras completas* (Vol.4). São Paulo: Companhia das Letras (originalmente publicado em 1900).

Grotstein, J. (2007/2010) Um facho de intensa escuridão: o legado de Wilfred Bion à psicanálise. Porto Alegre: Artmed.

Heimann, P. (2005) “On countertransference” In: *About Children and Children-No-Longer: Collected Papers 1942-80*. Londres: Routledge (originalmente publicado em 1950).

Hinshelwood, R.D.(1992) *Diccionario del pensamiento kleiniano*. Buenos Aires: Amorrortu (originalmente publicado em 1989).

Jones, E. (1948) “Hate and anal erotism in the obsessional neurosis” Em: *Papers on psycho-analysis*. Londres: Karnac (originalmente publicado em 1918).

Joseph, B. “Transferência: a situação total”. Em: *Equilíbrio psíquico e mudança psíquica*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

Kaes, R. (2002) Le problème psychanalytique du générationnel : objets, processus et dispositifs d’analyse. *Filigrane*, vol.11, p.109-120.

Kaes, R. (2003) “Introduction au concept de transmission psychique dans la pensée de Freud” In: *Transmission de la vie psychique entre générations*. Paris: Dunod.

Klein, M. (1991a) “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides” Em: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1946).

Klein, M. (1991b) “As origens da transferência” Em: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1952).

Klein, M. (1991c) "Sobre a identificação" Em: Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1955).

Klein, M. (1991d) "Inveja e gratidão" Em: Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1957).

Klein, M. (1991e) "Nosso mundo adulto e suas raízes na infância" Em: Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1959).

Klein, M. (1996a) "O desenvolvimento de uma criança" Em: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1921).

Klein, M. (1996b) "Inibições e dificuldades na puberdade" Em: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1922).

Klein, M. (1996c) "Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas" Em: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1926).

Klein, M. (1996d) "Simpósio sobre análise de crianças" Em: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1927).

Klein, M. (1996e) "Tendências criminosas em crianças normais" Em: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1927).

Klein, M. (1996f) "Estágios iniciais do conflito edipiano" Em: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1928).

Klein, M. (1996g) "Personificação no brincar das crianças" Em: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1929).

Klein, M. (1996h) “A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego” Em: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1930).

Klein, M. (1996i) “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos” Em: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1935).

Klein, M. (1996j) “O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos” Em: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1940).

Klein, M. (1996k) “O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas Em: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1945).

Klein, M. (1997a) "A técnica da análise de crianças pequenas" Em: A psicanálise de crianças. Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1932).

Klein, M. (1997b) "Fundamentos psicológicos da análise de crianças" Em: A psicanálise de crianças. Rio de Janeiro: Imago (texto originalmente publicado em 1932).

Kohut, H. (2009) *The analysis of the self: a systematic approach to the psychoanalytic treatment of narcissistic disorders*. Chicago: University of Chicago Press (originalmente publicado em 1971).

Meltzer, D. (2005a). Towards a structural concept of anxiety. In D. Meltzer, *Sincerity and Other Works*, ed. A. Hahn, London: Karnac, 1994, pp. 3–21 (originalmente publicado em 1955).

Meltzer, D. (2005b) “Adhesive identification” Em: *Sincerity and other works: collected paper of Donald Meltzer*. Londres: Karnac (originalmente publicado em 1974)

Meltzer, D. (2018) *O claustro: uma investigação dos fenômenos claustrofóbicos*. São Paulo: Blucher (originalmente publicado em 1992).

Meltzer, D & Bick, E. (1994). Lectures and seminars in Kleinian child psychiatry. In D. Meltzer, *Sincerity and Other Works*, ed. A. Hahn, London: Karnac, pp. 35–89 (originalmente publicado em 1960).

Mezan, R. (2019) *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. São Paulo: Blucher (originalmente publicado em 2014).

Menezes, L. (1991). Questões sobre o ódio e a destrutividade na metapsicologia freudiana. *Percurso*, 7, 17-23. Recuperado em 01 de janeiro de 2021, de http://revistapercurso.uol.com.br/pdfs/p07_texto03_ano03.pdf

Money-Kyrle, R. (1996) “Contratransferência normal e alguns de seus desvios” In: *Obras Selecionadas de Roger Money-Kyrle*. São Paulo: Casa do Psicólogo (originalmente publicado em 1956).

Neri, C. “A noção ampliada de campo em psicanálise”. Em: R, Basile & A, Ferro (orgs.) *Campo analítico: um conceito clínico*. Porto Alegre: Artmed. 2013

Nietzsche, F. (1992). *Para além de bem e mal*. São Paulo: Companhia das Letras. (originalmente publicado em 1886).

Racker, H. (1982a) “A neurose de contratransferência” In: *Estudos sobre técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas (originalmente publicado em 1948).

Racker, H. (1982b) “Os significados e usos da contratransferência” In: *Estudos sobre técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas (originalmente publicado em 1953).

Rosenfeld, H. (1971). A Clinical Approach to the Psychoanalytic Theory of the Life and Death Instincts: An Investigation Into the Aggressive Aspects of Narcissism. *Int. J. Psycho-Anal.*, 52:169-178.

Simanke, R. T. Além do bem e do mal. Algumas considerações sobre a visão psicanalítica do ódio. *Revista Brasileira de Psicanálise* 53, n.1, 125-150.

Sorensen, P.B (2016) Degrees of entrapment: living and dying in the claustrum. *Journal of Child Psychotherapy*, 42:1, 45-53, DOI: [10.1080/0075417X.2016.1140875](https://doi.org/10.1080/0075417X.2016.1140875)

Tustin, F. (1980) Austitic objects. *International Review of Psycho-Analysis*, n.7 (1), Londres: Routledge, 27-40.

Tustin, F. (1981/1984) Estados autísticos em crianças. Rio de Janeiro: Imago.

Tustin, F. (1984) Autistic shapes. *International Review of Psycho-Analysis*, n.11, Londres: Routledge, 279-290.

Tustin, F. (1992) *Autistic states in children*. Londres: Routledge (original publicado em 1981).

Winnicott, D.W. (1975) *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago (original publicado em 1971).

Winnicott, D.W. (2000) “A preocupação materna primária”. In: *Da pediatria a psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago (original publicado em 1956).

Willoughby, R. (2001) The dungeons of thyself: the claustrum as pathological container. *International Journal of Psychoanalysis*, 82:5, 917-931, DOI: [10.1516/B53C-KLBD-KKWB-AN74](https://doi.org/10.1516/B53C-KLBD-KKWB-AN74)